

**O Brasil no FMI  
INJEÇÃO  
DE RECURSOS  
E RECESSÃO  
NA ECONOMIA**

Página 4

**Solos  
APESAR DAS  
CHUVARADAS  
OS ESTRAGOS  
SÃO MENORES**

Última página

**Arroz  
CUSTO FICOU  
MAIS ALTO  
COM ATRASO  
NO PLANTIO**

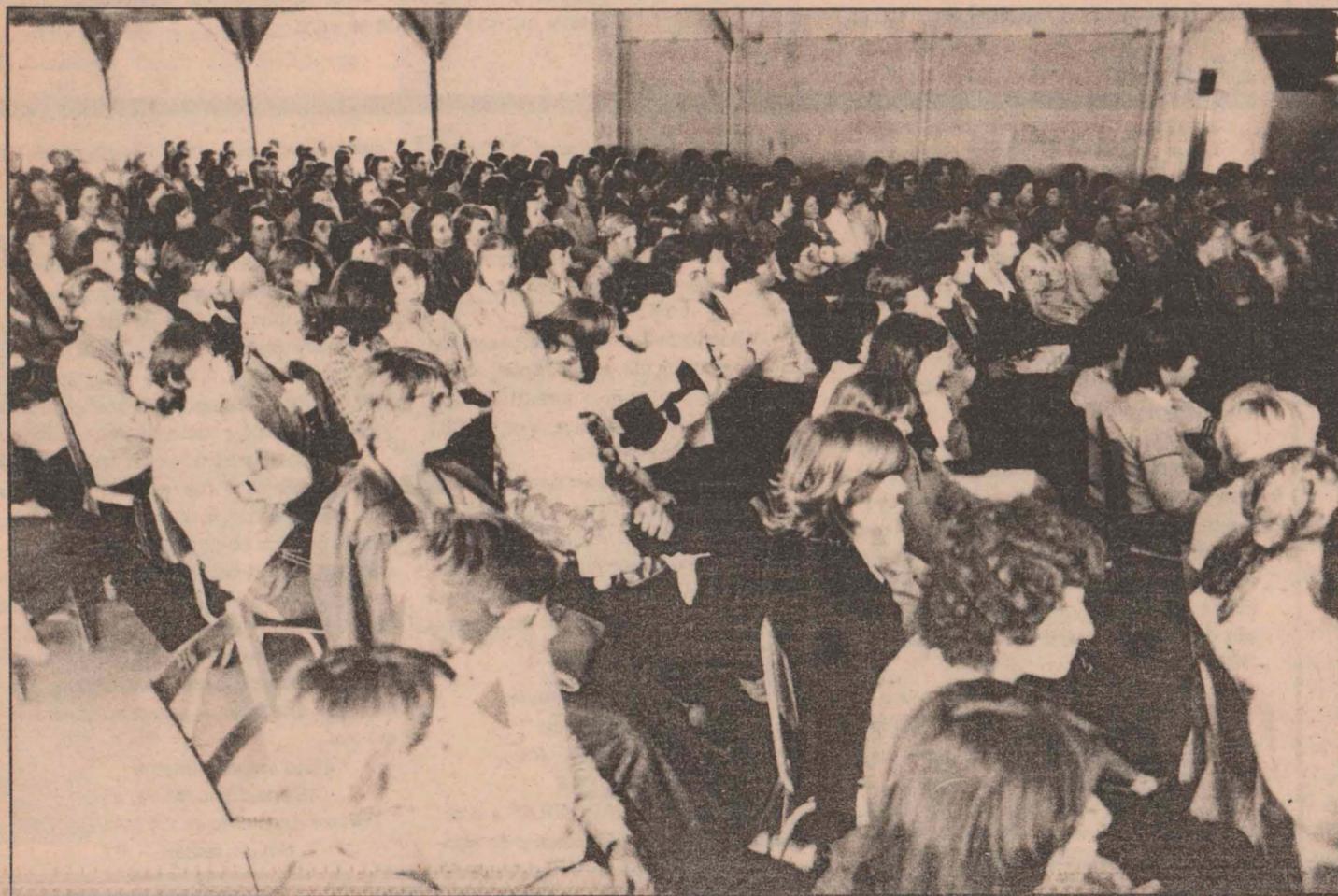
Página 7

**Pesquisa  
O ESTUDO  
DA NATUREZA  
DA CRISE NAS  
COOPERATIVAS**

Página 3



## CONQUISTAR SEU ESPAÇO



*O reconhecimento da mulher rural como trabalhadora é uma questão fundamental para a conquista de seu espaço de atuação e participação. Isto, porém, somente será conseguido com muita luta, como ficou bastante claro durante as discussões de dois encontros de integração de mulheres rurais da área de ação da Cotrijuí.*

Página 14

COOPERATIVA REGIONAL  
TRITICOLA SERRANA LTDA.



Rua das Chácaras, 1513  
Caixa Postal 111 - Ijuí, RS  
Fone: PABX - (055) 332-2400  
Telex: 0552199

CGC ICM 065/0007700  
Inscr. INCRA N.º 248/73  
CGC MF 90.726.506/0001-75

ADMINISTRAÇÃO

Diretoria Executiva

Presidente:

Ruben Ilgenfritz da Silva

Vice-presidente:

Arnaldo Oscar Drews

Superintendente:

Clóvis Adriano Farina

Diretores Contratados:

Euclides Casagrande, Nedy Rodrigues Borges, Oswaldo Olmiro Meotti, Valdir Zardin, Rui Polidoro Pinto, Bruno Eisele, Renato Borges de Medeiros.

Conselheiros (Efetivos)

Waldemar Michael, Walter Luiz Driemeyer, Arnaldo Hermann, Telmo Rovero Roos, Joaquim Librelotto Stefanello, Reinholdo Luiz Kommers.

Conselheiros (Suplentes)

Rodolfo Gonçalves Terra, Euclides Marino Gabbi, Constantino José Goi, Vicente Casarin, Ido Marx Weiller, Erni Schünemann.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Antonio Bandeira, Rui Adelino Raguzzani, João Telló.

Conselho Fiscal (Suplentes)

José Carlos Vione, Antoninho Boiarski Lopes, Mário Hendges.

Capacidade em Armazenagem:

LOCAL	INSTALADA
Ijuí	164.000 t
Ajuricaba	33.000 t
Augusto Pestana	33.000 t
Chiapetta	60.000 t
Cel. Bicaco	40.000 t
Sto. Augusto - Sede	77.000 t
Sto. Augusto - Esq. Umbú	50.000 t
Ten. Portela	60.800 t
Jóia	67.000 t
Rio Grande	220.000 t
Dom Pedrito	45.000 t
Maracajú - Sede	65.000 t
Maracajú - Vista Alegre	17.000 t
Sidrolândia	52.000 t
Rio Brilhante	29.000 t
Dourados - Sede	82.000 t
Itaum (Dourados)	26.000 t
Indápolis (Dourados)	17.000 t
Douradina	17.000 t
Caarapó	17.000 t
Ponta Porã - Posto Gualba	42.000 t
Itaporã - Montese	17.000 t
Campo Grande - Anhanduí	17.000 t
Aral Moreira - Tagi	17.000 t
Bonito	17.000 t



COTRIJORNAL

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

Nossa tiragem: 18.500 exemplares

Associado da ABERJE



Associado da

CAJOCOOP

Registrado no Cartório de Títulos e Documentos do município de Ijuí, sob número 9.

Certificado de marca de propriedade industrial M/C11 número 022.775 de 13.11.73 e figurativa M/C11 número 022.776, de 13.11.73.

REDAÇÃO

Christina Brentano de Moraes  
Dária C. Lemos de Brum Lucchese  
Moisés dos Santos Mendes

Composto no Jornal da Manhã, em Ijuí, e impresso no Jornal do Comércio, em Porto Alegre.

Ao leitor

Mulher rural não é doméstica. É trabalhadora. E como trabalhadora tem direito a uma série de benefícios que até hoje não conseguiu conquistar. E não conquistou porque nem como trabalhadora sequer ela é reconhecida. É o direito a este reconhecimento, é o direito a uma aposentadoria depois de dezenas de anos de lida na roça, de um seguro por acidentes de trabalho, de uma garantia de atendimento a sua saúde, e também o direito de participar ativamente das instituições que mantêm com a renda gerada por seu trabalho.

Estes são todos direitos que a mulher não vai conseguir se esperar que alguém se lembre disto e venha a dar, de bandeja, para ela. Direitos não se ganha, se conquista. E a vitória só vem com luta, como as trabalhadoras da cidade podem comprovar se analisarem de que jeito foi que conseguiram alguma coisa a mais do que têm as mulheres rurais. Esta é uma luta que depende da organização e da consciência da mulher de que seu trabalho vale alguma coisa e tem que ser reconhecido, inclusive por ela própria.

Foi para este lado que enveredaram as discussões de dois encontros de integração de mulheres rurais promovidos pelo departamento de Comunicação e Educação da Cotrijornal, em Ijuí e em Augusto Pestana. No total, cerca de 800 mulheres debateram a situação que vivem no seu dia-a-dia de trabalho duplo: dentro de casa e na roça, onde são responsáveis por cerca de 50 por cento dos alimentos produzidos na propriedade rural. Além de integrar as participantes das reuniões de núcleo, os encontros ainda tinham a intenção de proporcionar um melhor entendimento da atual crise do setor agropecuário e do papel da mulher nesta sociedade dos dias de hoje. Confira na página 14.

Foi também tentando entender a natureza da crise que está atingindo o setor primário e, especialmente, as cooperativas, que um grupo de pesquisadores e estudiosos se reuniu durante o finalzinho de novembro e início de dezembro. Entre uma consideração e outra, chegaram à conclusão de que, de tão complexo, o assunto merece uma pesquisa mais profunda. Algumas interpretações já estão sendo feitas, como se pode ver na matéria que está na página 3. Uma destas interpretações é de que a pequena propriedade — que representa, na média, 80 por cento dos associados das cooperativas — está em crise há muito tempo. Só que a crise da pequena propriedade é um pouco diferente da crise geral que agora também atinge outros setores de produção, inclusive as cooperativas.

Do leitor

QUESTIONÁRIO

A Biblioteca Estadual de Agricultura — BEAGRI — RS, unidade descentralizada do SNIDA — Sistema Nacional de Informação e Documentação Agrícola enviou em 5 de julho p.p. a Circular n.º 2/82 encaminhando OF. BIN/GAB/n.º 130/82, de 24 de maio p.p. da Biblioteca Nacional de Agricultura BINAGRI Unidade Central do SNIDA, juntamente, com dois (2) questionários.

O Questionário n.º 1 — Instituição, e, o Questionário n.º 2 — Bibliotecas, Centros E/ou Serviços de Informação e Documentação visam a elaboração de um "Guia de Fontes de Informação sobre Agricultura", bem como, conhecer a realidade brasileira no setor para a programação de ações por parte do SNIDA/BINAGRI.

Nesta oportunidade, dirigimo-nos a Vossa Senhoria para reiterar sua colaboração no preenchimento dos questionários e devolução na maior brevidade.

O endereço é: Biblioteca Nacional de Agricultura — Setor Comercial Norte

— 2 Bloco E — Caixa Postal 10.2432 — 70.710, Brasília, DF.

Sem mais, atentamente

Maria Olinda Correa Magrissio

Bibliotecária, Secretária da Agricultura

Porto Alegre — RS

PERMUTA

Visando maior relacionamento profissional e troca de experiências, venho sugerir permuta entre o jornal A NOTÍCIA, de São Luiz Gonzaga, e o COTRIJORNAL, sob sua direção.

A NOTÍCIA é bimensual, com área de abrangência em Santo Antônio das Missões, São Nicolau e Bossoroca. Certo de uma resposta positiva, tomo a liberdade de enviar o nosso jornal a partir desta data, contando, desde já, com sua reciprocidade.

Cordialmente

João Newton Vargas Alvim

Editor de "A Notícia"

São Luiz Gonzaga — RS

ILUSTRAÇÕES

A Revista "A LAVOURA" é o órgão oficial da Sociedade Nacional de Agri-

cultura, editada ininterruptamente há mais de 85 anos.

Quem dizia, para contrariar a opinião da maioria, que os subsídios à agricultura seriam mantidos como estão, errou feio. As previsões, de que o crédito subsidiado estava ameaçado, são confirmadas agora. Estão praticamente definidas as medidas que implicarão num novo aumento no juro de custeio da lavoura, e na redução da parcela correspondente ao VBC que é recebida com taxa de 45 por cento. Isto acontece porque o país teve, finalmente — e também depois de desmentidos insistentes —, que recorrer ao FMI, o Fundo Monetário Internacional.

O FMI vai emprestar dinheiro ao Brasil, mas exige em troca uma série de medidas que não provocam alarme apenas entre os produtores. O Fundo pede, em síntese, que o país adote uma política recessiva, que estanque seu crescimento, e isso se traduz em falência de empresas, desemprego. Há quem diga que ninguém deve se assustar muito com as previsões pessimistas, mas poucos, na verdade, são os que têm motivo para acreditar em dias melhores, e estes são, aliás, os que irão tirar proveito desta crise toda.

No início de dezembro, até o presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, que andou visitando o Brasil, disse que há esperanças. Reagan anunciou, inclusive, que os EUA ajudariam o Brasil com um empréstimo de um bilhão e 200 milhões de dólares. O problema é que, de ajuda em ajuda, o país não chega a melhorar sua situação, e sua dívida externa não mostra sinais de que possa emagrecer. É disso tudo que falamos a partir da página 4.

No meio de tantas situações críticas, existe alguma coisa para comemorar no trabalho do agricultor. Os solos, apesar de tanta chuva e da frustração geral das lavouras de inverno, resistiram muito mais à erosão do que em anos anteriores. Isto porque existe uma nova consciência no tratamento dado ao solo, com o entendimento de que ele é único e um patrimônio de todos. Se fosse em outra época, talvez nem sobrasse solo para fazer as lavouras seguintes, mesmo que a chuvarada tenha exigido replantio e gastos adicionais com as safras de verão. Veja na última página.

E temos, com esta edição, um motivo especial para também comemorar. O Cotrijornal chegou no seu centésimo número. São 100 edições que chegaram na casa do produtor, levando informação e também tentando buscar junto com o associado o entendimento deste mundo em que se vive.

Tem circulação entre todos os associados da entidade, além de assinaturas, autoridades governamentais, técnicos e outros interessados no setor agrícola.

Estamos em fase de reformulação, editorial e gráfica de nossa Revista, com o objetivo de levar à classe rural brasileira informações precisas e atualizadas sobre a realidade agrícola nacional.

Gostariamos de poder contar com a colaboração de V.Sas. no sentido de que nos sejam enviados, a título de cortesia, slides, cromos coloridos e fotos, com respectivas identificações, relativos a Produtos agrícolas e agricultura em geral para ilustração de artigos técnicos, a serem publicados na Revista "A LAVOURA".

Antecipadamente gratos pela atenção que dispensar à presente, subscrevemo-nos.

Muito atentamente

Cristina Lúcia Náufel Baran

Editora Assistente de "A LAVOURA"

Rio de Janeiro — RJ



# QUE CRISE É ESTA?

Identificar e qualificar a crise econômica que atinge as cooperativas e os produtores rurais era um dos objetivos específicos de um encontro que reuniu os nomes mais expressivos de pesquisadores e estudiosos da questão cooperativista nos estados do Sul do Brasil. Mas depois de três dias de discussões, durante o 1º Seminário Regional Sul sobre Pesquisa Cooperativa, estes estudiosos apenas conseguiram trocar e complementar mais informações sobre a questão. De tão amplo e complexo, eles entenderam que este é um dos primeiros trabalhos de pesquisa que deve ser feito para entender melhor esta tal crise e tentar apontar as formas de superá-la.

Este Seminário foi promovido pela Fecotrigo no seu Centro de Experimentação e Pesquisa, em Cruz Alta, contando com a colaboração da Fidene e o apoio financeiro do CNPq (Centro Nacional de Pesquisas). Encontros desta natureza também já foram realizados pelo CNPq no Nordeste e em São Paulo. Além da Fecotrigo e Fidene, também participaram técnicos e pesquisadores da Cotrijuf, OCERGS, Fetag, Unisinos, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, Fundação de Economia e Estatística, Cotriguaçu (do Paraná), Organização dos Estados Americanos, e ainda Secretaria da Agricultura do estado de São Paulo.

## TRABALHOS PARALELOS

A preocupação com a crise das cooperativas, como se pôde ver durante o seminário, inclusive já existe dentro das instituições de ensino e de pesquisa. Tanto que muitas delas já estão até mesmo desenvolvendo alguns trabalhos para tentar identificar melhor o que provocou a atual situação de dificuldade que elas enfrentam. O interessante é que estes trabalhos vinham sendo feitos de forma isolada, sem que os pesqui-

sadores soubessem o que um e outro vinham estudando. Isto aconteceu, por exemplo, quando tanto a Fidene, como a PUC e a Unisinos falaram que estavam desenvolvendo um projeto para manter um arquivo completo de informações sobre o sistema cooperativista. A partir do seminário ficou definida uma integração maior entre estas instituições preocupadas com a questão cooperativista, viabilizando e racionalizando os estudos sobre o assunto.

De acordo com os estudiosos, como muito bem foi sintetizado por Mário Osório Marques, da Fidene, "os problemas com que se deparam hoje as organizações cooperativistas do Rio Grande do Sul são de tal ordem que não podem ser enfrentados sem o auxílio da ciência. Exige-se a compreensão do que está acontecendo, de suas razões e perspectivas a médio e longo prazo". A atual crise, por exemplo, não é coisa que surgiu de um momento para o outro. Sem um trabalho profundo, que procure identificar todas as causas, desde a sua raiz, será muito difícil entender o que está acontecendo e também propor as soluções mais adequadas. "Corre-se sempre o risco", como afirma Telmo Rudi Frantz, assessor da Fecotrigo, "de analisar a crise das cooperativas co-

mo empresa, sem analisar a questão da crise para os diferentes tipos de produtores associados às cooperativas".

## CRISE DE QUEM?

Uma das constatações dos pesquisadores, por exemplo, é que a pequena propriedade sempre esteve em crise, mesmo na época da aparente rentabilidade da soja. Diz o Telmo:

— Para a pequena propriedade, a crise é provocada pela falta de terra, pela impossibilidade de aumentar as condições de trabalho. Para que toda família possa sobreviver na propriedade, é preciso condições de acesso à terra, pelo menos dentro deste modelo de produção que envolve as grandes culturas, o trigo e a soja.

A tentativa dos pesquisadores, daqui para a frente, será identificar com clareza porque a pequena propriedade sempre esteve em crise — como eles mesmo concluem em seus trabalhos — e qual a crise que agora também vem refletir dentro das cooperativas. Enquanto todo mundo fala em crise, como explica Telmo, é preciso também esclarecer quem realmente está passando por momentos de reais dificuldades. Os bancos, por exemplo, têm alcançado grandes margens de lucratividade. Tanto, que os bancos mais rentáveis de todo mundo durante o ano de 1981 foram exatamente instituições — nacionais ou estrangeiras — estabelecidas no Brasil.

## PROCESSO ARTIFICIAL

"As cooperativas declararam crise", segundo Adelar Francisco Baggio, presidente da Fidene e um dos painelistas do Seminário, "quando perceberam que não conseguiam mais cumprir seus compromissos financeiros. Até um determinado momento existiam recursos abundantes e baratos, e aí as

cooperativas cresceram se endividando, assim como também seus produtores se enviduaram".

De acordo com Baggio o setor agrícola de produção foi envolvido numa teia de dependência, com financiamentos específicos planejados pelas multinacionais de uma forma global. Elas construíram a dependência de uma forma integrada, envolvendo o produtor de uma forma, a cooperativa de outra:

— Até quando isto era interessante elas agiram desta forma. Mas como este é um processo econômico artificial, ele se esgota, e deixa de ser interessante para estas empresas continuarem "investindo" numa determinada região. Aí começam as dificuldades, porque a agricultura foi praticada de uma forma predatória, e o processo de crise é explicado como consequência de práticas tecnológicas erradas ou por fatores climáticos. Mas estas explicações escondem as verdadeiras razões, que são de ordem política, econômica e social.

## AS LINHAS DE PESQUISA

Estes aspectos todos deverão ser levados em conta pelos pesquisadores nos trabalhos que desenvolverão para caracterizar melhor as coisas que estão acontecendo. Para isto, eles também definiram algumas linhas de pesquisa, englobando três áreas de estudo. Uma delas é ligada mais às questões sócio-econômicas; a outra tem um caráter administrativo e gerencial das cooperativas; e uma terceira na área técnico-agronômica, cujos problemas, inclusive, foram considerados mais de ordem política do que propriamente técnica.

Uma destas linhas de pesquisa está ligada ao tema "Sociedade-Estado-Cooperativas", tentando identificar as relações existentes. Uma segunda linha é a de análise do trabalho dentro do sistema cooperativista, tanto a relação das cooperativas com seus funcionários, como com o quadro social e dos associados entre si. Também foi aprovada uma proposta de pesquisa ligada ao tema "Políticas agrícolas e cooperativismo". Uma quarta linha definida propõe um questionamento das tecnologias agrícolas adotadas nas regiões onde atuam as cooperativas, tentando também recuperar os sistemas de cultivo conhecidos historicamente pelos produtores.

No final do Seminário foram definidas as formas práticas de levar adiante — agora de uma forma conjunta — os trabalhos desenvolvidos pelas instituições de pesquisa e ensino. É intenção também fazer com que estes estudos sejam discutidos com as cooperativas e os produtores, que podem auxiliar inclusive no levantamento de novas questões.



Telmo Frantz: crise de quem?



Adelar Baggio: dependência



Um dos primeiros trabalhos dos pesquisadores: identificar a crise

# O REFLEXO DO APERTO

Dois anos depois de terem iniciado os boatos de que o Brasil iria recorrer ao FMI, as autoridades brasileiras decidiram de fato solicitar recursos ao Fundo Monetário Internacional. Para a maioria da população, esta sigla ainda é algo a ser melhor decifrado. O que ela significa para a economia do país? Significa ameaça de um maior aperto, segundo as previsões que se anunciam. Para os produtores, especificamente, a ida ao FMI quer dizer redução nos subsídios à agricultura, com juros para custeio ainda mais altos e crédito escasso.

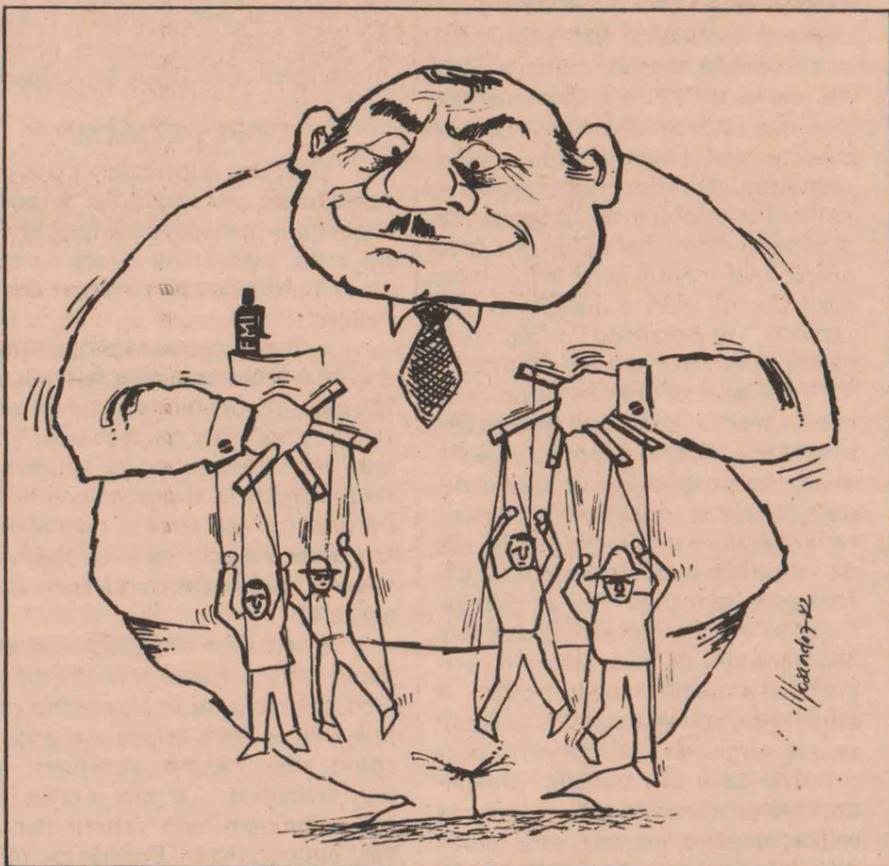
O Brasil recorre ao FMI para que o Governo consiga pelo menos levar adiante a administração da sua dívida externa, que já passou dos 80 bilhões de dólares. Acontece que esta dívida chegou ao ponto de se tornar praticamente insuportável, apesar de tudo o que já foi dito na tentativa de anunciá-la como algo que pode ser controlado. Ela vem crescendo como bola de neve, ano a ano, e não só compromete toda a economia nacional como põe em risco (veja ao lado), junto com os débitos de outros países, a estrutura financeira mundial.

## DIAGNÓSTICO

A certeza de que o Brasil iria recorrer ao FMI, que é uma espécie de fundo de reserva para os países que devem muito, surgiu com a chegada de um grupo de técnicos estrangeiros, que no dia 22 de novembro desembarcou em Brasília. Estes técnicos vieram examinar de perto a situação do país, para que depois disso o Fundo tenha dados suficientes para fazer um completo diagnóstico das finanças brasileiras e impor suas condições na hora de liberar o empréstimo solicitado, que anda ao redor de 6 bilhões de dólares.

Este dinheiro será liberado parceladamente, mas para que isso aconteça o governo terá que adotar uma série de medidas que o FMI impõe como necessárias. São decisões drásticas, que não prometem dias melhores. Conforme a previsão de especialistas, o Fundo vai querer que o governo reduza seus gastos, que os salários dos trabalhadores sejam também reduzidos, que os bancos emprestem pouco dinheiro e os juros sejam altos, que o cruzeiro seja ainda mais desvalorizado, que se deixe de lado os investimentos e que se retire ainda mais o subsídio à agricultura.

Em síntese, o FMI deverá sugerir que a economia brasileira pare de crescer, e a isso é o que se chama de recessão. Claro que nem tudo pode acontecer segundo as previsões, mas é geralmente isso o que o FMI propõe aos países que tomam seu dinheiro emprestado. As consequências de medidas como estas são



também mais ou menos previsíveis: falência de pequenas e médias empresas, desemprego e o agravamento de outros problemas sociais.

## JURO BAIXO

O alarma é grande, em quase todos os setores da economia, e justifica a preocupação que existe desde o final de 1980, quando começou a se especular que o Brasil iria pedir socorro ao Fundo. Segundo o ministro da Fazenda, Ernane Galvão, esta decisão ficou acertada mesmo em setembro deste ano, e por isso os técnicos vieram ao Brasil fazer o levantamento que, a princípio, chegou a ser desmentido como evidência de que o governo pediria dinheiro ao FMI.

O volume de recursos a ser concedido é pouco, mas o juro é baixo. O Brasil vai pagar juros de mais ou menos 6 por cento ao ano, enquanto que no mercado financeiro normal a taxa está a 15 por cento. No primeiro trimestre de 83, sairá a primeira parcela, de dois bilhões de dólares, e o restante será parcelado nos dois anos seguintes.

As operações são bastante complicadas para quem não é especialista no assunto, e envolvem um incompreensível palavreado inglês, como *extended credit facilities*, que na linguagem do pessoal que lida com finanças quer dizer, "financiamento com crédito facilitado"; *buffer stock*, que significa "estoque regulador"; *waver*, traduzido como "tratamento de exceção"; e *stand by*, que seria, no português destes técnicos, "linha de crédito que exige medidas econômicas restritivas".

## 15 VEZES

Esta não é a primeira vez que o Brasil recorre ao Fundo, mas é agora que o país enfrentará, como não ocorreu antes, determinações vindas diretamente de fora, para controle de sua economia. Nas 15 vezes anteriores, o governo não chegou a ser submetido a todas as restrições que o FMI deverá exigir que se execute a partir do próximo ano. O Brasil começou a pedir dinheiro ao Fundo em 1949, e o último empréstimo, sem maiores exigências, foi conseguido em 1965, no governo Castelo Branco.

Este ano, além do Brasil, pelo menos outros dois países recorreram ao FMI aceitando suas imposições, por precisar de bastante dinheiro, e estes são o México e a Argentina. Outras nações também solicitaram empréstimos, mas dentro das faixas mais "suaves", como ocorreu com o Uruguai, a Costa Rica, Chile, Panamá e Jamaica. E isto ocorre porque o aperto é meio que geral, nos países menos desenvolvidos, que se submetem aos desmandos de uma política financeira internacional que não poupa os mais fracos.

Para alguns, como o ex-ministro Mário Henrique Simonsen, "o FMI não é um bicho papão", mas para muitos — talvez a maioria — o Fundo provoca motivos de sobra para provocar um clima de desesperança. Afinal, se o dinheiro é emprestado com a condição de que uma nação pare de crescer, quem se arrisca a dizer que a hora comporta algum otimismo?

## As prováveis medidas que serão recomendadas

São muitas as especulações em torno das prováveis recomendações que o FMI fará ao governo brasileiro. Talvez leve algum tempo para que se fique sabendo o que vai realmente acontecer. Mas isso não impede que sejam levantadas hipóteses, como as relacionadas abaixo, que são analisadas com base no que vem sendo divulgado e com a ajuda do professor Argemiro Jacó Brum, da Fidene:

- O Fundo deve recomendar redução nos gastos do governo e aumento na receita fiscal. Isso quer dizer que os investimentos públicos serão menores, e que pode acontecer aumento nos impostos e até o surgimento de novos tributos. O Finsocial, criado há pouco tempo, já atende antecipadamente a esta recomendação.

- Pode cair o reajuste semestral dos salários, que é considerado inflacionário. Se não cair, haverá talvez a retirada dos 10 por cento, dados acima do INPC (Índice Nacional dos Preços ao Consumidor), para quem ganha até três salários mínimos. O governo tem repetido que não mexe na política salarial, mas a questão é considerada importante pelo FMI.

- O FMI estaria entendendo que o dólar deve ser mais valorizado, com uma conseqüente desvalorização do cruzeiro. As saídas são estas: uma máxidesvalorização do cruzeiro, de imediato, como ocorreu em 79; uma desvalorização parcelada, mas em períodos curtos, que acelere as mudanças no câmbio; e uma desvalorização significativa, logo no início do ano, seguida de desvalorizações graduais.

- O Fundo quer mexer também em tudo que é subsídio, e não só no que se concede à agricultura, segundo se especula. Assim, poderia ser extinto ou reduzido ainda mais o subsídio à farinha de trigo, por exemplo, apesar de já ser quase insignificante, se comparado com o volume de recursos destinados até três anos atrás. O subsídio à agricultura também está na mira, mas é um caso para ser analisado à parte (veja na página ao lado).

- É preciso exportar, e bastante, segundo o FMI, e ao mesmo tempo importar menos. O problema é que estas relações de compra e venda entre os países enfrentam sérios impasses atualmente, como ficou claro num encontro do tal de GATT (Acordo Geral de Tarifas e Comércio), realizado em novembro em Genebra. Há muitos querendo vender e poucos dispostos a conceder facilidades para comprar.

- Outras medidas podem ser recomendadas, e nem todas as citadas devem, necessariamente, fazer parte do conjunto de decisões. Os planos seriam executados a partir de janeiro, e a recessão prevista duraria no mínimo uns três anos.

## O que mexe na agricultura

O que aconteceria se, de repente, o subsídio à agricultura deixasse totalmente de existir? Para o professor Argemiro Jacó Brum, que leciona Estudos de Problemas Brasileiros na Fidene, de Ijuí, "isto seria desastroso". Por entender que o risco seria muito grande, porque o fim imediato dos juros baixos de custeio agrícola provocaria uma completa desorganização no setor primário, é que ele não acredita na ameaça de que o subsídio pode simplesmente deixar de existir.

O que pode acontecer, segundo ele, é mais um corte neste subsídio, com um novo e gradual aumento nos juros dos financiamentos, como, afinal, já vem ocorrendo. É possível até que sejam aumentados somente os juros para médios e grandes produtores, e que se mantenha a taxa de 45 por cento para os pequenos. Mas estas são previsões, que levam em conta principalmente a tendência registrada nos últimos anos, e que já se enquadra nas prováveis recomendações do FMI.

### DÓLAR

Além da questão do subsídio, há outro aspecto de interesse direto do produtor, e que se relaciona com a taxa cambial. Se houver uma maxivalorização do dólar, o agricultor ganhará mais pela soja, como também serão beneficiados todos os outros exportadores. Mas é preciso considerar outro detalhe: assim como terá mais dólares quando vender, o agricultor terá igualmente que gastar mais quando comprar insumos modernos e outros produtos importados, pois estes são pagos em dólar. Comparando o que vende e o que compra, o produtor talvez saia perdendo, ou melhor, dificilmente sairá ganhando.

No geral, a verdade é que uma minoria irá tirar proveito de toda a situação a ser criada. "Toda a sociedade vai pagar por este sacrifício, mas poucos serão os beneficiados", como diz Argemiro Brum. Os problemas surgirão em cadeia, um como consequência do outro, e assim é que muitas empresas fecharão suas portas, ha-

verá mais gente desempregada, será reduzido ainda mais o poder aquisitivo da classe média, que é a que mais consome.

### RECESSÃO

Com uma população sem poder de compra, os preços deverão ser achatados, no comércio, conseqüentemente, na indústria. O dinheiro nos bancos será caro e escasso, poucos farão investimentos, não haverá, enfim, novas obras. "O FMI vai passar a administrar economicamente o Brasil", diz ele, lembrando que todo este quadro não chega a representar uma novidade, mas apenas o agravamento de uma situação que há tempos vem pendendo em direção a uma recessão.

"E isso acontecerá num país que, a cada ano, tem quase três milhões de novas bocas para alimentar", afirma o professor, para quem o agravamento das dificuldades enfrentadas pelo Brasil era mais ou menos previsível. É em função desta crise que o país recorre à linha mais dura de crédito do Fundo, e se vê obrigado a seguir orientações que lhe tiram a autonomia para decidir em torno de grandes e pequenas questões.

### CUSTOS

Com uma estagnação na economia, de acordo com a receita que o FMI costuma passar aos seus credores, o país pode reduzir sua inflação, mesmo que tal saída tenha um alto custo social. O governo brasileiro pretende, segundo Brum, terminar 83 com uma inflação de 70 por cento, contra os 95 por cento esperados para este ano.

Ele observa que o governo tentou reprimir a inflação, para que ela não estourasse antes das eleições, e por isso se prevê que o estouro deve acontecer apenas em janeiro, quando começam a ter repercussão algumas das últimas medidas tomadas este ano. "Para o governo — diz Brum — é questão de honra evitar que a inflação chegue a três dígitos (100 por cento ou mais), como se isso fosse muito importante. Com um pouco mais ou um pouco menos, nada se altera".

## Uma garantia aos Bancos

*De que forma o Fundo Monetário Internacional pode ajudar o Brasil, se em prestará 6 bilhões de dólares a um país que deve uma soma mais de 13 vezes superior a este valor? Para o professor Argemiro Brum, a explicação é simples: "O empréstimo não representa, na verdade, uma ajuda ao Brasil, mas uma garantia aos banqueiros internacionais". Acontece que, com este dinheiro, o país pode evitar um colapso total nas suas finanças, e reconquistar a confiança dos bancos estrangeiros.*

*O FMI existe para socorrer nações em dificuldades, sempre fazendo valer "a ótica dos países desenvolvidos", ou seja, é através dele que os mais fortes impõem mais ainda suas idéias aos mais fracos. Ele foi criado em 1944, por iniciativa de norte-americanos e ingleses, com o objetivo de evitar situações mais dramáticas, como a famosa crise da década de 30. "Mas o remédio para a cura — diz o professor da Fidene — pode, às vezes, acabar matando o doente".*

*Isto é o que preocupa não só os brasileiros, mas especialmente argentinos e mexicanos, que enfrentam também uma grave crise econômica. "Os nove maiores bancos, que emprestaram ao Brasil, ao México e à Argentina, têm nestes países uma aplicação de recursos superior ao seu capital, e por isso temem inclusive quebrar em função desta dívida", diz Argemiro Brum.*

### CONFIANÇA

*Agora, com a ajuda do FMI, o Brasil poderá ao menos voltar a recorrer a novos empréstimos, para continuar girando com sua dívida, pois sem isso ficaria difícil retomar mais dinheiro. Com as medidas recomendadas, a maioria delas já postas em prática por antecipação pelo governo, os banqueiros readquirem a confiança no país, que já tem nos altos juros internos uma das formas de segurar a economia.*

*"Os juros no Brasil são, em média, cinco vezes mais caros que os cobrados no resto do mundo, e não há empresa que suporte um dinheiro a este preço", afirma*



Argemiro Jacó Brum: fundo no Fundo

Brum. Segundo ele, desde 1979 o governo vem adotando medidas que, no mínimo, são semelhantes às que constam das recomendações do Fundo. Não haverá, portanto, nenhuma reviravolta na economia, em função dessa intromissão do FMI, mas apenas alguns retoques numa política que se configura como recessiva.

### UMA "UTI"

A recessão é, aliás, a principal característica que passa a ser assumida pela economia dos países que enfrentam altas dívidas e têm que pedir socorro ao FMI. A forma de se "e ir" no Fundo pode variar de país para país, e só os especialistas conseguem entender em detalhes como isso acontece. O que se sabe, como enfatiza Argemiro Brum, é que o Brasil "entrou fundo no Fundo", porque irá tomar todo o volume de dinheiro a que tem direito.

Dos 146 países-membros do FMI, muitos já recorreram aos seus empréstimos. Até os Estados Unidos solicitaram esta ajuda, em 1963 e 65, e a Inglaterra foi ao Fundo 11 vezes. O recordista é o Haiti, que necessitou de ajuda 19 vezes. Desde 1952 até julho deste ano, o Fundo fez 491 acordos de empréstimos. Argemiro Brum define o FMI como "o Banco Central do Mundo, uma espécie de UTI (Unidade de Tratamento Intensivo) dos países gravemente doentes". O que não se sabe, nem com adivinhação, é o prazo para que o Brasil tenha alta.

# Comprove você mesmo o que a pesquisa já provou.

## Com Hipertofato CRA você colhe mais lucros.

O Hipertofato CRA é a melhor maneira de você ver sua produção aumentar. E seus lucros crescerem. Testes comparativos com outros fosfatos comprovaram que o Hipertofato CRA apresenta os melhores resultados, em todos os tipos de culturas, podendo até mesmo ser comparado aos fosfatos solúveis em água. Comprove você também a qualidade do Hipertofato CRA.

Aubos CRA fazem a terra boa.



ADUBOS CRA

A Cotrijui também vende ADUBOS CRA

# O corte nos subsídios não é nenhuma novidade

Quando o governo anunciar o novo corte no subsídio à agricultura, dificilmente alguém ficará surpreso. É que o dinheiro para custeio e investimento vem ficando mais caro aos poucos, a cada ano, desde 1979, e quase todos já estão preparados para mais um aperto. Esta retirada gradual do subsídio é que vai evitar um impacto maior no setor primário e, em consequência, em outras áreas, porque o comércio e a indústria não ficam livres dos prejuízos que a agricultura também lhes transfere.

Na década de 70, quando se define de fato a política financeira para a agricultura, em termos de subsídio, crédito fácil e barato foi o que não faltou. Até 1978, os juros de custeio agrícola e investimentos eram de 15 por cento para grandes e médios, e de 13 por cento para minis e pequenos. Em 79, as taxas sobem bastante: o custeio para minis e pequenos fica em 24 por cento, e os investimentos em 29 por cento. Os médios e grandes passam a pegar custeio com 33 por cento, e investimento com 38 por cento.

## MORA

Em 1980, outra mudança, e o juro de mora, que era de somente um por cento, pula para uns 50 por cento. Hoje, este juro é superior a

90 por cento, e varia um pouco de acordo com as tais de ORTN (Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional). Com o aumento no juro de mora, o produtor se viu obrigado a apressar a comercialização da safra da soja, não mais podendo esperar por melhores preços.

Em 1981, o Conselho Monetário Nacional volta a mexer nos juros de custeio e investimento. As taxas para custeio ficam unificadas em 45 por cento, para todas as categorias de produtores. Só que a partir daí os minis e pequenos podem tomar 100 por cento do VBC (Valor Básico de Custeio); os médios tomam 80 por cento; e os grandes, 60 por cento. Para complementar as despesas, médios e grandes são obrigados a recorrer a empréstimos a juro de mercado, de mais de 100 por cento ao ano.

## ESCASO

Em 81, o governo também alterou bastante o crédito rural para investimentos, que ficou com uma taxa de 45 por cento, quando do financiamento de pequenas máquinas e equipamentos, e em 73,8 por cento para máquinas pesadas. O problema é que, a partir daí, o dinheiro para investimentos não só ficou caro como escasso. As agências do Banco do Brasil foram reduzindo suas operações, e hoje esta área está

praticamente paralisada por falta de verbas.

Em 82, o subsídio emagreceu mais ainda. Os minis e pequenos produtores continuaram com 100 por cento do crédito a 45 por cento, para custeio, mas os médios passaram a tomar somente 70 por cento, e os grandes 50 por cento. Agora, não se sabe ainda se haverá mais uma baixa nestes percentuais, ou se o governo pretende adotar a outra saída, que é o simples aumento do juro, ou ainda as duas coisas ao mesmo tempo (veja abaixo).

## MINORIA

A lenta retirada do subsídio não assusta, contudo, todos os agricultores brasileiros, pois somente de 20 a 30 por cento dos produtores do país têm realmente acesso a este crédito. A concessão dos financiamentos a juro menos caro funciona, principalmente, nas regiões em que as cooperativas se encarregam de repassar os recursos a seus associados, como é o caso da zona da soja. Mas em muitas partes do Brasil há produtores que nunca viram a cor deste dinheiro.

Por isso é que se questiona a importância do subsídio para a agricultura, ou seja, para a grande maioria dos produtores. Hoje já se sabe que esta forma de oferecer recursos mais baratos ao agricultor serviu

muito mais a outros setores. É que o subsídio teria existido em função da necessidade de viabilizar outras atividades, como a indústria, através do repasse dos recursos gerados pela agricultura a esta área.

## DISTORÇÕES

O que os economistas também ressaltam é que o subsídio teve, no fim das contas, um custo, e este custo foi pago por todos, indistintamente, para beneficiar apenas uma parcela de produtores e, indiretamente, as indústrias, no caso os grandes grupos econômicos, especialmente. Eles lembram ainda que está provado que, nas regiões onde se concedeu crédito rural subsidiado, houve concentração da terra e da renda, com os ricos ficando ainda mais ricos e os pobres cada vez mais pobres.

A partir do ano passado, com as diferenciações feitas pelo governo, entre minis, pequenos, médios e grandes produtores, a distorção que favorecia esta concentração foi amenizada. E mesmo que o subsídio tenha apresentado falhas, não é por isso que, de repente, sua extinção deverá ser defendida. O mais certo seria aperfeiçoá-lo, pois inclusive os países desenvolvidos concedem, de alguma forma, incentivos à agricultura na forma de crédito mais acessível.



Fonte: Depto. Estudos Econômicos/Cotrijui

## Crédito pode diferenciar outra vez produtores

As mudanças no crédito rural poderão trazer, como principal novidade, mais uma diferenciação entre os produtores por categoria. Durante a década de 70, os produtores eram classificados em dois grupos, de minis e pequenos, e de médios e grandes. Em 1981, eles foram divididos em três categorias, para fins de crédito rural: minis e pequenos num grupo, médios em outro, e por último os grandes. Agora, poderão ser separados os minis dos pequenos, conforme se prevê.

De acordo com essas diferenciações, os minis passariam então a receber 100

por cento do VBC a juro subsidiado; os pequenos, 90 por cento; os médios, 60 por cento; e os grandes, 40 por cento. Atualmente, minis e pequenos recebem 100 por cento; os médios 70 por cento; e os grandes 50 por cento. Três categorias (pequenos, médios e grandes) passariam, portanto, a receber 10 pontos percentuais a menos do que recebem atualmente de crédito subsidiado. Só os minis continuariam com 100 por cento.

Nesse caso, os minis produtores serão considerados aqueles que obtiverem, durante este ano, uma renda anual equiva-

lente a até 200 vezes o MVR (Maior Valor de Referência), o que daria Cr\$ 2 milhões e 200 mil cruzeiros. Na Região Pioneira da Cotrijui, onde o minifúndio predomina, seria expressivo o número de produtores beneficiados, se esta decisão realmente for confirmada, para vigorar a partir do próximo ano.

Junto com as diferenciações por categoria de produtor, o governo deverá também determinar aumento na taxa de juros, que podem saltar dos 45 por cento atuais para 60 por cento. Esta taxa de juro de custeio e as outras medidas já te-

riam sido aprovadas, preliminarmente, pelo Conselho Monetário Nacional, e atenderiam às exigências do FMI, segundo as especulações.

Há também outra informação extra-oficial de que o juro de custeio passaria para 70 por cento. Não se falou até agora nos financiamentos de investimentos, talvez em função da pouca atenção que esta faixa vem merecendo da área financeira. Essa indiferença pode ser sinal de que o dinheiro para investimentos será mais escasso ainda em 83.

# COM ATRASO NO PLANTIO AUMENTOU CUSTO DA LAVOURA

No final de novembro normalmente as lavouras de arroz na região da Fronteira já receberam as primeiras aguadas. Este ano, porém, a mesma época foi ainda encontrar os orizicultores envolvidos no preparo da terra e plantio, e torcendo para que o tempo permitisse aprontar as lavouras. O outono chuvoso atrapalhou bastante os planos dos produtores em Dom Pedrito, que viram chegar o final de novembro com apenas 70 por cento da área já plantada.

O temor maior é que os primeiros dias frios do próximo ano ainda encontrem o arroz na fase de floração, o que poderá comprometer seriamente o potencial de produção. Mas não é apenas este aspecto que está preocupando os plantadores da Fronteira. Os custos da lavoura seguramente já estão mais altos, pois foi preciso, em muitas áreas, fazer um novo preparo do solo, como conta o técnico da Cotrijuí, Odir Spohr:

— O encharcamento de terras já prontas provocou a compactação do solo, exigindo uma nova gradeação. Além disso o pessoal também procurou acelerar a secagem do solo para poder plantar, e se passou outra vez a grade, gastando mais óleo diesel. Ainda houve casos de replante de arroz, pois áreas já semeadas tiveram problema de germinação em função desta compactação do solo por excesso de chuvas.

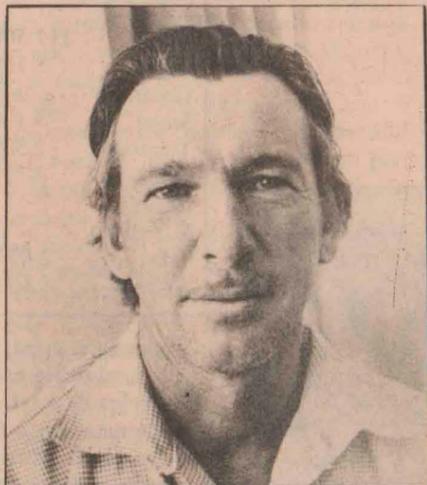
## PRECISA CONFIAR

O primeiro ano que o seu Edmar Edo Bley plantou arroz em Dom Pedrito, em 1972, foi chuvoso como este. Foi começar a semear só no dia 22 de novembro, mas mesmo assim alcançou boa produção, porque o frio chegou mais tarde. É por isto que ele não desanima e nem perde a crença na lavoura em função deste outro atraso, mesmo que todas as outras safras tenha feito dentro das épocas recomendadas:

— Agora só consegui começar a plantar no dia 20 de novembro, enquanto no ano passado no dia 13 de novembro já estava com tudo pronto, e em seguida botamos água. Mesmo assim acho que dá para confiar, porque com estes frios que deram ainda no tarde é quase previsto que o inverno também vai tardar um pouco mais, e assim se salva a lavoura.

Ele havia planejado o plantio de 17 quadras, dos quais apenas sete estavam prontas no final de novembro. Na verdade, o que o preocupa mais do que o atraso no plantio é a falta de chuvas no verão:

— Caiu muita água agora nestes dias, e com isto pode fazer falta de chuva em dezembro/janeiro.



Edmar Bley: frio mais tarde

Este é sempre um risco que se corre quando não se tem água de barragem, como eu, que pego água do rio Taquarimbó.

Seu Edo até faz troça com este excesso de chuva concentrada num determinado período, e conta:

— Eu hoje até estava me lembrando que foi só terminar o tempo de política para deixar de chover tanto. Prá mim isto é coisa lá de cima, e vai ver que alguns aqui em baixo andam de mal com "eles", que agora não atendem direito os agricultores.

## CULPA DE ITAIPU?

Já Sérgio Vicente, proprietário de 1.500 hectares na região de Upacaray, atribui este descontrole de tempo ao desequilíbrio ecológico provocado pelos desmatamentos e à construção da usina de Itaipu. Ele diz que ouve muitos comentários sobre isto, mesmo que não se arrisque a assegurar que é apenas esta a razão das modificações do clima. Com tanta chuva, Sérgio se atrasou bastante no plantio das 50 quadras de arroz que preparou para esta safra, uma área cinco vezes maior do que no ano passado:

— Aumentei a área porque a produção deu bem na safra ante-



Sérgio Vicente: gasto maior

rior, e nem com este atraso penso em reprogramar a lavoura deste ano.

Ele vai plantar 190 sacos de Bluebelle e outros 190 de BR/IRGA-409, as duas variedades de arroz que mais área ocuparão em toda região de orizicultura do estado. Ao contrário de boa parte dos produtores, ele nem pensou em trocar a semente do BR/IRGA-409 por mais semente de Buebelle, um arroz de ciclo mais curto, e que, em princípio, teria maiores chances de escapar dos primeiros frios do inverno:

— Não pensei em fazer esta troca porque parte do 409 eu já comecei a plantar, e do mesmo está muito cara a pouca semente de Bluebelle que se encontra disponível.

Só pelo que ele pode torcer é para que o inverno chegue realmente mais tarde, pois deste jeito até se terá acertado a safra apesar de todo atraso. Na verdade, ele andava preocupado é com outra coisa:

— Os bancos particulares estão exigindo que toda lavoura esteja plantada para liberar outra parcela do financiamento. Mas ninguém conseguiu plantar no tempo, e se precisa complementar o financia-



Darci Porciúncula: mais garantido

mento para poder cobrir o aumento nos custos de formação da lavoura. Se perdeu mais tempo e se gastou mais óleo com todo este atraso.

## NÃO ARRISCAR

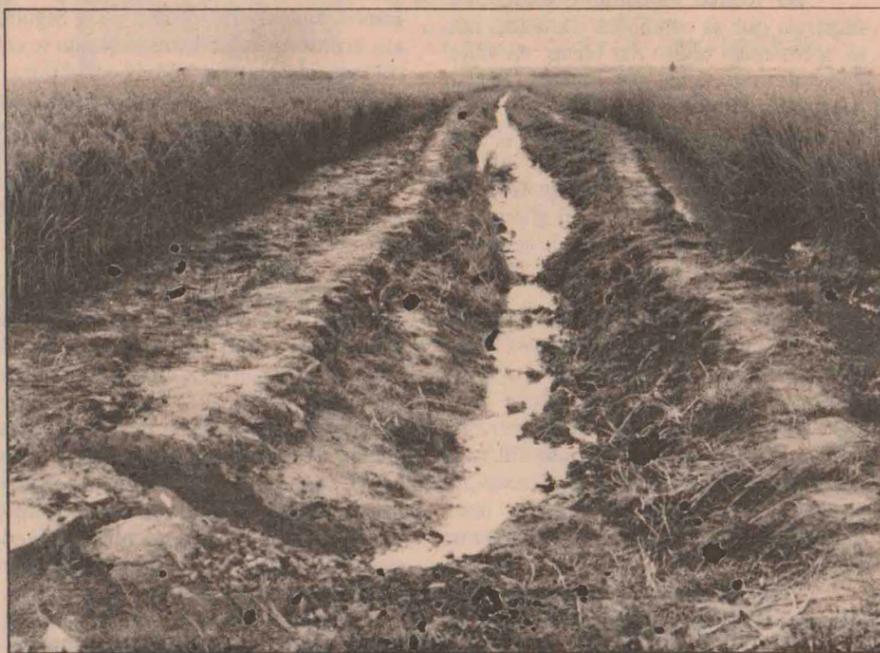
Seu Darci Tarouco de Porciúncula escolheu um mau ano para debutar na lavoura de arroz. Ele é proprietário de 30 hectares de terra, onde sempre plantou apenas soja no verão, porque não existe água disponível por perto para cultivar arroz. Agora conseguiu arrendar uma área e vai plantar 10 quadras para experimentar, mas enquanto o mês de novembro já chegava no fim não tinha conseguido semear um único pé de arroz na terra que estava terminando de preparar:

— O meu financiamento atrasou para sair, porque quando cheguei para fazer as propostas no banco, os créditos estavam fechados. Fui lá duas, três vezes, mas nunca tinha dinheiro. Só me liberaram o financiamento no início de novembro. Sorte que eu tinha um pouco de diesel, e fui tocando a lavração da terra.

Sua lavoura será apenas da variedade BR/IRGA-409, pois, como seu Darci conta, "ela me foi recomendada por dar muito bem. Plantando ainda nos próximos dias acho que daí não tem muito problema, mas se passar muito tempo, tem que ver com os agrônomos como é que fica. Se disserem que não dá, não se deve plantar arriscado, aí vou ver se troco a semente por outra".

Mesmo um tanto preocupado por causa do atraso, seu Darci não tem perdido o sono e até guarda bastante esperança de que tudo saia certo na sua primeira lavoura de arroz:

— No primeiro ano que plantei soja também me atrasei, que fiquei na dependência de máquina dos vizinhos. Diziam que eu era louco por ainda tentar plantar no tarde, mas em toda a minha região só eu que colhi bem. Com o arroz, que é muito mais garantido que a soja, também devo ter esta sorte.



O maior receio é que o frio pegue a lavoura na fase da floração

# O SALDO NEGATIVO DO INVERNO



Trigo: quebra de 63,83 por cento



Colza: os melhores resultados



Aveia: a chuva liquidou a lavoura

O excesso de chuvas, as altas temperaturas, a pouca luminosidade dos muitos dias de céu nublado e a elevada umidade relativa do ar formaram, durante o inverno passado, todo um conjunto de fatores desfavoráveis à agricultura. Na Região Pioneira da Cotrijuí, esta conjugação de fatores arrasou mais uma vez com a safra de trigo e comprometeu inclusive as lavouras de culturas alternativas, frustrando os que apostavam no inverno como forma de compensar os prejuízos da seca no último verão.

Só faltou mesmo uma geada para completar o quadro desfavorável para a lavoura. O trigo, que tinha estimativa de produtividade de 1.200 quilos para a Pioneira, ficou com uns 438 quilos de rendimento médio, fechando a safra com uma quebra de 63,83 por cento. As demais culturas também apresentaram problemas, em decorrência dos mesmos problemas (veja a tabela acima), não só na Região Pioneira como em Dom Pedrito e no Mato Grosso do Sul.

## CHUVA DEMAIS

Este inverno foi, afinal, totalmente negativo para o trigo, em praticamente todas as zonas de produção. No Estado, a quebra deverá ficar em torno de 60 por cento, e no país todo a frustração está estimada em 34 por cento. O excesso de chuvas, registrado na região Sul do Brasil, é apontado como o principal motivo desta safra frustrada, mas outros aspectos relacionados com as condições do clima contribuíram bastante para que as doenças, em especial, e as pragas, tomassem conta das lavouras.

A chuvarada foi de fato impressionante, durante quase todo o ano (veja matéria na última página desta edição), e permite algumas comparações. O diretor técnico da Cotrijuí, Renato Borges de Medeiros, lembra que a média das chuvas nos últimos 19 anos, na Região Pioneira, no período do ciclo das culturas de inverno (maio a novembro) foi de 954 milímetros. Este ano, neste mesmo período, as precipitações totalizaram 1.525 milímetros, ou seja, 571 a mais que a média dos 19 anos.

## COMPARAÇÕES

Renato observa que a média da Região já é bastante elevada, se comparada com as das tradicionais regiões produtoras de trigo no mundo. Na Austrália, as chuvas, durante o ciclo da cultura, são de 350 a 400 milímetros, e em outros países a média anda ao redor de 500 milímetros. Na região de Sonora, no México, as chuvas foram de apenas 100 milímetros no ano passado, também durante o ciclo do trigo, e foram realizadas em média mais três irrigações de 100 milímetros cada. Lá, a produtividade chegou a 6 mil quilos por hectare.

Acontece que na Austrália e em outros países, o trigo se desenvolve quase que somente em função da água armazenada no solo, e isso é possível com a rotação de culturas, com os cuidados na preservação da estrutura da terra. As chuvas em excesso não favorecem, historicamente, a lavoura de trigo, como lembra Renato, pois esta é uma planta que exige um clima seco ou moderadamente úmido, com temperaturas baixas ou no máximo amenas.

## CALOR E UMIDADE

Na Região Pioneira, as estatísticas mostram que as condições climáticas não se aproximam muito das ideais. As variedades de trigo desenvolvidas nesta Região necessitam, por exemplo, de temperaturas amenas, no início do ciclo, para ter um bom afillamento e desenvolvimento das raízes. Pois a temperatura, que teria então que oscilar entre 15 e 20 graus, chegou, em junho e inclusive em agosto, a 30 graus este ano.

A umidade do ar, que também não pode ser muita alta, subiu demais no último inverno. As pesquisas mostram, segundo Renato, que a umidade desejada deve ficar em torno de 60 por cento, enquanto que nos últimos 20 anos ela foi em média de 68,2 por cento, no período de maio a setembro, e neste ano saltou para 81 por cento na mesma época.

Para completar, faltou luminosidade para um bom desenvolvimento do trigo e das demais culturas de inverno.

Isto quer dizer que o céu esteve nublado durante muito tempo. A média da luminosidade na Região, em junho, por exemplo, nos últimos 20 anos, é de 148 horas de luz solar no mês. Este ano, em junho, a luminosidade ficou em 115 horas. Em setembro, quando a luz do sol também é importante para o trigo, a média dos 20 anos é de 189 horas, e este ano ficou em 163 horas.

## IMPREVISÍVEL

Todos estes fatores negativos, que favorecem em conjunto o desenvolvimento de doenças, "explicam seguramente o fracasso da lavoura este ano", diz o diretor técnico da Cooperativa. Mas, de qualquer forma, isto não representa uma surpresa, pois o clima é realmente imprevisível na Região e praticamente em todo o Estado, observa ele. Tão imprevisível que em 81 o trigo teve uma boa safra, porque as condições foram quase que totalmente diferentes das registradas no último inverno.

Para Renato, esta é a hora de se debater, cada vez com maior empenho, como acontece anualmente, o futuro da produção no inverno, "mas sem a pretensão de encontrar uma fórmula mágica que resolva todos estes problemas". Segundo ele, o momento também exige que se considerem alternativas viáveis econômicas e socialmente. Em síntese, as saídas possíveis devam contemplar o maior número possível de produtores, pois as propostas precisam ser assimiladas sem que isso signifique o investimento de um grande volume de capital.

## INOVAR SEMPRE

"Temos que, concretamente, dialogar com o produtor, pois só assim é que ele assumirá o encaminhamento de decisões, consciente de todos os desafios que enfrentamos", diz Renato. Ele ressalta que "o produtor deve questionar, criticar, levantar hipóteses e buscar novos caminhos, junto com os técnicos, os pesquisadores. Temos que inovar sempre, e a participação do agricultor é fundamental, para que ele não aceite pacificamente essas mudanças".

Renato entende que vai sendo definida, ano a ano, a tendência hoje irrever-

Culturas	Área (hectares)	Estimativa (Kg/ha)	Rendimento (Kg/ha)	Quebra (%)
<b>Pioneira</b>				
Trigo	166.600	1.200	434	63,83
Cevada	5.630	1.225	359	70,69
Aveia	14.700	1.262	400	68,03
Colza	730	1.183	911	22,09
Linhaça	1.180	812	471	41,99
Alho	144	3.000	2.135	28,08
<b>M.G. Sul</b>				
Trigo	111.500	1.085	731	32,06
Aveia	5.100	1.100	360	67,27
Girassol	140	1.500	80	94,06
Sorgo	4.108	2.125	1.424	32,98
Tremoço	2.500	900	600	33,03
Feijão	4.720	900	328	63,05
<b>(seca)</b>				
<b>D. Pedrito</b>				
Trigo	2.800	1.200	480	60,00
Aveia	3.500	1.200	---	---

\* A aveia, a colza, a linhaça e o alho da Região Pioneira não estavam totalmente colhidos, quando foi feita esta tabela, com base em dados do início de dezembro, mas os rendimentos serão pouco alterados até o final da safra. O rendimento de 480 quilos para o trigo em Dom Pedrito também é resultado parcial. A produtividade de aveia em Dom Pedrito não consta da tabela porque o Departamento Técnico não possuía ainda este dado.



Renato: não é surpresa

sível favorável à diversificação, para que, apesar do inverno de clima incerto, os riscos sejam diluídos. Assim é que as forrageiras (trevos, ervilhaca e etc.), aparecem como boa opção, para que o solo se mantenha coberto e, aos poucos, os animais (gado leiteiro, gado de corte, suínos) sejam introduzidos na propriedade.

E tudo isso acontece com resultados em dois níveis: a preservação e recuperação do solo, que passa a contar com mais nitrogênio e matéria orgânica e armazena maior quantidade de água; e os próprios retornos econômicos da atividade. Isto favorecerá inclusive as culturas de verão, que terão áreas disponíveis mais cedo, para que o plantio aconteça em épocas mais adequadas, beneficiando no caso em especial o milho e a soja.

## SAÍDA SOCIAL

É claro que o trigo e outros grãos não seriam, de repente, desprezados, mas entrariam no sistema de rotação, sem maiores privilégios para um ou outro. Exemplificando, uma propriedade bem que pode ter 20 por cento de sua área para trigo; outros 20 por cento para grãos como aveia, cevada, triticale; e mais duas parcelas iguais para colza, linho e tremoço e pastagens, inclusive as perenes de verão.

As opções devem ser adotadas de acordo com as características de cada propriedade, mas o importante, como ressaltou Renato, é que "o produtor seja agente destas mudanças". Ano a ano, as melhores opções vão sendo definidas, sempre considerando o que, segundo ele, deve ser enfatizado como fundamental: "Precisamos pensar sempre na viabilidade social e econômica, e entender que os conhecimentos de técnicos e produtores devem ser conjugados na busca de soluções".

# O produtor vai levando

"Esta foi a segunda vez que peguei Proagro, mas não será por isso que vou deixar de plantar trigo". Esta afirmação do seu Virgílio Fischer, que tem 38 hectares na Linha 27, em Ajuricaba, até dá a entender, de início, que ele é um entusiasmado com a planta. Mas não é bem assim. Na verdade, há muito tempo que seu Virgílio anda cuidadoso com o trigo, o que não quer dizer que, de repente, por causa de uma frustração, ele deixará a lavoura.

"Plantou pouco, só uns seis hectares, e não pretendo aumentar a área", diz ele, que ampliou a lavoura apenas uma vez nos últimos anos, para oito hectares, em 1980. Além do trigo, no inverno seu Virgílio planta apenas cevada, que recebeu uma área com 15 sacos de semente este ano. É que ele não aposta muito no inverno, depois de tantos problemas e da falta de alternativas mais seguras.

Desta safra, ele colheu apenas 55 sacos. Se não fossem as três tormentas registradas antes da colheita, até que o trigo daria mais ou menos. Antes das chuvas fortes, o único problema maior foi o ataque de mal-do-pé, que pegou parte da lavoura. Mas safra ruim como esta só a de 79, quando seu Virgílio recorreu ao Proagro pela primeira vez.

Para conseguir plantar pouco no inverno, ele tem que cuidar bastante da criação do gado leiteiro e dos suínos. "O leite e o porco é que me salvam", diz o produtor, que no próximo ano vai de novo de trigo e cevada, em áreas limitadas. "Eu vou levando", diz ele, "porque não assumo compromisso antecipado, não fecho negócio antes de ter a safra colhida".

## LINHAÇA: BARATA E NÃO DÁ PREJUÍZO

Plantar pouco, fazendo rotação de áreas, é precaução que diminui os riscos, não só no caso do trigo como também de outras culturas como a linhaça. É claro que o clima pode comprometer a lavoura, como aconteceu este ano, mas com cuidado se tem mais chance de escapar de uma frustração total, como diz o seu Bertholdo Deckert, que planta em 100 hectares de Vila Mauá, em Ijuí. "Tem gente que diz que a linhaça enfraquece a terra, mas

sem rotação qualquer cultura desgasta o solo", afirma ele.

Seu Bertholdo conhece a linhaça de anos. Andou um pouco parado com esta lavoura, e em 1980 voltou a plantar cinco sacos, quando colheu 100. No ano passado, plantou 20 hectares e colheu uns 20 sacos por hectare, e este ano a lavoura foi de 8 hectares, e o rendimento caiu para 12 sacos. Ele acha que o principal problema foi o excesso de chuva, que lavou a flor, mas mesmo assim seu Bertholdo diz que a produtividade foi razoável.

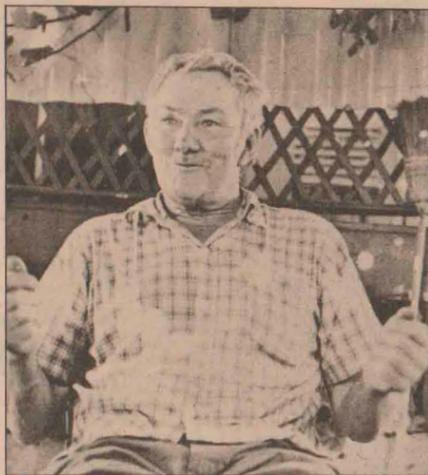
"A linhaça nunca dá prejuízo", garante o agricultor, lembrando que "foi com ela, que eu me sustentei, durante muito tempo, anos atrás". Só que deve ser feita rotação de área, pra que não se plante linhaça sobre linhaça na mesma lavoura. Seu Bertholdo gosta da planta porque ela tem baixo custo, pois "a despesa é quase só com a semente e a colheita". Ele acha que só contar com a sorte, sem ter cuidado com a lavoura, não resolve nada, e diz orgulhoso: "Eu nunca peguei Proagro na vida".

## COLZA: ESCAPANDO DA CHUVARADA

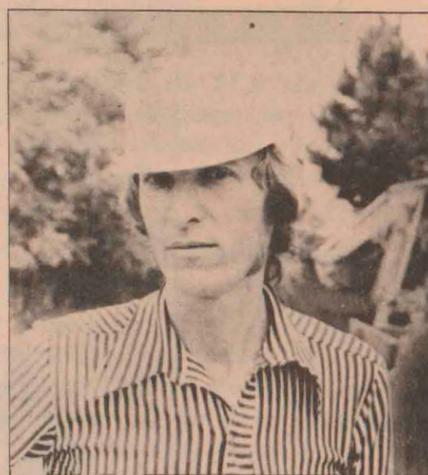
E os cuidados nunca são mesmos demais, e às vezes a própria experiência ajuda bastante. Em Coronel Bicaco, os três irmãos Cembranel, que plantam em sociedade numa lavoura de 80 hectares, localizada perto da cidade, descobriram isso com a colza. Arnor Cembranel, um dos sócios, está certo de que um dos segredos da colza é o plantio no cedo, como eles fizeram este ano quando semearam 20 hectares.

"No primeiro ano, plantamos a colza em maio e não fomos lá muito bem. Plantamos muito por cima, sem enterrar muito a semente, e ela nasceu toda desparrelha, porque a semente não germinou bem e ainda deu uma seca braba", conta Arnor. Na safra deste ano, a situação foi diferente, segundo ele, porque quando fechou a primeira quinzena de abril a lavoura estava pronta. A colheita foi mais no cedo, e a lavoura escapou das chuvas.

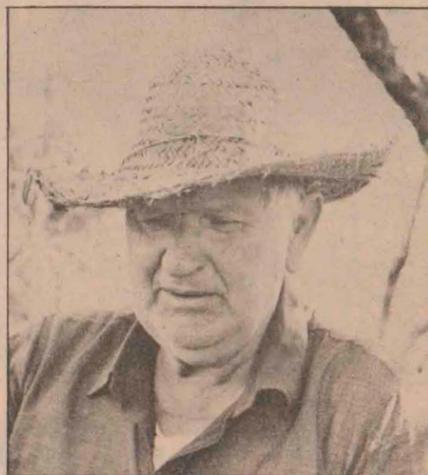
Arnor conta que, nas redondezas, quem plantou mais tarde não colheu qua-



Virgílio Fischer: segundo Proagro de trigo



Arnor Cembranel: colza deu bem no cedo



Bertholdo Decker: linhaça nunca dá prejuízo

se nada, porque a colza debulhou na lavoura. Ele achou esta cultura uma planta barata, e diz que está disposto a aumentar a área no próximo ano, plantando de novo no cedo e com a terra úmida, "logo depois de uma boa chuva, que é pra semente germinar melhor". O único problema registrado este ano foi um pequeno ataque de fede-fede.

## AVEIA: FERRUGEM E DEPOIS A CHUVA

As chuvaradas estragaram quase tudo que é lavoura. O seu Getúlio Kerpel, que tem 22 hectares e meio em Sítio Kerpel, Coronel Bicaco, estava entusiasmado com os 10 hectares de aveia, apesar de um ataque forte de ferrugem. Mesmo assim, a planta se recuperou um pouco, sem crescer muito, mas depois vieram as



Getúlio Kerpel: aveia se foi com a tormenta

chuvas e não sobrou nada. Seu Getúlio plantou a aveia bem separada este ano, para evitar o que aconteceu no ano passado, quando semeou muito perto e veio uma tormenta e derubou tudo. O prejuízo foi grande, mas ele ainda conseguiu pagar o Banco. Nesta safra, um pouco antes da colheita, um técnico esteve na lavoura e chegou a garantir que dava pra tirar uns mil quilos por hectare.

A esperança durou pouco, porque as chuvas arrasaram a aveia. Seu Getúlio ainda chegou a passar a máquina na lavoura, para dar uma avaliada no específico, e foi aí que desistiu de colher. "Parei, porque não ia adiantar nada, não valia a pena. Ia ser só um gasto a mais de combustível", conta ele, que decidiu recorrer ao Proagro.

# Saber comprar também é poupar

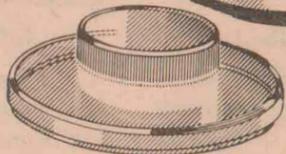
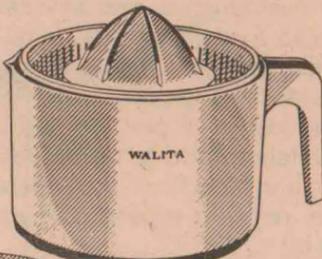
## Liquidificador Walita Polivalente - LS

- Moderníssimo desenho.
- Novo motor. Avançados recursos. Incomparável rendimento.
- Ultra-rápido. Oito velocidades. Controle deslizante. Painel digital.
- Novo copo "Longa-Vida" 2 litros. O mais resistente e anatômico.
- Fio embutível. Uma exclusividade que facilita o trabalho, a limpeza e até para guardar.
- Lindas cores.



## Espremedor Walita

- Apresentação moderna, avançada.
- Funcionamento automático. Só funciona sob pressão.
- Recipiente especial, com alça, para coleta de suco.
- O único que reúne essas características.
- Rápido. Excelente rendimento.
- Aproveita todo o suco da fruta.
- Fácil limpeza. Acompanha tampa de proteção.



## Batedeira Walita - Topa-Tudo

- Topa qualquer massa. Moderníssima. Muito leve.
- Controle de velocidade deslizante. Potente motor.
- Fácil regulagem da altura dos batedores.
- Acompanham duas resistentes tigelas.
- Batedores ejetáveis. Soltam-se num toque de botão.
- Batedores para massas leves e espiralados para massas pesadas.
- Lindas cores.

Compre **WALITA** nas Lojas Cotrijuí

Produtos Honestos



# MAIS LÃ E QUALIDADE COM O CONTROLE DE VERMINOSES

Controlar as verminoses que atacam os ovinos não é simplesmente aplicar, de tempos em tempos, um remédio no animal. Este costume de dosificar "a olho" o rebanho, por sinal, é até responsável pela ineficiência de muito vermífugo que vem sendo utilizado na zona da Campanha. Para reduzir, e até mesmo evitar, os prejuízos que os vermes trazem ao rebanho ovino, o correto é realizar um controle sistemático da infestação dos animais, aplicando remédios específicos para cada tipo de verminose.

"Cada propriedade tem um problema diferente de outra", explica o veterinário Sérgio Soares Lucas, da unidade da Cotrijuí em Dom Pedrito. Ele continua:

— Cada propriedade tem sua própria realidade, em função de manejo diferente de rebanho, e da resistência dos vermes aos vermífugos, porque muitas vezes o rebanho está sendo mal ou inadequadamente dosificado. Tem sido comum a aplicação de vermífugos de acordo com a simpatia do capataz ou proprietário por determinada marca, mas que nem sempre é o vermífugo adequado para o tipo de infestação do rebanho.

## VERMÍFUGO ESPECÍFICO

Ao realizar o controle sistemático de verminoses, o pecuarista só precisará dosificar o rebanho quando isto for realmente necessário, aplicando vermífugos indicados para o verme localizado, e economizando em remédios e mão-de-obra. Existe um número muito grande de

vermes que atacam o rebanho, e cada um deles exige um tipo de remédio específico. A incidência mais comum, em Dom Pedrito, é de verminoses gastro-intestinais, quando os vermes se localizam no aparelho digestivo dos ovinos, e de fasciolose, quando o verme (a fasciola hepática) se aloja no fígado. No final do inverno é também rotineira a infestação por verminosa pulmonar, que ao provocar a paralisia dos brônquios e bronquiolos traz dificuldade respiratória e pode até provocar pneumonia nos animais.

Existem alguns sintomas específicos de cada tipo de verminose, mas será apenas o exame laboratorial das fezes que determinará a espécie de verme que se alojou no ovino. A verminose gastro-intestinal, por exemplo, normalmente é provocada por *haemonchus*, mas às vezes a infestação é acompanhada de outros vermes, como *trichostrongylus*, *strongyloides* e outros mais de nomes complicados. É por isto que o exame de laboratório se faz imprescindível para identificar o verme e definir o remédio específico para combatê-lo.

## CONTROLE MENSAL

Na Cotrijuí o acompanhamento ao controle de verminoses começou em 1978, quando se instalou um laboratório para a análise do material recolhido nos rebanhos. A sistemática do trabalho foi montada de uma forma que exista uma participação ativa do produtor neste controle. Tanto que em meses

alternados é o próprio produtor quem se encarrega da coleta das fezes para a análise no laboratório. No primeiro mês é um técnico da cooperativa quem faz a coleta, orientando o associado sobre como realizar a coleta das fezes, e também observando o estado geral do rebanho. No mês seguinte é o produtor quem recolhe o material, voltando o técnico até a propriedade no terceiro mês, e assim sucessivamente. Desta forma, não apenas o produtor se envolve diretamente no controle, como também se reduz o custo deste trabalho.

O controle das verminoses deve ser mensal, como explica Carlos Heinemann, o laboratorista que acompanha a análise das fezes. É desta forma, segundo ele, que se pode acompanhar o ciclo das verminoses:

— As larvas dos vermes são ingeridas pelo animal junto com o pasto, e assim podem acontecer reinfestações no período de 12 a 15 dias após a dosificação. Dependendo do grau desta reinfestação, se faz necessária uma nova dosificação.

## MENOR PRODUÇÃO

Estes vermes são todos parasitas dos ovinos, que por esta razão não conseguem aproveitar de maneira adequada o pasto que ingerem. O *haemonchus*, por exemplo, que parasita o aparelho digestivo, suga o sangue dos ovinos, causando anemia e morte a curto prazo. Quando parasitado, o animal não

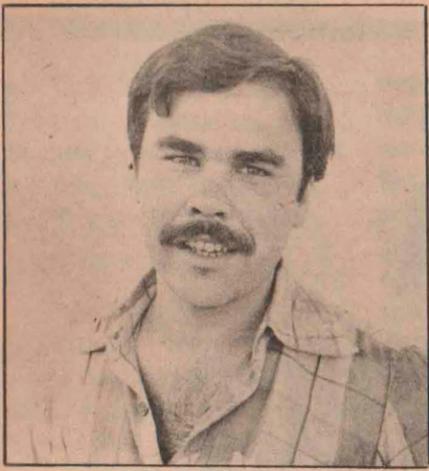
consegue transformar o alimento nas proteínas, carboidratos e minerais necessários ao seu bom desenvolvimento, ficando então debitado fisicamente. "Mesmo que o animal continue a se alimentar", como complementa o veterinário Sérgio, "o parasita absorve este alimento, tirando do sangue todos os nutrientes, e levando o ovino ao estado de anemia". O Carlos Heinemann é quem diz:

— O animal debilitado produz lã em menor quantidade e de inferior qualidade. Isto sem falar que num rebanho doente, os ventres têm menor índice de fecundação, natalidade e assinalação. Isto é não absurdo, mas o criador não chega a assinalar 40 por cento dos ordeiros nascidos.

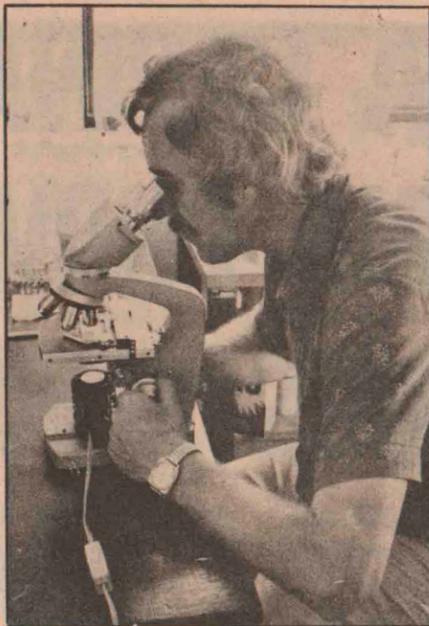
## A INFLUÊNCIA DO CLIMA

O clima tem uma influência muito grande nos níveis de infestação dos rebanhos. Tanto que já se sabe que o ambiente mais propício para o desenvolvimento das verminoses é aquele de alta umidade e calor. Por esta razão, os campos altos e secos são os menos suscetíveis à infestação dos rebanhos, pois nestas condições não existe um ambiente favorável à eclosão dos ovos destes vermes, que são ingeridos pelo animal ainda na sua forma larval. O Sérgio é quem conta:

— O clima mais seco é o ideal para reduzir a incidência de verminose. É o caso da Austrália e Nova Zelândia, onde estão os maiores e melhores rebanhos de ovinos do mundo. Como não podemos reproduzir aqui o clima daquelas regiões,



Sérgio Lucas:  
contra o uso indiscriminado



Carlos Heinemann:  
controle deve ser mensal

## A diferença na classificação

Apenas por controlar de uma forma mais sistemática os problemas de verminose nos seus rebanhos de ovinos, um grupo de pecuaristas de Dom Pedrito tem conseguido reduzir o índice de lã manchada e de capacho, aumentando o valor comercial de sua produção. Este trabalho foi iniciado, através da Cotrijuí, em 1978, envolvendo 48 produtores. Atualmente já são 72 pecuaristas integrados ao programa acompanhado pelos técnicos daquela Regional. No conjunto, eles têm conseguido uma expressiva melhora na qualidade da lã que estão comercializando através da Cooperativa.

Em 1978, por exemplo, o índice de capacho chegava a 7,6 por cento da produção comercializada pelos 48 produtores que desde o início adotaram o controle da verminose. Na safra de 81/82, estes mesmos criadores reduziram o índice de capacho para 4,3 por cento. A lã manchada, neste mesmo período, foi reduzida de 12,8 por cento para quatro por cento. Somados, estes dois defeitos alcançavam 20,4 por cento em 1978, e em 81/82 diminuíram para 8,3 por cento.

A lã corrente, que tem o menor valor comercial, também ficou reduzida, caindo de 35 por cento para 5,7 por cento. Ao mesmo tempo aumentou o percentual de lã de melhor qualidade. A da categoria supra, a primeira na classificação, passou de apenas 0,34 por cento para 8,2 por cento. A lã especial na safra passada alcançou 63,1 por cen-

to, contra os 41,9 por cento de 1978. A lã classificada como boa, também aumentou, mesmo que pouco, passando de 22,1 para 22,7 por cento.

### MAIS LÃ ESPECIAL

"O mais importante", como interpreta o agrônomo Paulo Arinos Pedroso, responsável pelo setor de lãs na Cotrijuí em Dom Pedrito, "é observar o aumento de quase 20 pontos percentuais na lã classificada como especial, que tem o maior aproveitamento, e a redução de 20 pontos na lã corrente, que está em último lugar na classificação dos velos".

Estes dados têm sido reunidos pelo pessoal envolvido no controle de verminose no setor veterinário da Cotrijuí, e apontam os resultados deste trabalho em cada safra. Pela tabela publicada abaixo, se nota que já no primeiro ano se conseguiu uma redução substancial na incidência de defeitos, que caíram para 13,9 por cento. Dois anos depois eles já estavam em apenas 10 por cento, sofrendo um acréscimo na safra de 80/81. Este aumento é explicado por condições climáticas favoráveis para o desenvolvimento das verminoses, com um inverno mais úmido e quente do que o habitual. Mas se não houvesse o controle, certamente, o percentual de lã com defeitos seria ainda mais alto. Já na safra seguinte, porém, se alcançou novamente uma maior qualidade do produto.

— O que tem se notado, é que muitos vermífugos já não fazem mais efeito sobre os parasitas, que já adquiriram resistência pelo seu uso indiscriminado. O criador deve ter muito cuidado com este aspecto, pois corre o risco de não conseguir recuperar um rebanho seriamente atingido.

O controle das verminoses é encarado como o primeiro passo para que se consiga manter um rebanho sadio e em condições de aumentar a produção de lã. É claro que a ovinocultura exige ainda uma série de medidas para que se aumentem os índices de produção, natalidade, fecundação e assinalação dos rebanhos. São aspectos que incluem as condições de alimentação de rebanho, manejo dos animais — fazendo poteiros, mantendo pasto de qualidade, banhos sarnicidas, esquemas de vacinações — e ainda o trabalho de seleção de carneiros, encarneamento e, por fim, de seleção do rebanho, deixando no campo apenas os melhores animais e descartando-se daqueles de qualidade inferior na produção de lã.

Ano	Capacho %	Manchada %	Total com defeito (%)	Supra %	Especial %	Boa %	Corrente %
1978	7,6	12,8	20,4	0,34	41,9	22,1	35,0
1979	8,8	5,1	13,9	1,28	59,5	23,4	15,6
1980	5,1	4,9	10,0	10,3	57,7	24,1	7,6
1981	8,2	6,2	14,4	10,2	58,4	20,4	10,5
1982	4,3	4,0	8,3	8,2	63,1	22,7	5,7

temos que nos adaptar, fazendo o controle das verminoses, baixando a infestação das pastagens.

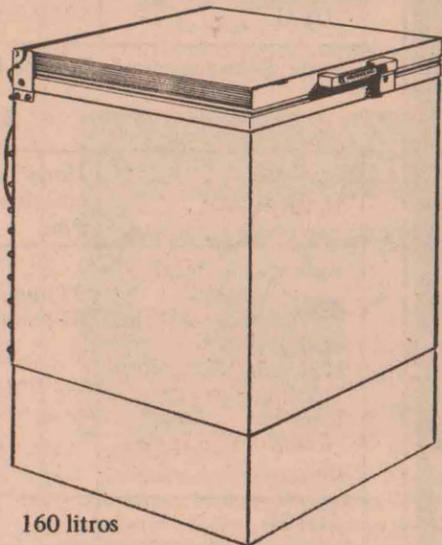
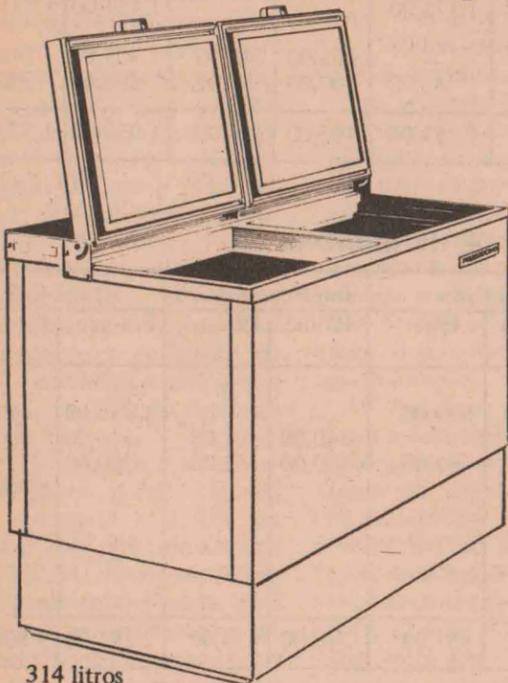
Como os vermes são expulsos pelos ovinos através das fezes, os campos estão permanentemente infestados, em maior ou menor gravidade dependendo das condições do clima. Uma das recomendações dos técnicos, em função desta realidade, é a de adotar a rotação de piquetes, além da dosificação indicada. Desta forma, se procura evitar a existência de campos intensamente infestados, o que pode comprometer todo o trabalho de controle das verminoses.

### O ZONEAMENTO

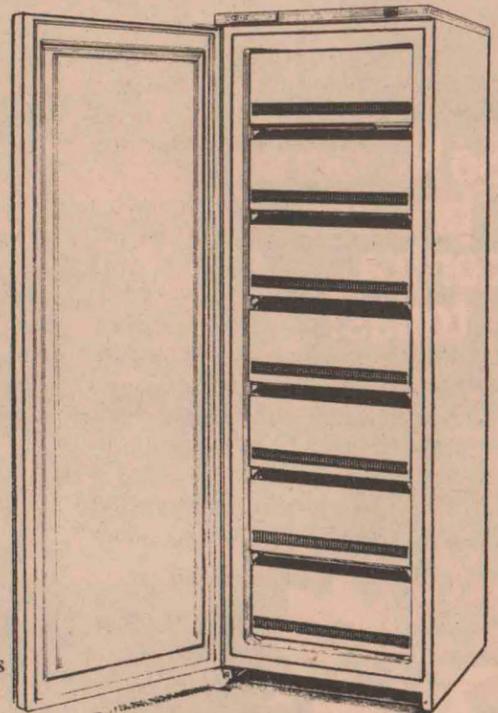
A intenção da cooperativa é zonestar todo o município de Dom Pedrito para identificar em cada região os principais vermes de cada época do ano. Algumas informações neste sentido já estão recolhidas, baseadas na experiência destes anos de trabalho, mas ainda é necessário reunir mais dados sobre as especificações de cada região. Com este zoneamento, ficará mais ágil o serviço, ao mesmo tempo em que se procurará orientar mais pecuaristas para que realizem este controle sistemático, e utilizem os vermífugos específicos para o rebanho. É como diz o Sérgio:

**PROSDÓCIMO**  
REFRIGERAÇÃO  
PARANÁ S.A.

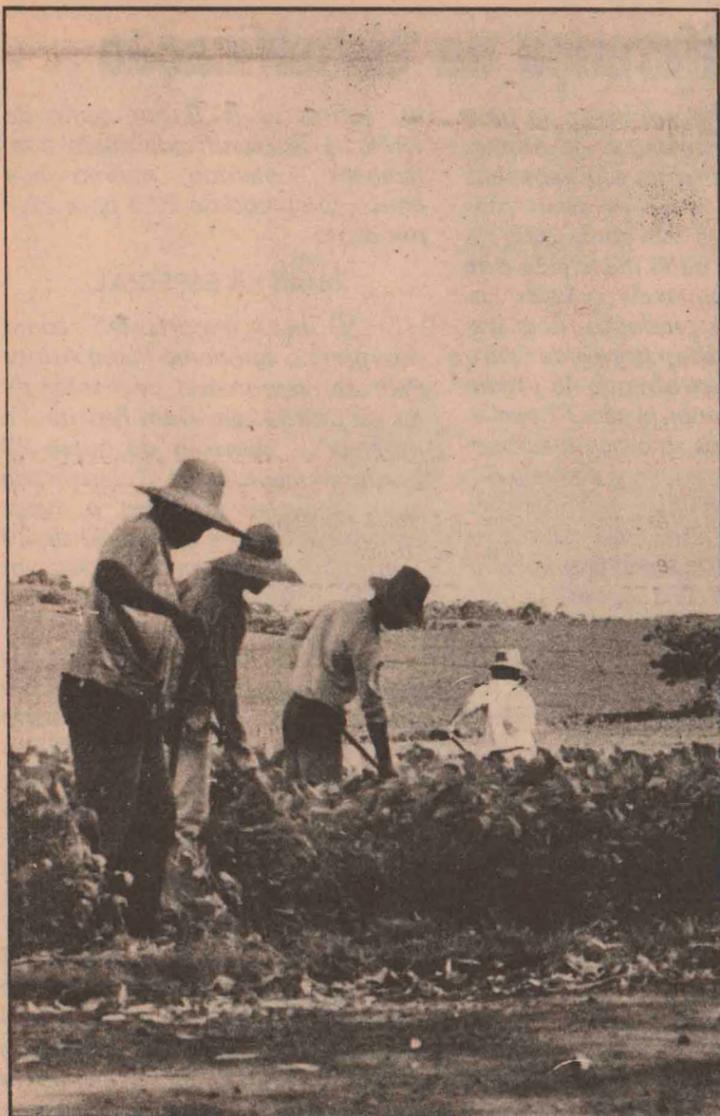
O primeiro congelador do Brasil:  
fabricado desde 1957.



260 litros  
Vertical



Estes e outros modelos de  
Congeladores Prosdócimo  
estão à venda nas Lojas Cotrijuí



### CAPINA MANUAL

Operação	Dias trabalho P/ha	Mão-de-obra*	
		P/dia	P/ha
Capina manual	4 homens/dia	979,00	3.916,00

(\*) No custo da mão-de-obra está incluída a depreciação da enxada

**Muitos inseticidas protegem sua soja de algumas pragas.**

**Só Nuvacron protege contra todas!**

Nuvacron extermina todos os percevejos, a lagarta da soja, a plusia, a broca das axilas, todas de uma só vez!

Nuvacron é também indicado para controlar os pulgões e lagartas do trigo.

**Nuvacron: defesa total da soja.**

CIBA-GEIGY

Antes de aplicar qualquer inseticida, consulte as recomendações do rótulo.



# A CAPINA NA PROVA DOS NÚMEROS

Os altos custos dos insumos modernos, como os herbicidas, e outros itens que vêm pesando bastante no trato da lavoura, motivaram o pessoal do Departamento de Estudos Econômicos da Cotrijuí a fazer mais uma avaliação. Desta vez foi a capina que passou pela prova dos números, e o levantamento permite algumas comparações. Foram levantados dados sobre a capina mecânica (capinadeira puxada por trator), capina manual (com uso da enxada) e o combate às ervas com a utilização de herbicidas.

Os cálculos foram feitos levando-se em conta os custos num hectare de lavoura de soja. Os números relacionados com capina mecânica e aplicação de herbicidas são baseados em levantamentos feitos no Centro de Treinamento da Cotrijuí. O custo hora/máquina, por exemplo, considera os gastos com combustíveis, lubrificantes, troca de filtros, conserva-

ção e reparos e depreciação da máquina e de equipamentos, no caso o desgaste do trator, da capinadeira ou do pulverizador.

Para avaliação da capina manual, o Departamento considerou, essencialmente, o custo da mão-de-obra, incluindo aí o desgaste da enxada. Para base de cálculo foi utilizado como referência o salário mínimo, de Cr\$ . . . . . 23.500,00, para o trabalho de cada homem durante 24 dias por mês, no caso de carpideiro eventual. Este carpideiro eventual é aquele contratado por tarefa, por empreitada, como é mais comum na região para este tipo de trabalho.

### MAQUINA E VENENO

A capina mecânica pode ser feita, em média, em 54 minutos num hectare de lavoura (veja a tabela), com um custo total de Cr\$ 1.577,00 por hectare. São considerados os gastos com a operação do trator e da capinadeira, e as despe-

sas com mão-de-obra (duas pessoas). Foram utilizadas máquinas novas, o que quer dizer que com equipamentos que tenham mais tempo de uso os custos tendem a aumentar, com variações nestes valores.

Na aplicação de herbicidas, são considerados os gastos com as operações do trator, com o uso do pulverizador e dois produtos de combate às ervas, além da mão-de-obra. Os produtos escolhidos foram a Trifluralina (um litro e meio por hectare) e Sencor pó (meio quilo por hectare), os dois utilizados, respectivamente, para acabar com matos de folha estreita e folha larga.

Como se vê na tabela, o tempo gasto para aplicar veneno num hectare de soja é, em média, de uns 37 minutos. As despesas com o trator ficam em Cr\$ . . . . . 889,00; com o pulverizador em Cr\$ 391,00; com a mão-de-obra em Cr\$ . . . . . 124,00; e com os produtos

### CAPINA MECÂNICA

OPERAÇÃO	Horas trabalho P/ha	Trator-Cr\$		Implementos-Cr\$		Total-Cr\$	
		P/hora	P/ha	P/hora	P/ha	P/Hora	P/ha
Capina-Trator MF-265	54 minutos	1.454,00	1.171,00	-	-	1.454,00	1.171,00
Capinadeira Eickoff 6 linhas	54 minutos	-	-	305,00	246,00	305,00	246,00
Mão-de-obra (2 pessoas)	-	100,00	80,00	100,00	80,00	200,00	160,00
<b>TOTAL</b>	-	<b>1.554,00</b>	<b>1.251,00</b>	<b>405,00</b>	<b>326,00</b>	<b>1.959,00</b>	<b>1.577,00</b>

Fonte: Departamento de Estudos Econômicos

### APLICAÇÃO DE HERBICIDAS

OPERAÇÃO	Horas trabalho P/ha	Trator-Cr\$		Implementos-Cr\$		Total-Cr\$	
		P/hora	P/ha	P/hora	P/ha	P/hora	P/ha
Aplicação herbicida	37 minutos	1.454,00	889,00	-	-	1.454,00	889,00
Trator MF 265	37 minutos	-	-	640,00	391,00	640,00	391,00
Pulverizador 600 litros	-	100,00	62,00	100,00	62,00	200,00	124,00
Mão-de-obra	-	-	-	-	-	-	-
Herbicida:	-	-	-	-	-	-	-
- Trifluralina (1,5 litros/ha)	-	-	-	-	-	-	-
- Sencor (0,5 kg/ha) pó	-	-	-	-	-	-	-
<b>TOTAL</b>	-	<b>1.554,00</b>	<b>951,00</b>	<b>740,00</b>	<b>453,00</b>	<b>2.294,00</b>	<b>9.804,00</b>

Fonte: Departamento de Estudos Econômicos

em Cr\$ 8.400,00. O que mais pesa, portanto, é a despesa com os herbicidas, e o custo total de um hectare fica em Cr\$ 9.804,00.

#### HOMEM E ENXADA

A capina manual (confira na outra tabela) ficou com um custo total de Cr\$ 3.916,00 por hectare. Aqui, o Departamento não teve muitas contas a fazer, como se percebe. Os cálculos foram feitos com base no trabalho de quatro homens por dia, para um hectare de soja. O custo por dia (incluindo o desgaste da enxada) fica em Cr\$ 979,00, e por hectare em Cr\$ 3.016,00.

O tecnólogo Luís Juliani, que coordenou este trabalho, esclarece que todas estas operações, desde a capina mecânica até a manual, podem apresentar oscilações de custos, de propriedade para proprie-

dade. O número de carpideiros, por exemplo, pode variar, dependendo da infestação do mato. O tempo para aplicação de herbicidas ou para uso da capinadeira pode igualmente apresentar variações para mais ou para menos, e disso depende até a perícia do tratorista.

Juliani ressalta ainda que este trabalho não pretende mostrar que esta ou aquela operação é mais econômica, mas apenas permitir que o produtor tenha dados à mão, na hora de se decidir. A escolha vai depender de muitos fatores, como a disponibilidade de mão-de-obra, máquinas e implementos, condições do clima e estágio de desenvolvimento do mato, e disso o agricultor sabe muito bem. O importante é que, com essas tabelas, fica mais fácil de fazer um orçamento.

## Controle de defensivos: aprovação do projeto depende do Governador

O Rio Grande do Sul pode tomar a dianteira, entre os Estados que vêm se preocupando com o controle do uso de defensivos agrícolas, se uma iniciativa da Assembléia Legislativa contar com o apoio do governo estadual. Os deputados aprovaram, no dia 2 de dezembro, um projeto de lei que, entre outras coisas, prevê a proibição, no Rio Grande do Sul, de todos os produtos químicos destinados ao controle de pragas e doenças, que sejam proibidos em seus países de origem.

O projeto foi apresentado pelo deputado Antenor Ferrari, mas não é, como ressalta o próprio parlamentar, uma iniciativa pessoal. Na verdade, ele foi elaborado com base em pareceres de várias entidades preocupadas com o meio ambiente, como a Agapan e a Associação Democrática Feminina Gaúcha. Só que, na hora de votar o projeto, nem todos apoiaram a idéia. A matéria foi aprovada pelos deputados do PDT e do PMDB, e com apenas um voto do PDS, do deputado Silvério Kist.

Os outros pedessistas votaram contra, porque, segundo suas lideranças, o projeto não chegou a ser analisado a tempo pela bancada. Esta posição, que é bastante controversa, num momento em que tanto se fala na necessidade de controlar o uso dos venenos, foi contestada por outros deputados, já que a matéria foi amplamente divulgada, e esteve no mínimo

durante um mês para exames. **OMISSÃO**

O projeto tem o número 155 e prevê, por exemplo, que todo o agrotóxico que for considerado altamente nocivo à saúde e ao meio ambiente pode, a qualquer momento, ser proibido no Estado. Também determina que todos os produtos devem ser rigorosamente cadastrados; dá liberdade para que as entidades ecológicas solicitem medidas punitivas ao governo, nos casos de infração; e também permite que o Legislativo fiscalize todas as questões relacionadas com esta área.

Mas o mais importante é que de acordo com o projeto, ficam proibidos no Estado todos os defensivos já proibidos nos países de origem. Acontece que a grande maioria dos venenos tem marcas estrangeiras, e muitos não mais podem ser usados nas nações de onde vieram, como os Estados Unidos. Só que, se discordar disso tudo, o governo pode vetar essas disposições.

Para que não houvesse veto, a Assembléia precisava da aprovação da matéria por dois terços dos deputados, ou seja, os votos das bancadas do PMDB e PDT e pelo menos mais cinco votos do PDS. Como apenas um pedessista votou a favor, tudo o que foi feito fica agora sob o risco de ser anulado, apesar dos muitos apelos dos ecologistas, para que a Assembléia Legislativa não se omitisse diante dessa iniciativa.

## Preços de equipamentos e herbicidas

*Quem está pensando em investir em capina mecânica ou na aplicação de herbicidas, ou mesmo em substituir velhos equipamentos por novos, terá que contar, invariavelmente, com dinheiro para pagar à vista. É que, nesse caso, se repete uma história antiga: não há recursos nos bancos para investimentos. Só quem se atreve a entrar numa fila, à espera de verbas, talvez consiga, ninguém sabe quando, algum empréstimo.*

*Uma capinadeira Eickoff de seis linhas não sai hoje por menos de Cr\$ 178 mil. Outra capinadeira, da marca Sacil, custa uns Cr\$ 380 mil. Já um pulverizador Jacto de 600 litros anda por Cr\$ 490 mil no comércio. Só que estes são preços à vista, que se multiplicariam várias vezes, no caso dos equipamentos serem financiados.*

*Se existisse financiamento, esses equipamentos ficariam com juros baixos, de 45 por cento ao ano, pois não ultrapassam, individualmente, o valor de 100 MVR (Maior Valor de Referência), que representa Cr\$ 1 milhão e 122 mil cruzeiros. Financiamentos acima desta valor ficam com taxas bem maiores. Só que este teto de 100 MVR vale para o ano todo, ou seja, para todos os in-*

*vestimentos financiados durante os 12 meses.*

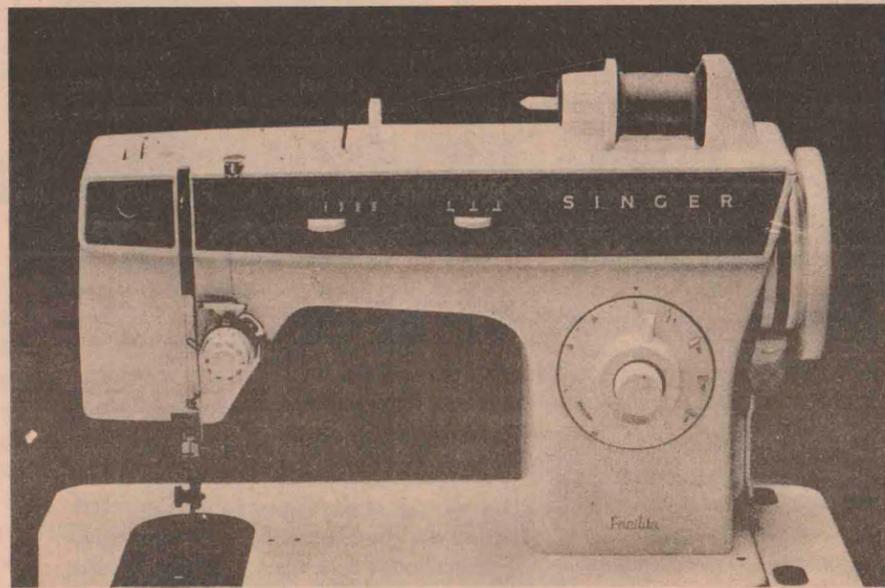
*Além do pulverizador, se quiser recorrer ao uso de venenos, o produtor terá, é claro, que comprar herbicidas por preços também não muito baixos (veja a tabela abaixo). E, no caso da capina manual, como já foi dito antes, o gasto será apenas com a mão-de-obra e a enxada. Aliás, carpideiro é o que não falta na região da soja para trabalhos eventuais.*

#### OS PREÇOS DOS HERBICIDAS

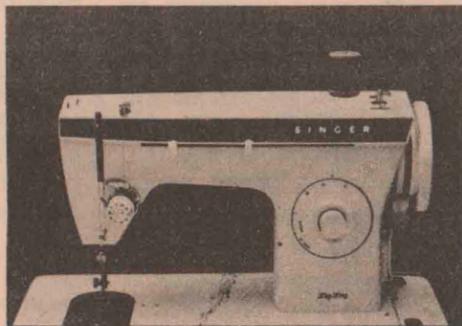
Produtos	Cr\$/kg ou litro (Preço de dezembro 82)
Basagran	4.180,00
Blazer + Artebane	6.058,00
Dual 720 EC	2.086,00
Gesaprin	1.936,00
Gramoxone	1.956,00
Laço	1.125,00
Lexone (Líquido)	7.280,00
Primextra	1.720,00
Sencor 480 F	7.280,00
Treflan	1.020,00
Trifluralina	1.050,00

- Fonte: Central de Insumos

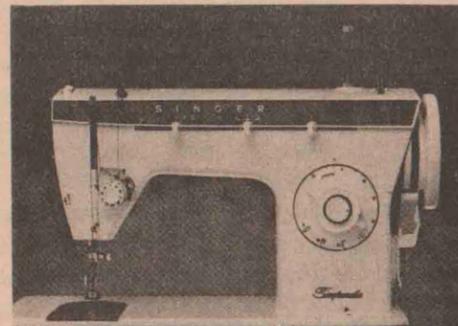
## Moda e economia para todas as estações.



Nova Facilita - 288  
Possui 11 discos recambiáveis, sendo 7 decorativos - Caseador automático - Motor semi-embutido com 2 velocidades - Chapa de agulha de fácil remoção - Prega zíperes e botões.



Zig-Zag - 247  
Costura reta e em zigue-zague - Borda com bastidor - Motor semi-embutido - Prega zíperes e botões - Faz costura acetinada - Encaixe de agulha à prova de erro - Costura com agulha dupla - Possui tampa protetora da correia do motor.



Semplesmatic - 263  
Costura reta e zigue-zague - Caseador automático - Bainha invisível - Agulha dupla, costura em duas cores ao mesmo tempo - Chuleador.

Singer, a máquina da economia, você também encontra nas lojas Cotrijuí

Mulher rural



# TODO UM ESPAÇO A CONQUISTAR

Dois encontros de mulheres rurais promovidos pelo Departamento de Comunicação e Educação da Cotrijuí se transformaram na oportunidade de ampliar uma discussão que, timidamente, já vinha acontecendo nas reuniões de núcleos: os direitos da mulher como trabalhadora e seu papel na sociedade.

Os dois encontros tinham como um de seus objetivos proporcionar a integração das mulheres produtoras da área de ação da Cotrijuí na Região Pioneira. O primeiro aconteceu dia 30 de novembro, em Ijuí, reunindo representantes também de Ajuricaba, Jóia, Augusto Pestana, Chiapetta, Santo Augusto e Tenente Portela. O segundo foi em Augusto Pestana, no dia 4 de novembro, promovido em conjunto com o Sindicato de Trabalhadores Rurais do município, e que contou com a participação de nada menos do que 350 mulheres das diversas localidades do interior.

A tentativa de entender a crise

da agricultura despertou tanto entusiasmo como as discussões sobre os direitos da mulher, seja como esposa, como mãe, ou como trabalhadora. Estes assuntos foram apresentados por diversos palestrantes. Em Ijuí falaram o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Oscar Drews; o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Ijuí, Carlos Karlinski; a professora Helga Heck, da Universidade Federal de Pelotas; e Walter Frantz, da Fidene. Em Augusto Pestana estes assuntos foram abordados por Argemiro Luís Brum, Iolanda Giasson e Dolair Callai, também da Fidene.

A participação das mulheres não se limitou a sua presença nos encontros. Elas perguntaram, discutiram, concordaram e discordaram de algumas das colocações. Como saldo dos encontros ficou a certeza de que a mulher tem um espaço a conquistar e uma série de direitos pelo qual deve lutar, se organizando e participando das instituições a que toda família rural está ligada.

## Não há vitória sem luta

"Estamos vivendo uma época histórica dentro da área de ação da Cotrijuí", falou o diretor vice-presidente da Cooperativa, Arnaldo Drews, quando fez a sua saudação na abertura do segundo Encontro de Integração dos Núcleos Cooperativos de Esposas e Filhas de Associados da Cotrijuí. "A mulher", destacou ainda, "está participando efetivamente em todos os setores, debatendo, em condições de igualdade com o marido, os problemas de sua comunidade e de sua cooperativa".

No final da manhã, durante os debates, dona Nilva Commandeur, de Ijuí, queria saber qual a saída para o produtor que não vem recebendo preços justos por seus produtos e nem tem mais condições de trabalhar com empréstimos dos bancos por causa dos juros. O vice-presidente respondeu que a saída é uma "volta aos bois", deixando de lado as máquinas. "Temos que passar a lavar com bois, com cavalos, como fazíamos antigamente, e produzirmos na propriedade de tudo um pouco, desde leite, suínos, aveia, arroz, feijão, milho".

O segundo Encontro Integração dos Núcleos Cooperativos de Esposas e Filhas de Associados da Cotrijuí, foi realizado na Afucotri de Ijuí no dia 30 de novembro e organizado pelo Departamento de Comunicação e Educação. A reunião contou com a participação de quase 400 representantes,

vindas de núcleos de Ijuí, Jóia, Augusto Pestana, Ajuricaba, Chiapetta, Santo Augusto e Tenente Portela.

### UM INSTRUMENTO

O professor Walter Frantz, substituindo o presidente da Fecotri, Jarbas Pires Machado, que não teve condições de participar do Encontro, iniciou a sua palestra sobre a atual "Situação do Cooperativismo no Rio Grande do Sul", lembrando que em todos os tempos, o cooperativismo nasceu na tentativa de superar a crise da época. "A proposta inicial propunha uma mudança profunda na sociedade de então". Uma proposta que não vingou no seu total, mas que permaneceu como um instrumento de defesa do trabalho das pessoas no processo produtivo. "E no Rio Grande do Sul, principalmente no Noroeste do Estado, as cooperativas de trigo e soja, surgiram para atender as necessidades e exigências que eram colocadas por uma agricultura que vinha se modernizando. "Achávamos, naquela época, que uma das grandes saídas para a crise era a modernização da agricultura. Os resultados estão aí". Já que o cooperativismo nasceu a partir de uma crise, o Walter Frantz não vê motivos para jogar de lado a possibilidade de mais uma vez rediscutir esse instrumento e usá-lo como saída para a crise.

### AS DIFICULDADES

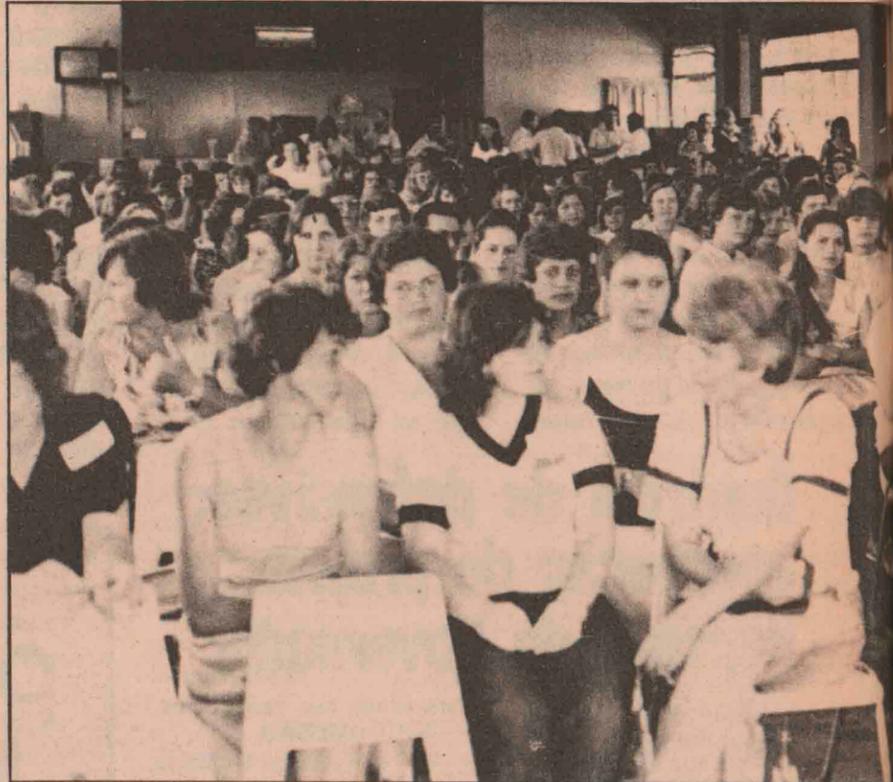
"Existe muita injustiça no que diz respeito à situação da mulher do meio rural", disse o Carlos Karlinski, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, quando falou sobre os "direitos da mulher rural na Previdência e sua participação no Sindicalismo". Karlinski tem certeza que a luta para reconhecer os direitos da mulher vai ser árdua, "se comparado com o tempo que o próprio trabalhador rural levou para conquistar os seus direitos junto à Previdência". Recordou que até hoje, enquanto o trabalhador urbano tem 21 benefícios e assistências, o rural tem apenas oito. "Mas nem por isso, a mulher deve desistir da luta". Se a mulher quiser aposentadoria, se quiser ter direito a seguro de acidente de trabalho, terá de lutar muito. "O certo é que não há vitória sem sacrifício, sem muita luta".

### HORA ARTÍSTICA

A parte da tarde foi reservada para uma troca de experiência entre os núcleos e uma programação artística e cultural a cargo dos núcleos de Salto, Irgang, Piratini e Povoado Santana, de Ijuí. Com grande sucesso, os núcleos apresentaram canções italianas, peças teatrais e alguns números musicais e humorísticos.



Augusto Pestana realizou seu I Encontro



Em Ijuí participaram 400 mulheres, de todos os núcleos onde é feito o trabalho de



Os palestrantes em Ijuí: Helga Heck, Walter Frantz e Carlos Karlinski



Arnaldo Drews: fazer como antigamente

# A obrigação de participar da decisão

## PARTICIPAR E CONQUISTAR ESPAÇOS

E Dolair foi relacionando uma série de fatos: a mulher executa uma série de tarefas dentro da comunidade, para manter a escola, manter a Igreja, fazendo doces para festas da comunidade. Mas na escola, dificilmente a mulher faz parte do Círculo de Pais e Mestres, quanto muito participa do Clube de Mães. Ela também não faz parte da diretoria da Igreja, ou do Sindicato, ou da Cooperativa:

— Se nós participamos da produção, temos obrigação de participar da decisão. Mas ninguém vai nos dar este espaço, nós é que deveremos conquistá-lo.

Para conquistar este espaço, de acordo com Dolair, a mulher deve se organizar inclusive para sua própria educação:

— Temos que ter tempo para nos encontrarmos, ouvir noticiário, ler jornal, entender o que está acontecendo no mundo. Todas nós sabemos muito, só não achamos tempo para discutir. E vamos também discutir com os homens, e não fazer um trabalho separado. Devemos criar um clima de diálogo, de participação, para que sejamos capazes de sermos felizes juntos, homens, mulheres e crianças.

“Aninha tinha a obrigação de arrumar suas coisas, suas roupas. Seu irmão João não precisava, que Aninha arrumava para ele. Aninha não podia brincar até mais tarde na rua, que menina não fica fora de casa quando já está escuro. João podia, porque está quase um homenzinho. Aninha não podia subir na árvore. João podia. João devia fazer compras e carregar a sacola pesada. Aninha não, porque não tem força, afinal é uma menina. João caiu, se machucou e chorou. Mas foi repreendido, porque homem não chora. Aninha também caiu, se machucou e chorou. E a mãe ficou com pena da pobrezinha. Aí Aninha encheu de ser menina, e resolveu ser homem, que homem podia fazer tudo aquilo que mulher não podia. O homem só não podia chorar. E tanto Aninha insistiu que agora era homem, que seu pai e sua mãe se deram conta que alguma coisa estava muito errada na sua casa”.

Foi com esta historinha que Dolair Callai, professora da Fidene, tentou deixar bem claro durante sua palestra no encontro em Augusto Pestana, como a sociedade determinou o papel da mulher. Mas assim como Aninha deixou de concordar em ser “apenas” uma menina, as mulheres também começam a questionar aquilo que é decidido como bom para elas. Na historinha da Aninha e do João, o final foi feliz. Os irmãos começaram a brincar juntos, e o que um podia fazer o outro também podia, inclusive chorar. E também papai e mamãe começaram a dividir melhor suas tarefas. Não é também uma vida feliz que toda mulher deve pretender?

### NÃO QUEREMOS LUGAR DO HOMEM

“Nós, mulheres”, disse Dolair, “não queremos ocupar o lugar do homem e ape-

nas inverter o lugar de patrão e escravo. Não pretendemos a dominação da sociedade, mas sim uma modificação nesta sociedade, para que homens e mulheres participem juntos, e sejam capazes de ser mais felizes”.

É claro que esta modificação não vai acontecer de uma hora para outra, num abrir e fechar de olhos. Mas a busca de espaço, e de um clima de compreensão e de entendimento, vai depender fundamentalmente da mulher. A saída, segundo Dolair, é a mulher se conhecer e passar a participar de uma forma mais ativa na sociedade. Mas o que a mulher deve conhecer? E Dolair foi deixando perguntas e afirmações no ar:

— Qual é nosso papel e qual a importância do trabalho de esposa, mãe e educadora que a mulher desempenha dentro da sociedade? Quanto custa este trabalho dentro de casa? Aonde isto é calculado e contado nas despesas da família? Mas nós não somos apenas donas de casa, domésticas, somos trabalhadoras, e o nosso trabalho está sustentando muitas instituições — o sindicato, a cooperativa, a igreja, a escola — mas a nossa participação nestas instituições é nula, que “não é assunto de mulheres”. Mas quando a corda aperta, quem tem que rebolar dentro de casa para botar comida na mesa, educar os filhos, é a mulher.



Argemiro Luís Brum está falando, observado na mesa por Dolair Callai e Iolanda Giasson

perativas, técnicos e os próprios agricultores. Alguns se deixaram envolver e outros foram envolvidos, por interesses e comprometimentos com esta situação.

— Se não concordamos, mas não fizemos nada, e se entendemos o que acontece e ficamos calados, é porque estamos comprometidos com alguma coisa.

Um dos primeiros passos, no seu entender, é o agricultor começar a interferir no poder de decisão dentro das instituições a que está ligado, e começar a participar efetivamente:

— Quem não participa, dá margem a que outros participem. As mulheres também tem que participar, pois elas também geram riquezas. Esta é uma tentativa de pelo menos sobreviver na propriedade, junto com seus companheiros. De nada adianta termos representantes, se não conseguimos sustentar estes representantes com o poder de pressão das bases, através do seu comprometimento com os nossos interesses.

### PLANTAR MANDIOCA E BATATA PARA COMER

Está na hora, segundo Argemiro, do produtor procurar entender realmente o

ro, e também da Samrig, que compra a soja.

### A SITUAÇÃO VAI PIORAR EM 1983

Para Argemiro, as perspectivas para o futuro não são nada animadoras:

— A situação não vai melhorar para o ano que vem. Dizer que sim, é mentir, porque ela vai é piorar. Muita gente vai me chamar de fatalista, mas eu não gostaria de enganar ninguém. A grande briga do agricultor será conseguir manter a terra, nem que seja apenas produzindo para comer. Vender a terra, no meio rural, significa vender o emprego, o trabalho, e ir para a cidade não vai adiantar, porque na cidade não tem mais emprego.

De acordo com as colocações de Argemiro, a situação chegou neste estado de coisas porque houve um jogo de interesses no direcionamento da política agrícola nacional:

— No lugar de uma economia forte, voltada para os interesses internos, nós temos uma economia muito fraca, que gera renda para o exterior. A maioria das propriedades rurais do Sul do Brasil foi influenciada a produzir para exportar, e passou a ser dependente de um processo produtivo sobre o qual não tem o poder de comando.

### INTERFERIR NO PODER DE DECISÃO

Todo mundo, segundo ele, tem uma parcela de culpa nisto tudo: Governo, coo-

## Como entender a crise?

A crise da agricultura é a crise da dependência. Dependemos de um processo produtivo que não é nosso, pois não produzimos os insumos que utilizamos, não temos dinheiro e pedimos então emprestado, e não vendemos o produto pelo preço que desejamos. Nesta situação é que se encontra uma das razões das dificuldades — até mesmo de sobrevivência — que o meio rural enfrenta, de acordo com colocações do professor Argemiro Luis Brum durante o I Encontro de Integração da Mulher Augusto-pestanense.

Argemiro, que é diretor do Criaec (Centro Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas, da Fidene), falou sobre a situação atual da agricultura, e enfatizou a necessidade do agricultor passar a ter o poder de decisão sobre as coisas que faz. Suas colocações despertaram um grande interesse entre as participantes do encontro, e ele foi muitas vezes interrompido durante a palestra para esclarecer melhor alguns pontos que abordava.

Segundo ele, alguém está controlando a atividade agrícola, só que este alguém não é o próprio produtor:

— De um lado e de outro, existe todo um sistema montado. A mesma empresa que produz o insumo, é a que nos empresta o dinheiro e também a que nos compra o produto. Como exemplo, existe o caso da Bunge Y Born, uma multinacional que aqui no Brasil é dona da Quimbrasil — que produz adubos —, do Banco Francês e Brasilei-

Mulher rural



# A trabalhadora desconhecida

*A mulher é responsável pela produção de 50 por cento dos alimentos produzidos na propriedade rural. Com seu trabalho ela contribui para o Funrural, mas nem ao menos é reconhecida como trabalhadora. Não tem direito à aposentadoria, a seguro por acidente do trabalho ou a qualquer outro benefício que é um direito do trabalhador.*

“Se o trabalho da mulher serve para contribuir na caixa do Funrural, por que não serve também para retonar em benefício da trabalhadora rural?”, perguntava Iolanda Giasson, que abordou o assunto “Trabalho da Mulher, Previdência e Sindicalismo” durante o encontro em Augusto Pestana. Ela mostrou que pelo menos 50 por cento da produção de alimentos no meio rural é feita pela mulher, que assume a responsabilidade do leite, do trato dos animais, da horta, e ainda pega na lida da roça, pois com todo processo de modernização os homens cada vez mais se envolvem com idas no banco, na cidade, para tratar dos negócios. Disse a Iolanda:

— O Funrural é um fundo onde todo agricultor deposita uma soma em dinheiro, através do produto que comercializa. Então este fundo também é formado com o fruto do trabalho da mulher, que não recebe em troca os benefícios a que tem direito. A agricultura não tem aposentadoria, não tem seguro de acidente do trabalho.

Na verdade, como Iolanda lembrou, a mulher rural não é nem ao menos reconhecida como trabalhadora. “Em todos os documentos está escrito que a profissão da mulher é doméstica. Mas quantas são as mulheres rurais que só trabalham no lar?” Todo o trabalho da mulher, por sinal, não é valorizado, mesmo aquele feito dentro de casa:

— Botaram na nossa cabeça, e na cabeça dos homens também, que é feito o homem lavar, passar, cozinhar. Toda sociedade criou isto. O trabalho dentro de casa só é valorizado quando feito em conjunto.

## A MULHER SOFRE AS CONSEQUÊNCIAS

Iolanda, que tem tido contato com trabalhadoras rurais de todo estado, contou que tem ouvido e sentido uma queixa constante das mulheres pela falta de tempo para o lazer, para a diversão. As mulheres se queixam de que vem aumentando o trabalho, que se sentem doentes, com dores na coluna, problemas de nervos:

— Isto é porque o trabalho está sendo enfrentado com tristeza, como um peso para a mulher. Num determinado município, quatro por cento das mortes das mulheres tiveram como causa o suicídio. Isto é um reflexo de toda esta situação de dificuldades, e a mulher não entende o que está acontecendo, só está sofrendo as consequências.

O trabalho só é valorizado, como falou Iolanda, se a sociedade paga um preço justo por ele. Ela exemplificou com o caso do leite: se custa Cr\$ 48,00 produzir um litro de leite, se deve receber pelo menos este valor e mais um pagamento pelas horas de trabalho necessária para que este litro tenha sido produzido. Existe valorização se a mulher tem segurança, garantia de atendimento à saúde e na velhice. “Mas que assistência e segurança a mulher rural está tendo? Esta assistência é um direito, como a saúde é um direito sagrado”.

## SAÚDE É UM DIREITO SAGRADO

Ela também lembrou um pouco a luta que os agricultores enfrentaram para conquistar um melhor atendimento médico

e hospitalar através do Funrural. De toda esta luta, duas reivindicações foram atendidas: a eliminação da participação nas despesas, e o direito do menor ter um acompanhante durante o período de internação hospitalar. Mesmo com estes direitos adquiridos, e assegurados por lei, ainda continuam a existir problemas de atendimento, como ficou bem claro inclusive enquanto Iolanda falava destas coisas.

Os hospitais, alegando falta de recursos, porque a Previdência paga pouco, não estão prestando o atendimento a que os agricultores têm direito. E este fato criou inclusive um certo atrito entre a diretoria do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Augusto Pestana e o hospital da cidade, chegando ao ponto do presidente do STR, Bruno Van der Sand, ser proibido de entrar no hospital. Isto ele afirmou quando o problema foi levantado pelas participantes do encontro. Durante os debates, porém, ficou acertado que este assunto deve ser discutido pelos associados do Sindicato, pois a diretoria não pode levar sozinha para a frente uma luta tão grande como esta. Van der Sand, inclusive, sugeriu que os agricultores associados do hospital participem também da próxima assembleia da casa de saúde, na tentativa de solucionar o problema.

“Os hospitais”, como falou Iolanda, “não podem deixar de atender bem o agricultor. É função do Sindicato exigir este atendimento a todos os agricultores, porque eles pagam o Funrural para ter este direito. Se a verba que os hospitais recebem não é suficiente, eles devem conseguir mais recursos, e lutar por isto”.

## A LUTA DA MULHER COMO TRABALHADORA

A luta do agricultor, como ela lembrou, acontece através do seu Sindicato de classe, e deve ser assumida por todos, não apenas pela diretoria. As mulheres, como se vê em todo estado, pouco participam do sindicato, assim como participam muito pouco de qualquer organização. Disse Iolanda:

— Se nós ajudamos a produzir, se somos trabalhadores rurais, também devemos ter o direito de participar, de levar nossos problemas no Sindicato, de votar nas eleições de diretoria, de fazer parte de diretoria. Uma coisa é certa: se nós mulheres não nos organizamos, não vamos conseguir nossos direitos. Temos que acreditar na nossa capacidade, porque nós temos esta capacidade.

Ela também lembra que nenhum direito é conseguido sem luta. Foi com luta que as mulheres da cidade conseguiram os benefícios que têm hoje e que ainda são negados às trabalhadoras rurais:

— Foram o sofrimento e as dificuldades que fizeram as mulheres se unirem e lutarem. A primeira greve das mulheres, por exemplo, custou a vida de trabalhadoras de uma fábrica, que reivindicavam melhores condições de trabalho.

Elas fizeram uma greve e o dono da fábrica mandou prendê-las lá dentro e ateou fogo, morrendo todas queimadas. Isto mostra que os nossos direitos só serão conseguidos com a nossa luta e organização, que ninguém vai dar para nós estes benefícios.



É função do Sindicato lutar pelos direitos dos trabalhadores

## As artistas

Os valores culturais e artísticos das mulheres rurais também tiveram seu espaço nos dois encontros de Integração promovidos pela Cooperativa. Tanto em Ijuí como em Augusto Pestana, a parte da tarde foi reservada para a apresentação de corais, peças de teatro, números musicais, poesias e danças.

De uma forma ou de outra, seja nas canções, nas poesias e representações teatrais, elas procuraram mostrar a sua realidade e também os problemas que o meio rural enfrenta. As questões da Previdência, da terra, do êxodo rural, foram destacadas na maioria das apresentações.



## A gente luta pela aposentadoria



“Tenho 56 anos e parece que tenho 70”, se lamentava a dona Helga Köster, de Ponte do Ijuizinho, durante o depoimento que deu num dos momentos do I Encontro da Mulher Rural Augusto-pestanense. Desde criança ela trabalha na roça, mas até hoje não recebeu nenhum benefício pela contribuição feita com o seu trabalho durante todos estes anos. O marido morreu quando seus oito filhos ainda eram pequenos. Foi uma luta criar, vestir e dar estudo para as crianças, apenas com o amparo de uma pensão do INPC. “Hoje, o filho mais novo já vai fazer 18 anos, e a pensão que era de três salários, agora ficou só em meio salário”, contou a dona Helga.

O trabalho pesado fez sua fisionomia envelhecer mais cedo, e hoje está sendo difícil cumprir as tarefas da lida diária da roça:

— A gente luta para se aposentar no Funrural, mas não tem direito. Se trabalhou a vida toda e isto não é reconhecido.



## Sair da penumbra

“Continuar trabalhando na penumbra é o que resta para a mulher do meio rural, se ela não tratar de se conscientizar de que mesmo trabalhando dentro de casa, está fazendo um grande benefício a sociedade”, alertou a professora Helga Heck, da Universidade Federal de Pelotas, Helga veio a Ijuí para falar sobre a “Jornada de trabalho da mulher rural e seus reflexos sócio-econômicos”, durante o segundo Encontro Integração dos Núcleos Cooperativos de Esposas e Filhas de Associados da Cotrijuí”.

A valorização do trabalho da mulher e sua integração no processo de desenvolvimento foi o ponto alto de toda a conversa que a professora Helga teve com as representantes presentes ao encontro. “A mulher”, contou a professora, “foi a primeira a plantar. Enquanto o homem ia para a guerra ou saía para a caça, a mulher além de educar os filhos, também cuidava da lavoura. Não é de hoje, portanto, que a mulher vem conciliando o trabalho da casa com o trabalho da lavoura e a educação dos filhos. Bem mais tarde, passado o alívio do uso do trator, do herbicida na lavoura, veio nova sobrecarga de trabalho para a mulher. Foi ela que saiu em busca de novas alternativas para propriedade, quem cuidou da horta e do leite, só que seu trabalho não é reconhecido, apesar de ser produtivo”.

### O QUE FAZER?

O primeiro passo para mudar um pouco esta situação, segundo a professora, é a mulher começar, de uma vez por todas, a fazer valer suas idéias. Helga destacou que até uns 60 anos atrás, a mulher brasileira era considerada como se não tivesse idéia suficiente para resolver seus problemas. Mas as mudanças só vão ocorrer a partir do momento em que acontecer modificações dentro da família, seja discutindo, seja redistribuindo melhor as tarefas:

— A mulher sempre foi responsável pela educação dos filhos, mas nunca os trouxe para dentro de casa. Mais do que nunca está na hora dela mudar um pouco a forma de educação dos filhos.

A mulher não chegou a este estágio por acaso. Entrou muito aí, a falta de conscientização da própria mulher do que é trabalho, o baixo poder aquisitivo que não lhe permite deixar o trabalho e sair para participar das reuniões da comunidade e a dependência do homem. Para acontecer a valorização da mulher, “ela mesmo terá que se dar conta que é parte integrante da sociedade e que suas idéias têm tanto valor quando as do homem”, alertou Helga Heck.

# A hora de despertar

*Durante o encontro de Ijuí, algumas participantes dos trabalhos nos núcleos desenvolvidos pelo setor de Comunicação e Educação da Cotrijuí, deram a sua opinião sobre o momento que a mulher rural está vivendo.*

*Comentaram as palestras e falaram da sua convicção de que a mulher precisa acreditar mais em si mesma, lutar por seus direitos e conquistar, com a sua organização, o espaço que lhe tem sido negado pela sociedade.*



**Santina Cerezer — São José — Jóia** — O trabalho da mulher rural é muito forçado e ela nem tem tempo para perceber certas coisas. Esses encontros têm seu valor por ajudar a mulher enxergar certas coisas, que o trabalho não deixa. Mulher que só fica da casa para a lavoura, da lavoura para casa, está perdendo tempo. Ela tem que sair, ter participação, colocar em prática suas idéias, dar a sua opinião.

**Nair Zolinger — Paraíso**

— **Augusto Pestana** — Pena que as pessoas que precisavam participar destes encontros não se interessam. A mulher do meio rural não pode mais continuar sendo rejeitada. Ela tem que lutar por seus direitos e estar presente em todas as situações. Depois que começaram os trabalhos com núcleos, até que a situação da mulher melhorou muito. Antes ela nem chegava a tomar conhecimento dos negócios do marido, mas hoje ela já está participando ativamente nas decisões.



**Gelci Rosa — Linha São José — Chiapetta** — Tudo o que se ouviu aqui já é uma boa contribuição para a mulher mudar um pouco a sua condição de vida. A mulher rural não tem segurança nenhuma. Trabalha uma vida toda, sem nenhum direito, como se não existisse. O homem tomou a dianteira e a mulher ficou para trás, como se nem idéia tivesse.

**Carmem Dal Forno — Rincão dos Pinheiros — Ijuí** — É muito bom ouvir idéias novas, para sentir como as coisas estão mudando com relação a atuação da mulher rural. Sempre fui muito participante porque acredito que a mulher tem os mesmos direitos que o homem. Ela trabalha, sofre e se desgasta tanto quanto o homem, então por que não ter os mesmos direitos?



**Terezinha Lopes — Linha Maurício Cardoso — Chiapetta** — O que faltou para a mulher nesse tempo todo, foi orientação, iniciativa própria. Ela só começou a crescer depois que saiu de casa e foi para a comunidade, discutir o que acha certo ou errado. A mulher tem que sair à luta, reivindicar direitos, lado a lado com o marido. Ela tem que ser uma aliada do marido na hora das reivindicações.

**Nair Bona — Pinhal — Ajuricaba** — os debates e as questões levantadas foram excelentes. A vida da mulher, como a professora Helga falou, é muito dificultada. Ela sofre muito e ainda não tem seu trabalho reconhecido. Ao contrário das mulheres da cidade, não temos nem direito à aposentadoria. Toda a culpa desta situação é da própria mulher, que não despertou antes para tudo isso que está acontecendo com ela. Esses encontros ajudam em muito para clarear suas idéias.



**Neiva Maria Stival — Ponte Seca — Santo Augusto** — Pelo que a professora Helga falou, a mulher tem que se decidir de uma vez por todas, fazer valer suas idéias. Ela própria tem que começar a valorizar o seu trabalho caseiro. Um trabalho igual aos outros.

**Carmem Ruggini — Perpétuo Socorro — Tenente Portela** — Por tudo o que ouvi aqui, tenho certeza de que está na hora da mulher procurar uma saída, de lutar e tentar se libertar dessa situação. Ser reconhecida como uma trabalhadora e não apenas como esposa e mãe. De ter seu direito a uma aposentadoria. Ela tem de ir à luta sem desanimar.



**Anadir Copetti — Coroados — Santo Augusto** — Em termos de integração, o encontro foi completo, não só da mulher como mulher, mas como uma participante ativa em todas as atividades que o homem atua, quer seja social, econômica ou religiosa. A mulher não é objeto e se ela é companheira para criar filhos, também tem que ser companheira na hora das decisões. A mulher precisa acreditar que ela não é dependente do homem, os dois é que dependem da mesma atividade em que trabalham.

# O PRÊMIO DO SACRIFÍCIO

Desde o inverno passado, o produtor que vem conseguindo manter a mesma cota de leite produzida nos meses de verão está recebendo uma bonificação, como prêmio pela organização da produção. "A cota-prêmio foi criada pela Cooperativa Central Gaúcha de Leite - CCGL -, para estimular a produção de leite durante os meses de inverno, já que o sistema oficial atual estipulado pelo Governo e encarregado de fixar as regras de comercialização de leite vem desestimulando a produção nos meses de primavera e verão", justifica o veterinário Otaliz de Vargas

Montardo, do Departamento Técnico da Cotrijuí. "É um pagamento espontâneo que a Cooperativa vem oferecendo, no sentido de amenizar um pouco os prejuízos que o produtor está tendo com o leite excessivo", reforça o Iriné Roberto, do Setor de Leite da Cotrijuí.

## CUSTO MAIOR

Apesar da produção de leite nos meses de inverno apresentar um custo maior, o Otaliz tem certeza que o próprio produtor já começa a reconhecer que a compensação vem com a formação da cota e, por consequência, com a

diminuição do leite excessivo nos meses de verão. "Por outro lado", assegura, "é justamente nos meses de inverno que ocorrem os reajustes nos preços de leite".

Tanto é possível produzir leite nos piores meses do ano, que neste inverno 29 por cento dos produtores da área de ação da Região Pioneira conseguiram manter um bom nível de produção. O Otaliz conta o que esses produtores fizeram para vencer o inverno:

— Esses 1.094 associados são produtores que se preocuparam, ainda nos meses de verão, em reservar alimentação, sob a forma de silagem ou feno, para os meses de inverno. Ou então fizeram pastagem durante o inverno. Por outro lado, foram caprichosos e programaram a reprodução das vacas.

Abril e maio são os meses mais indicados para o produtor colocar as vacas em cobertura. Só assim, quando chegar o inverno, as vacas estarão em

lactação. "Agora", acrescenta o Otaliz, "todo este esquema produtivo só vai funcionar se houver um programa de alimentação muito bem organizado".

## DISCIPLINA

A entrada do leite-cota está disciplinando um pouco mais a produção de leite nos meses de inverno, "pois o produtor começou a se dar conta, de que se não produzir durante todo o ano, perderá muito dinheiro", comenta o Iriné. Tanto isso é verdade, que de acordo com os cálculos do pessoal do setor de leite, a quebra deste inverno em relação a do ano passado alcançou menor índice. "No ano passado tivemos uma quebra de 55 por cento. Neste inverno, a quebra caiu para 45, o que já é um percentual bastante significativo para a região", diz o Iriné.

## QUEM RECEBEU

Só receberam a bonificação, ou cota-prêmio, os produtores que formaram uma média nos meses de

abril, maio, junho e julho, semelhante a média dos meses de outubro, novembro, dezembro de 81 e janeiro de 82. Exemplificando o melhor, se deu o caso de um produtor formar uma média de 1.000 litros de leite nos meses de outubro a janeiro, e repetiu essa mesma média nos meses de abril a julho, ele alcançou 100 por cento da cota entregue. Nestes casos, o produtor recebeu 10 por cento da média do preço do leite cota relativo aos meses de abril a julho. Como a média de preço ficou em Cr\$ 40,50, o produtor recebeu um valor de Cr\$ . . . 4,05 por litro de leite produzido. Se a média ficou entre 90 e 99 por cento, recebeu oito por cento do valor do litro de leite, ou seja, Cr\$ 3,24 por litro. Para o produtor que ficou enquadrado entre 80 e 89 por cento, o valor recebido foi de cinco por cento do preço médio obtido e aplicado sobre a produção. Quem ficou enquadrado neste caso, recebeu Cr\$ . . . 2,03 por litro.



Uma recompensa a quem se programou para o inverno

## Produção planejada

"Só não produz leite no inverno quem não quer", disse o seu José Arcelino da Rosa, de Rincão da Lage, Ijuí, quando recebeu a sua bonificação no valor de Cr\$ 1.425,00, por ter mantido durante os meses de inverno a mesma média de leite dos meses de verão.

Com apenas duas vacas, e entregando uma média de cinco litros de leite por dia, o seu José Arcelino garante que a produção nos meses de outono e inverno, considerado os piores, depende em muito da programação das crias das vacas e da alimentação, que é fundamental:

— O serviço é o mesmo. O que assusta um pouco são as manhãs frias, mas de resto, não tem segredo nenhum. No meu caso, que tenho pouca terra, produzir leite no inverno é até mais rendoso, pois planto pouco trigo e o resto da terra fica para as forrageiras. No verão, por causa da soja que ocupa mais espaço, geralmente as pastagens ocupam terras ruins, e não se desenvolvem muito bem por causa dos problemas de solo.

### SEMPRE TEM QUEBRA

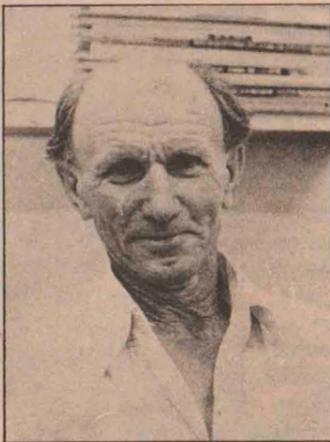
O seu Wilhelm Fischer, da Linha 9 Norte, Ijuí, recebeu bonificação pela segunda vez.



Arcelino: melhor no inverno

No ano passado a sua cota prêmio foi de Cr\$ 8.000,00, "mas este ano recebi Cr\$ 16.000,00". Entregando uma média de 30 litros de leite por dia, cota que vem procurando manter tanto no inverno como no verão, o seu Fischer, diz que já comprovou que por mais cuidado e capricho, as vacas não têm condições de produzir a mesma quantidade de leite no verão e no inverno. Sempre existe alguma quebra, nem que seja pequena.

— O frio e a chuvarada cortam um pouco a produção de leite. Outras vezes, a cria programada para o inverno falha, e aí dá leite excesso na primavera/verão e já o produtor perde dinheiro.



Fischer: sempre tem quebra

Para o seu Fischer a vantagem de produzir leite não é tanto a bonificação em si, mas a organização do produtor e a manutenção das fábricas de queijos e derivados.

— Se o produtor deixar de produzir leite no inverno, quem é que vai manter a CCGL? É só o pessoal investir um pouco mais em pastagens, que a quebra fica pequena. O produtor precisa acreditar que leite se produz todo o ano, basta ter capricho.

### O TRATO

A dona Erica Schreiber, do Itaí, considera que todo o segredo da produção de leite no inverno está no cuidado



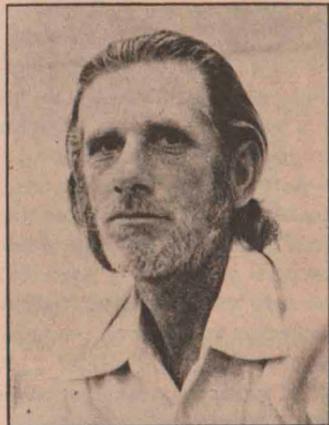
Schreiber: o segredo no trato

com o trato dos animais e na época da cria. Com cinco vacas, a dona Erica vem entregando uma média de 24 litros de leite por dia. Ela mesma conta o que faz para tratar bem seus animais, já que tem pouca terra e dificilmente planta alguma pastagem.

— Sem trato não dá pra produzir leite no inverno. Como não tenho pastagem, corto pasto de foíce, mais ração concentrada, e alimento as vacas.

Apesar das dificuldades, a dona Erica se dá por satisfeita por nunca ter deixado de produzir leite no inverno. A bonificação para ela, que este ano foi no valor de Cr\$ 9.000,00, é uma pequena recompensa pelo sacrifício enfrentado durante as manhãs de geada e chuvarada.

A bonificação do seu Provenir Arcildo Grohs, da Li-



Grohs: prejuízo grande

nha 8 Leste, Ijuí, foi no valor de Cr\$ 22.700,00, isto por ele ter conseguido manter uma média diária de 40 litros de leite durante os piores meses do ano. Ele conta porque este ano deu uma caprichada grande na sua produção:

— É que no ano passado andei me desgostando e até diminuí o plantel. Das 12 vacas, hoje tenho oito. No verão produzi uma média de 100 litros diários de leite, mas como tinha ido mal no inverno, vendi quase tudo como leite excesso e perdi muito dinheiro. E o leite já não vale muito.

A conclusão do seu Provenir, depois dos prejuízos do verão passado, foi de que o negócio é o produtor se organizar de uma vez por todas. Neste inverno só não foi melhor, porque uma das vacas em cria falhou, e as pastagens também não ajudaram muito.

# NOVOS PREÇOS POUCO ADIANTAM

Sem causar nenhuma surpresa aos produtores, apesar de fora de época, foi estabelecido, no finalzinho de novembro, um novo reajuste no preço do leite. Para o produtor o aumento ficou na ordem de 25 por cento, enquanto o consumidor vai pagar 25,4 por cento a mais pelo litro de leite, que teve seu preço final definido em Cr\$ 79,00. Um novo aumento, conforme informaram fontes do Governo quando anunciado este último reajuste, só acontecerá em março de 83.

A partir de dezembro, os novos preços de leite para o produtor são os seguintes: Cr\$ 55,00 para o leite consumo; Cr\$ 51,50 para o leite indústria; Cr\$ 40,00 para o leite excesso e Cr\$ 10,00 para o leite ácido. O reajuste anterior tinha acontecido no mês de junho, mas não veio resolver as dificuldades enfrentadas pelos produtores que reivindicavam um preço único, extinção da cota para os produtores permanentes e também a eliminação do frete dois, o do segundo percurso. Esta situação levou a um desestímulo na produção, que apresentou um crescimento muito tímido no ano de 1982, já que os preços não estão acompanhando os custos dos produtores. No Rio Grande do Sul, a produção que em 1981 alcançara 536 milhões de litros, passou para 550 milhões. No país, o crescimento foi de 6,4 bilhões de litros para 6,7 bilhões.

Com os novos preços, o valor do leite-cota é de Cr\$ 52,72 por litro, considerando que a CCGI recebe 35 por cento da produção como leite consumo e os restantes 65 por cento como leite indústria.



Valéria Kunzler:  
sem gastos



Oldemar Bonemann:  
um salário

Novembro-dezembro/82

## NÃO DÁ PARA INVESTIR

O novo aumento no preço do leite realmente não agradou o seu Ari Didone, de Alto da União, Ijuí. Com um plantel de cinco vacas, o seu Ari garante que não arrisca investir na atividade, porque os preços não compensam os gastos que se pode ter:

— Pelo preço que andavam pagando até uns dias atrás, eu já achava que era mais lucro soltar os terneiros e dar o leite prôs porcos. E nem esse preço que tão falando, de Cr\$ 55,00 por litro, ainda não ficou bom.

Mas quem lida mesmo com o leite é a dona Terezinha de Lourdes, que também não ficou contente com o aumento de 25 por cento:

— Ainda que não houvesse tantos descontos, até ajudava bastante. Uns Cr\$ 50,00 pelo litro, limpinho, já era louco de bom. Com todos estes descontos que temos, quando muito vamos receber Cr\$ 40,00 pelo litro de leite, quando não dá excesso.

## UM AJUTÓRIO

A dona Valéria Kunzler, da Ponte Ijuizinho, em Augusto Pestana, está na lida do leite há mais de 20 anos, sempre mais "como um ajudatório", sem se preocupar em se especializar. Vem mantendo, nos últimos anos, uma média de seis vacas, e não pretende aumentar a produção. Desde o último verão a produção tem ficado numa média em torno de 30 litros e a dona Valéria assegura que inclusive neste inverno a quantidade permaneceu inalterada. Mesmo sem ter muita informação a respeito dos novos preços do leite, a dona Valéria tem certeza de que eles ainda continuam baixos:

— Nossa vantagem é que não se tem muito gasto. Temos uma boa pastagem de azevém, e só uma vez ou outra se compra um pouco de farelo.

"O leite é um pequeno salário", afirma o seu Oldemar Bonemann, do Itai, Ijuí. Para o seu Oldemar, que com cinco vacas crioulas consegue manter uma média de 45 litros de leite por dia, não existe nada mais seguro que o leite, se comparado com o trigo ou com a soja, "que só tem frustrado". Tanto o seu Oldemar está contente com o leite, que nem tem muito o que falar de preços.

— O aumento que foi dado nestes dias até que está dando prá ir levando. No geral o preço ficou bom. Colono pequeno que nem eu, que tem pouco mais do que 12 hectares de terra, nem tem muito o que se queixar do preço.

Com o dinheiro do leite o seu Oldemar sustenta a casa, com rancho e tudo o mais, e ainda compra algum trato para



Terezinha Didoné:  
muitos descontos

as vacas. Trigo não planta, prefere ocupar a terra com uma pastagem bem caprichada do que gastar dinheiro com uma cultura que só vai lhe dar prejuízo.

## O FRETE 2 JUDIA

O seu Hemuth e a dona Horizontina Becker, de Rincão dos Góis, Ijuí, vinham esperando esse aumento desde outubro, mas não ficaram satisfeitos com o preço de Cr\$ 55,00 para



Horizontina Becker:  
o preço é pouco

o leite cota. Diz a dona Horizontina:

— Esse preço que andam falando que vão pagar é muito pouco, ainda mais que vamos pegar leite excesso, que umas vacas negaram a cria. E com tudo subindo não vamos tirar nada de lucro.

Além dos preços serem considerados baixos, a dona Horizontina reclama da quantidade de descontos:

— O que tem nos judiado bastante é este frete dois. De que adianta aumentar o preço do leite, se os fretes vão subir também? No fim dá tudo na mesma coisa.

## NÃO RESOLVE

O aumento, no entender do seu Lucídio Antonio Góis,



Lucídio Góis:  
não vai resolver

também de Rincão dos Góis, ajudou um pouco, mas não vai resolver o problema:

— Ainda que o governo deu esse aumento agora, bem na época da safra, coisa que nunca tinha acontecido. Apesar de pouco, já é uma mão. Pior sem ele.

Mantendo uma média diária de 45 a 50 litros diários, o seu Lucídio assegura que frente a trabalhama e os gastos, o reajuste não poderia ser inferior a 40 por cento. Os preços também não lhe agradam, e muito menos o tal de leite cota. Segundo ele, deveria existir apenas um preço:

— Se a gente vai prá ponta do lápis calcular todas as despesas, falta dinheiro.

## Quando você aplica Blazer,<sup>®</sup> a única coisa que fica em pé é a soja.

É só pulverizar Blazer sobre a lavoura de soja e você verá, 2 a 3 dias depois, mortos pelo chão: o Amendoim

Bravo ou Leiteiro, o João, o Caruru, a Trapoeraba, o Picão Preto, o Picão Branco, a Corda de Viola ou Cipozinho.

A matança é total. O Carrasco só deixa em pé mesmo, a soja. Se você já aplicou Blazer, sabe que isso é

verdade. Caso nunca tenha usado, pergunte a quem já aplicou e só ouvirá uma resposta: O Carrasco é um "baita" produto.



**Blazer.**  
O carrasco das ervas de  
folhas largas.

Agora também em  
formulação instantânea:  
Blazer 16-SC.

# A PESTE LIQUIDOU COM A CRIAÇÃO

Onze galinhas foi o que sobrou no galinheiro da dona Maria Alzira e do seu João Manuel de Moura, depois que uma peste braba andou atacando. E a dona Maria Alzira até que se considera com sorte, pois em surtos de outros anos não sobrou uma galinha sequer, tanto na sua casa como na vizinhança, na Esquina Evangélica, em Coronel Bicaco. O seu João Manuel nem se surpreende mais quando as galinhas começam a morrer:

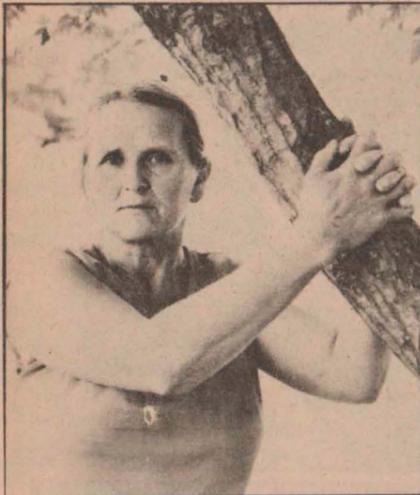
— Teve anos que nem o galo do terreiro escapou. E não tem medicamento que resulte em alguma coisa. O dono da Casa Veterinária, onde comprei os remédios, queria que eu levasse uma galinha morta para examinar, mas desisti da idéia.

Tanto o seu João como a dona Maria Alzira garantem que não é por falta de medidas preventivas que as galinhas ficam doentes. A família tem por costume, embora ache bastante trabalhoso, vacinar as aves contra o tifo e a cólera, e uma vez ou outra usara o benzecreol misturado a água. O seu João é quem conta:

— A Maria até andou misturando limão na água, que dizem ser muito bom, mas não deu resultado. Dos 96 pintinhos que nasceram no mês passado, não sobrou nenhum.

## MUITA FEBRE

O que a dona Maria Alzira notou, quando as galinhas adoeciam, é que tinham muita febre, "a ponto de derrubarem as penas", e diarreia branca.



Cenilda dos Santos: ganhando da peste

— Depois que a galinha derrubava a cabeça, não tinha mais salvação. A única coisa que reanimava um pouco era a novalgina em gotas, mas era passar o efeito e a galinha ficava mal outra vez, e assim ia dias, até que morria.

A possibilidade de envenenamento, a dona Maria Alzira descarta de saída, pois garante que ninguém andou botando veneno nas lavoura ali por perto.

— Envenenamento não é. Prá mim é uma peste braba mesmo. E depois as galinhas só se alimentam com milho e ração.

O Paulo Rigodanzo, vizinho do seu João Manuel, já perdeu a conta do prejuízo que teve com a peste. De agosto para cá, quando a peste ficou mais violenta, o Paulo perdeu umas cento e poucas galinhas.

— Diz a crença que não se deve contar as galinhas mortas, mas tinha dias que amanheciam oito caídas embaixo do "poleiro".

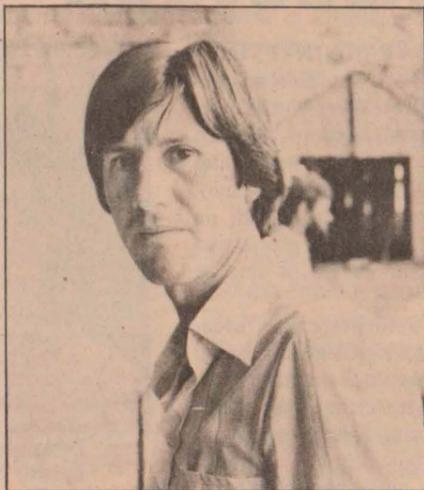
Febre alta, diarreia, foram os sintomas observados pelo Paulo. A galinha ficava doente uns dias e depois morria. As mais gordas, foram as que melhor escaparam da peste, como conta o Paulo:

— As galinhas brancas, mais gordas e, por consequência, mais morredeiras, foram as que mais resistiram a peste. As "guanabaras", que são mais leves, me sobraram 17 de 50 aves.

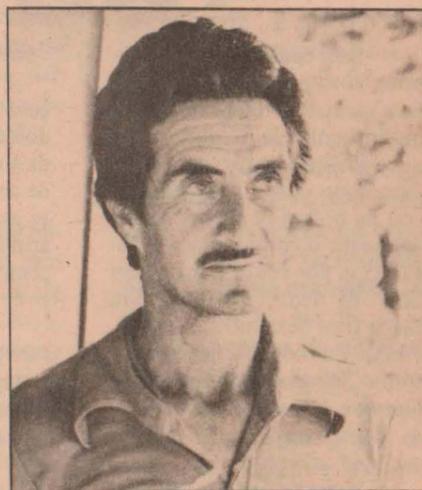
Alho e benzecreol misturado na água, vacina contra o tifo e a cólera, medicamentos contra diarreia, pára-tifo, sinusite, as galinhas andaram tomando, mas de nada adiantou. Morreram as aves que tinham sido vacinadas quando ainda era novas e continuavam sendo tratadas com benzecreol, e aquelas que nunca receberam qualquer vacina.

— No começo achamos que as galinhas estavam morrendo porque estivessem bebendo água no chiqueiro dos porcos, mas terminamos com os focos, e elas continuaram morrendo do mesmo.

Para evitar a proliferação da doença, o Paulo tratou de enterrar ou queimar as galinhas mortas, isso



Paulo Rigodanzo: prejuízo grande



Júlio Borges: morte rápida

bem longe de casa, para evitar que outros animais, como o cachorro, tocassem nas galinhas e se tornassem portadores da doença.

## MORTE INSTANTÂNEA

Prejuízo grande quem teve mesmo foi o seu Júlio Borges dos Santos, de Redentora. Ele conta que lá na sua casa a peste só parou porque não tinha mais galinha para matar.

— Dos meus vizinhos aqui de porta, só sei de um galo que escapou da peste. O resto foi tudo.

A dona Maria Borges dos Santos é quem conta como as galinhas morriam:

— A doença era rápida e matava em questão de minutos. A galinha estava boa, caminhando, de repente caía morta. Ou então ia para o ninho e não saía mais.

O seu Júlio diz que nem tentou procurar algum recurso ou a assistência de um veterinário, porque a doença atacava tão ligeiro que não deixava tempo. Mas só de curioso, andou abrindo uma das galinhas e observou que elas tinham o fígado bastante inchado e já se desmanchando.

— Foi uma peste braba mesmo. Só num vizinho, numa manhã, apareceram 18 galinhas mortas.

A dona Maria conta que há muitos anos atrás, "quase uns 20", bateu uma peste braba bem assim, e não deixou uma galinha viva pelos arredores. Os vizinhos e amigos de mais longe é que trouxeram galinhas para o pessoal recomeçar o plantel.

## MUITA SORTE

Quem andou dando uma boa ganhada na peste foi a dona Cenilda Martins dos Santos, uma vizinha do seu Júlio, que quando soube que as galinhas da vizinhança estavam morrendo de peste, tratou de abater o seu plantel. Mesmo assim, ela se preveniu contra a peste, usando o benzecreol e teve muita sorte, como ela mesma conta:

— Só perdi uma galinha. Também toda a noite, deixava o milho de molho no benzecreol misturado na água. Até, quem sabe, nem dei tempo para a peste atacar. Dá prá



Soleni Santos: ela vai e volta

dizer que nem tive prejuízo, se comparado com o que aconteceu com meus vizinhos.

A dona Cenilda diz que andou ligeiro porque tempo atrás já perdeu um bom número de galinhas por causa de peste. Mas, desta vez, não estava disposta a repetir o prejuízo, e deu um jeito de terminar com a criação bem logo.

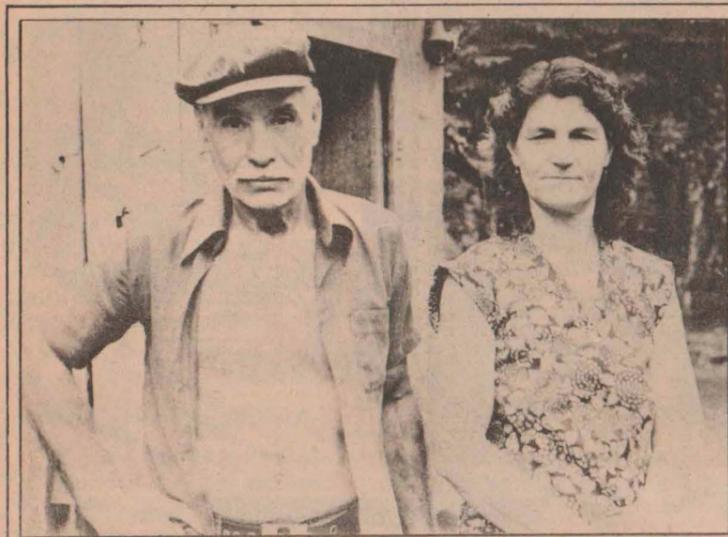
## VAI E VOLTA

A dona Soleni da Silva Santos, que mora na frente da casa da dona Cenilda, não teve a mesma sorte, e perdeu mais de 70 galinhas. Também, como ela conta, nem teve tempo de dar algum medicamento para as galinhas, só o que fez foi misturar o benzecreol na água.

— Esta peste é velha e nem surpreende mais. Ela desaparece por uns tempos e depois volta e mata o que dá de galinha. Depende muito da sorte. Eu tive azar e me sobraram só 11 galinhas. A peste andava ligeiro e não poupava nem as galinhas em choco.

Agora que a peste já está acalmando, querendo "passar", a dona Cenilda tratou de se prevenir, fazendo uma limpeza geral no seu quintal. Começou mudando o galinheiro de lugar, desinfetando com benzecreol os galpões e construindo ninhos novos por volta da casa.

— Quero tratar de salvar as galinhas que sobraram. Chega o prejuízo que já estou tendo, pois andava vendendo até 12 dúzias de ovos por semana.



João Manuel e Maria Alzira: muita febre

# O manejo acertado

Muitas das doenças que atacam as galinhas poderiam ser evitadas. Isto aconteceria se fossem tomados certos cuidados de manejo e mesmo de escolha de raça mais adequada para o ambiente simples a que vai ficar condicionada a criação. O Jorge Luiz Paiva Severo, veterinário do Departamento Técnico da Unidade de Coronel Bicaco, garante que a escolha da raça é fundamental,



Jorge Severo: cuidar a lotação

mesmo que seja para uma criação de fundo de quintal e portanto para fins de alimentação familiar. "É preferível a escolha de raças rústicas, como a "caipira", por exemplo, no lugar de raças híbridas, que, apesar de mais produtivas, são mais exigentes em termos de alimentação, instalações e manejo".

O único problema da galinha "caipira" é que ela apresenta certa suscetibilidade a doenças, como a cólera e o tifo. "Qualquer uma destas doenças em galinha caipira, bateu e valeu", conta o Ronaldo Soares de Oliveira, veterinário do Departamento Técnico da Cotrijuí, Ijuí. E a explicação para tanta suscetibilidade, segundo o Ronaldo, é bastante simples: a galinha caipira, por ser utilizada mais para o consumo doméstico, sem aparente fim econômico, é criada meia solta, mistura-

da a outras aves, como pombos e passarinhos, sem muito cuidado e nem manejo adequado. A doença, muitas vezes pode ser transmitida pelos próprios pombos. O ambiente fica contaminado e a doença se alastra por uma determinada região, dizimando as criações de aves que vai encontrando pela frente.

Somado a estes fatores, o Severo alerta para o fato de que quando as galinhas começam a morrer de alguma peste, dificilmente o criador procura algum tipo de assistência e, "ainda por cima, joga ao redor de casa as aves mortas, deixando-as em contato direto com outros animais domésticos, que também se tornam portadores da doença".

## CUIDADOS ESSENCIAIS

Existem vários métodos de prevenção contra doenças de aves, que vão



As galinhas caipiras são menos exigentes em instalações e manejo

desde a vacinação dos pintinhos até um manejo mais adequado, com alimentação sadia, instalações limpas e arejadas. "A vacina", diz o Ronaldo, "é uma coisa que o criador não gosta muito de aplicar, por ser bastante trabalhosa e também porque sempre considera que a criação é para fins doméstico e não lucrativo. Apesar de tudo, a vacina é a única coisa que realmente pode evitar pestes".

Em galinha doente, porém, nem adianta aplicar vacina. "A solução nestes casos", recomenda o Jorge Luiz Severo, "é exterminar as aves doentes e

procurar enterrar longe de casa ou então queimar as mortas". Imediatamente, se o criador não quiser ter mais prejuízos, deve fazer uma desinfecção e limpeza geral pelos galinheiros, "principalmente nos bebedouros e comedouros".

"Fora isso, outros cuidados relacionados com a criação de galinhas de fundo de quintal podem ser adotados a partir da instalação do galinheiro em local alto, seco e ventilado, sem excesso de lotação", alerta o Severo. As aves devem receber água de fonte natural e nunca de riachos à beira da casa ou de lavouras.

## As doenças que incomodam

A maioria das doenças que atacam as aves domésticas poderiam ser evitadas, se algumas medidas preventivas, como a vacinação e o cuidado na escolha das raças, fossem sempre levadas em conta. As principais doenças, sintomas e métodos preventivos dão uma idéia de como evitar e até diagnosticar as doenças que atacam as criações de fundo de quintal utilizadas para a alimentação familiar.

**Tifo Aviário** — Doença produzida por uma bactéria. É infecciosa e contagiosa. Ataca pintos com até 30 dias de idade e galinhas adultas. A ave doente apresenta diarreia, sonolência, asa caída, penas arrepiadas. O fígado da ave apresenta-se bastante aumentado. Um tratamento só vai dar algum resultado se for iniciado com tempo. A vacinação das aves é o único jeito de impedir o ataque da doença.

**Pulrose ou Diarreia branca dos pintos** — É uma doença causada por bactérias; é altamente contagiosa e ataca pintos e galinhas. A ave doente apresenta diarreia branca, abatimento, fraqueza, falta de apetite e quebra na postura. O fígado se apresenta bastante inchado e com manchas brancas. O tratamento só vai surtir algum efeito se realizado com antecedência. Para evitar a proliferação da doença, as aves doentes devem ser eliminadas, enterradas ou queimadas.

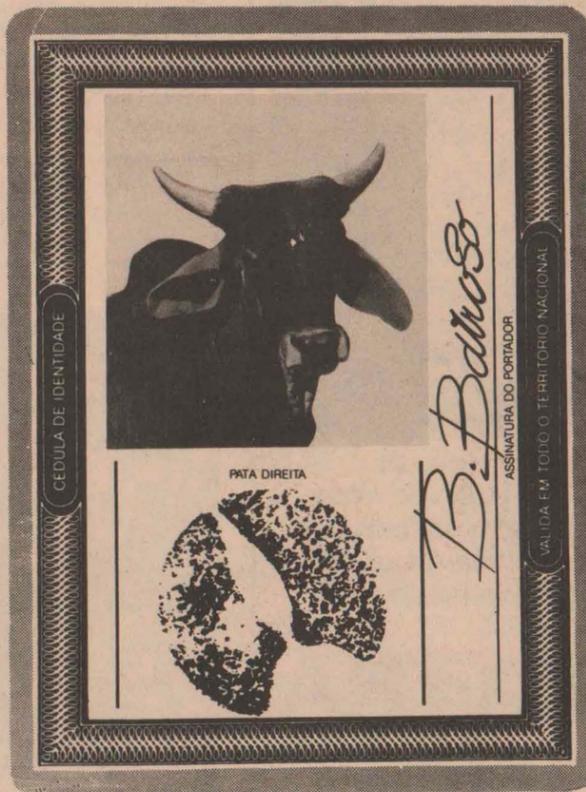
**Cólera** — Doença infecciosa, também causada por bactérias. A cólera é responsável por 90 por cento da mortandade de aves. A morte geralmente é bastante rápida, não deixando tempo para qualquer tratamento. A ave doente apresenta a crista e a barbeta escurecidas

e azuladas. Ao abrir uma ave morta pela cólera, nota-se grande quantidade de sangue na cavidade. As galinhas doentes não devem ingerir água de córregos ou das proximidades. Evitar contato com outras aves. O conselho dos veterinários é abater as aves sobreviventes à cólera, pois elas se tornam portadoras da doença. A vacina é o único método preventivo da cólera.

**Bouba Aviária, Pipoca ou Carouço** — Doença produzida por um vírus que provoca ferimentos em locais onde a galinha não tem penas. Não existe nenhum tratamento específico contra a doença. Aves doentes não devem ficar em contato com as demais. O método preventivo é a vacinação das aves.

**Coriza Infecciosa** — Doença infecciosa produzida por uma bactéria e que ataca as aves principalmente durante o inverno. A ave doente tem espirros fortes, corrimento pelas narinas, perda de peso e vivacidade, bico aberto e inchaço ao redor dos olhos. Ao redor das barbelas e dos olhos aparece um líquido com pus. O tratamento deve ser feito em tempo para surtir algum efeito. A vacinação das aves e o controle de umidade e de lotação podem evitar a doença.

# Brasileiro, solteiro, vacinado.



As Vacinas Irfa imunizam os rebanhos contra a febre aftosa, garantindo saúde aos animais e maiores lucros ao criador.

É um produto totalmente gaúcho, com a qualidade e eficiência Irfa.

Prestígio o que é nosso.



**Vacinas Irfa**  
Instituto Riograndense de Febre Aftosa

# O JOGO DE INTERESSES NO MERCADO DE GRÃOS

A soja continua com tendência de queda em seus preços. Os outros grãos de culturas alternativas, especialmente de inverno, dependem de um mercado menos instável. A carne de boi começa a ter boas perspectivas, e o leite deverá continuar enfrentando os mesmos dilemas, por falta de maiores estímulos à produção nacional. Esta pode ser uma síntese das previsões que vêm sendo feitas em torno das perspectivas a curto, médio e longo prazo para os produtos agropecuários, nos mercados interno e mundial, com base no que foi dito em duas noites de debate em Santo Augusto.

A discussão foi promovida pelo Departamento Técnico da Cooperativa naquela unidade, nos dias 29 e 30 de novembro, no Clube Sete de Setembro. Na primeira noite, que contou com um público de aproximadamente 130 produtores, o vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews, e o diretor da Central Regional de Informações Agropecuárias e Econômicas (Criaec) da Fidene, Argemiro Luís Brum, falaram sobre comercialização de grãos, analisando a situação dos mercados brasileiros e mundial.

Na segunda noite os palestrantes foram Otalíz de Vargas Montardo, veterinário coordenador da área de leite na Cotrijuí, e Luiz Fernando Riff Moreira, responsável em Porto Alegre pela comercialização da carne do frigorífico da Cooperativa em Dom Pedrito. Eles falaram para uns 50 produtores, quando Luiz Fernando comentou aspectos relacionados com o mercado para a carne bovina, e Otalíz fez uma valiação da área leiteira, que — como quase todas as demais — deve experimentar por mais algum tempo um futuro incerto.

## DINHEIRO E CIMENTO

Nos dois debates, ficou claro que ninguém conseguirá arriscar previsões a respeito de preços, por exemplo, se não se aprofundar em aspectos dos tais de fatores externos, e que, na forma de pressões, determinam as regras da comercialização. Foi isto, aliás, o que ressaltou o professor Argemiro Luís Brum, ao falar sobre o mercado de grãos, que é comandado por cinco grandes empresas no mundo. Um destes grupos controla no Brasil um conjunto de 40 empresas, que atuam no setor financeiro e fabricam desde

insumos modernos e óleos, até tecidos, cimento e tintas.

São empresas que tiram proveito do setor primário desde o preparo da terra para plantio, até a venda das safras. “Assim é que se explica porque os insumos são sempre caros e o produto é sempre barato”, disse Brum, para quem o agricultor precisa entender todos esses mecanismos, para que não fique analisando apenas a superfície dos problemas que enfrenta. Segundo ele, é assim também que se explica porque há fome no mundo, apesar de muito se falar em explosão demográfica, em excesso de nascimentos.

## JOGO DE INTERESSES

“Se este debate durar quatro horas, terão morrido de fome no mundo quase três mil pessoas, e isto ocorre porque alguém controla o mercado de alimentos, porque toneladas de produtos são jogadas fora para forçar a elevação de preços”, disse Brum. A Bolsa de Chicago, segundo ele, oficializa este jogo de interesses, em que tanto o produtor como o consumidor saem perdendo.

Ele também fez previsões para curto prazo, anunciando que os preços da soja deverão continuar caindo, porque há excesso de óleo no mercado mundial, e que também o milho não deverá conseguir uma boa remuneração. Acontece que o preço mínimo, fixado em Cr\$ 1.380,00, é reajustado mensalmente de acordo com o INPC (Índice Nacional de Preços ao Consumidor). Como os



Argemiro Luís Brum: fome com comida jogada fora

percentuais do INPC vêm caindo, nos últimos meses, é possível que em fevereiro, quando se iniciar a venda da safra, os preços não sejam compensadores.

## COMO COMPETIR?

Prever preços é tarefa difícil, e o máximo que se consegue, sem o risco de errar feio, é comentar tendências do mercado. O vice-presidente da Cotrijuí, Arnaldo Drews, lembrou deste detalhe, observando que é precisão também levar em conta os outros grãos, e não só a soja. Segundo ele, o Brasil enfrenta uma forte concorrência mundial a seus produtos, e nisso participam bastante os subsídios que os Estados Unidos e a Europa concedem aos seus grãos exportáveis.

Para Arnaldo Drews, as cooperativas continuam sendo a melhor opção, para que o produtor se organize e conquiste melhores mercados e preços. Ele alertou, por exemplo, no caso da comercialização a nível de produtor, para a tática da canoa, utilizada pelos atravessadores, para darem a falsa impressão de que a soja vem tendo melhor cotação. Estes aumentam os preços oferecidos ao agricultor, no início da comercialização da safra, vão aos poucos achatando estes preços depois, e voltam a fazer



Arnaldo Drews: organizar para conquistar

boas ofertas no fim, quando há pouca soja à venda.

## COMIDA PRA CAVALO

Das culturas de inverno, são poucas as que têm um mercado seguro. A colza, por exemplo, ainda depende de definições na política oficial e do apoio mais efetivo dos esmagadores, e tem compradores no exterior, mas sofre a concorrência da oleaginosa mais nobre, que é a soja. A aveia, uma boa alternativa, ainda esbarra no problema do baixo consumo interno. “Nos Estados Unidos — disse Drews — qualquer hotel oferece aveia em flocos, no Brasil este grão é mais consumido pelos cavalos de corrida”.

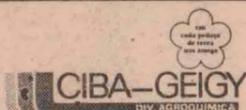
Drews comentou ainda os problemas sociais decorrentes, segundo ele, de excessos da modernização, tanto nas áreas rurais como urbanas, e destacou que, de qualquer forma, é preciso continuar apostando no cooperativismo como forma de encaminhamento de soluções. Para ele, resta apenas, no momento, se rediscutir a estrutura das cooperativas, como é o caso da Cotrijuí, para que esta seja adequada à realidade e tenha maior eficiência. “Se contamos com a estrutura que a cooperativa tem hoje, é porque o produtor acreditou no cooperativismo”, disse Drews.

## Ruas limpas

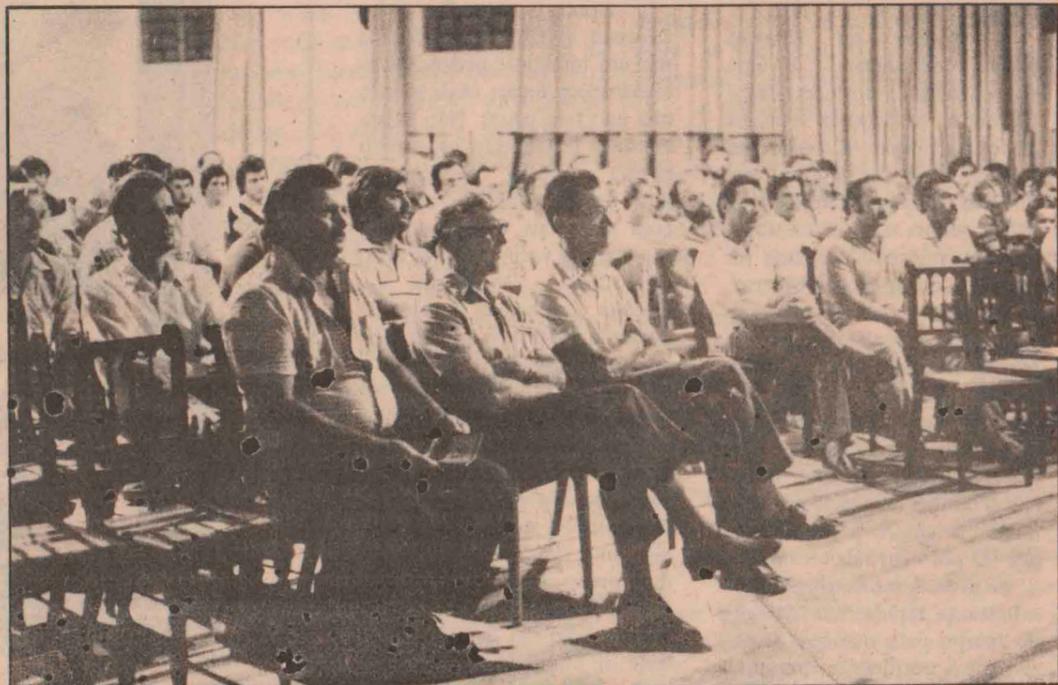


Muito bem! Você acabou de passar carpideira e limpar as ruas de milho do mato. E nas linhas? Será necessário arrumar enxadas. Você já pensou em usar um “mata-mato” que dispensa a carpideira e as enxadas de vez?

RUAS LIMPAS COM **PRIMEXTRA**



É o fim da festa. Folha larga, folha estreita. Todas morrem com PRIMEXTRA.



O interesses de produtores de Santo Augusto na questões de comercialização

## Esperança com a carne, mas no leite não se aposta

Para a carne, a expectativa é de alguma melhora, mas para o leite não há quase nada que se faça apostar em maiores estímulos ao setor. Segundo Luiz Fernando Ryff Moreira, a carne bovina brasileira voltou a ser exportada no ano passado, depois de sete anos de paralisação nas vendas, para o Mercado Comum Europeu, beneficiada em parte pela crise das Malvinas. A possibilidade de incremento nestas exportações é que dá esperanças, porque "exportar é uma opção bastante atrativa".

A carne exportada consegue mais ou menos os mesmos preços do mercado interno, com a diferença de que fica livre dos 16 por cento do ICM (Imposto de Circulação de Mercadorias), que representam hoje uns 52,00 por quilo. O frigorífico de Dom Pedrito, que por enquanto só abastece o mercado interno, passou recentemente por inspeção, e talvez seja autorizado a pegar uma fatia das exportações, vendendo para os países árabes, mas isso ainda depende de recomendação oficial.

O Brasil tem um mercado interno que não beneficia muito quem vende, em função do baixo poder aquisitivo da população. As exportações, que garantem a colocação de excedentes, abrem portanto boas perspectivas. Além disso, Luiz Fernando assegurou, em resposta à indagação de produtores, que a carne de novilho precoce continua bem cotada, apesar de problemas registrados na rede de distribuição. Segundo ele, a tendência hoje é de recuperação da pecuária, que oscila historicamente entre bons e maus momentos.



Luiz Fernando Moreira: exportação é atrativa



Otaliz Montardo: o melhor é das multinacionais



A banca de debatedores da primeira noite de discussões

### EXCEDENTES

O mesmo não se pode dizer para quem produz leite. Segundo Otaliz de Vargas Montardo, tudo o que acontece nesta área tem relação com fatores externos, com uma estrutura desfavorável ao produtor. Acontece que dificilmente o país enfrentará um colapso no abastecimento, porque há excedente de leite na Europa. Esta oferta, que garantiria o fornecimento, com importações pelo Brasil, é o maior obstáculo para que se estimule a atividade no país.

Assim é que as multinacionais instaladas aqui compram excedentes de suas próprias matrizes na Europa. A melhor fatia do mercado (a dos iogurtes, leite em pó, chocolate e outros produtos) é, aliás, controlada pelos grandes grupos no Brasil. As indústrias pasteurizadoras, que vendem apenas leite em saquinho, queijo e manteiga, são as que menos lucram no setor, e estas são brasileiras.

Estas pequenas indústrias enfrentam, de um lado, as queixas dos produtores, contra os baixos preços pagos, e de outro um mercado interno que pouco consome. Na verdade, como disse Otaliz, não há excesso de leite no Brasil, mas subconsumo, por causa do baixo poder aquisitivo da população. Se todos os brasileiros consumissem o mínimo necessário, o país teria que produzir, além do que já produz, mais 35 milhões de litros de leite por dia.

### SEM SUBSÍDIO

A saída seria a concessão de subsídio, que barateasse o preço do leite, pelo menos para as camadas mais pobres. "O Brasil - disse o veterinário - é um dos poucos países que não concedem este subsídio". Com maior consumo interno, a produção poderia ser mais estável e os preços mais compensadores. Enquanto isso não acontece, o país continua importando, e já se anuncia, para o primeiro semestre de 83, a entrada de umas 50 mil toneladas de leite em pó vindas, é claro, da Europa.

Todas estas questões levantadas por Otaliz e pelos outros palestrantes foram dis-

cutidas com bancas de debatedores, coordenadas pelo gerente da unidade de Santo Augusto, Romeu Etgeton. Estas bancas tiveram a participação dos produtores Celso Sperotto, Edmundo Stadler, Armino Klein, Valcir Gonzatto, João Lorenzon, Milton Mariotti, Carlos Ivanovit Depiere, Hélio Paiva Prauchner, Ido Max Weiler, Canísio José Welter e Sadi Silva Timm. Outros produtores e técnicos que estavam entre o público também questionaram os palestrantes.

## Lã: novo critério de adiantamento

Até o Natal, os produtores de lã associados da Cotrijuí devem receber os valores referentes à liquidação final da safra do ano passado. A Cooperativa apenas está aguardando que a Valurugui, de Uruguaiana, defina os números totais da comercialização e encerre o beneficiamento da safra, para poder calcular o preço final da lã entregue pelos associados.

Os adiantamentos para a safra atual, referente ao período 82/83, já estão sendo liberados, e a pré-liquidação está planejada para o período de junho/julho do ano que vem. As dificuldades de comercialização do produto, entretanto, forçaram a adoção de novos critérios para o cálculo do valor do adiantamento. É que as cooperativas receberam financiamentos insuficientes para a aquisição da lã produzida por seus associados. Em 81, por exemplo, o Governo destinou recursos de Cr\$ 207 milhões para a Cotrijuí financiar a safra. Este ano,

quando o esperado era um valor superior, se recebeu apenas Cr\$ 118 milhões. A forma de liberar o adiantamento foi discutida em conjunto com associados, e estabelecido um critério que tomou por base a média da classificação obtida pela lã entregue no ano passado.

Assim, o adiantamento liberado no mês de novembro correspondeu a 85 por cento do valor da média obtida pelo produtor até a pré-liquidação do ano passado, que ocorreu em junho. Quem produziu lã de melhor qualidade, está recebendo um adiantamento melhor também este ano, com um valor variando entre Cr\$. . . . 200,00 e Cr\$ 300,00 por quilo. O adiantamento liberado em dezembro, corresponde a 90 por cento da média do ano passado; em janeiro, a 95 por cento; em fevereiro, a 100 por cento; em março, a 105 por cento; em abril, a 110 por cento, e em maio, a 115 por cento.



# Sutan<sup>®</sup>

## É milho no capricho.

Capricho que começa antes do plantio. Enquanto a maioria dos herbicidas para milho só pode ser aplicada depois do plantio, Sutan você aplica em pré-plantio incorporado.

Resultado: dispensa sol e chuva e, ainda por cima, corta o mal pela raiz. Não deixa sequer as ervas daninhas germinarem. Controlar as invasoras antes que elas surjam é a maneira mais eficiente de assegurar uma lavoura altamente produtiva.

Aplique Sutan em pré-plantio incorporado. Chova ou faça sol, é eficácia garantida.

Com a garantia Stauffer.



Stauffer Produtos Químicos Ltda.  
Matriz: Av. Brigadeiro Faria Lima, 2003 - 17º andar - CEP 01451  
Tel. (011) 210-8633 - São Paulo - SP  
Filial: Praça Dom Feliciano, 39 - conj. 902  
Tel. (0512) 21-7488 - Porto Alegre - RS

marca registrada da Stauffer Chemical Company, Westport - Conn., USA

# AS NORMAS DE CLASSIFICAÇÃO

Várias normas de recebimento foram adotadas pela Cotrijuí quando se começou a receber suínos, há dois anos atrás, na tentativa de conseguir um melhor andamento tanto na comercialização como no próprio recebimento dos animais. Estas normas vêm sendo definidas em conjunto com a Cooperativa Central Gaúcha de Carnes, que tem o frigorífico localizado em Júlio de Castilhos, e é responsável pelo abate e comercialização dos suínos entregues pelos associados de qualquer uma de suas oito cooperativas filiadas. Algumas destas definições dizem respeito à classificação dos animais e, de certa forma, vêm provocando algumas dúvidas entre os produtores.

Os suínos entregues podem ser enquadrados em uma das três classificações adotadas, e que levam em conta a pelagem e a quantidade de gordura do animal: porco tipo carne, tipo misto e comum. O suíno tipo carne é o de pelagem branca, e também os

animais nascidos de seus cruzamentos, como os das raças Landrace e Large White, que são porcos tipo exportação. Para que o animal seja enquadrado nesta classificação, porém, também é necessário que apresente um peso vivo entre 80 e 130 quilos. O porco misto é o de pelagem vermelha pintado de branco, e seus cruzamentos. Entram nesta classificação os animais das raças Duroc, Hampshire e Wessex. O tipo comum é o suíno de pelagem preta, e que não se enquadra nas duas classificações anteriores. Geralmente é classificado como tipo comum o animal que tem um peso vivo superior a 70 quilos, ou então os porcos muito gordos (como mostra a tabela 1).

### BEM TERMINADO

De um modo geral a classificação é semelhante em todos os frigoríficos, mas desde que a Central começou a operar a Cotrijuí também tem recebido os porcos pintados como tipo carne. "Só que não basta o porco ser pintado



**Gilberto Nicolodi:** com industrialização melhora a classificação de tipo carne", como alerta o agrônomo João Klohn, que cuida do setor de suinocultura na Cotrijuí. "Ele precisa ainda ter um bom pernil, estar bem terminado, e não apresentar papadas. Se isto não acontecer, sua classificação cairá para o tipo misto".

Na realidade, a classificação dos suínos, levando em consideração apenas a pelagem, pode não refletir a qualidade da carcaça, que é determinada pela espessura da gordura e pelo peso total. O Klohn conta que já aconteceu da Central ter pago porco branco, da raça Landrace, como tipo carne, mas após o abate no frigorífico sua classificação ter caído para o tipo misto. Isto porque o animal apresentava uma carcaça muito pesada ou então o toucinho muito espesso. Pode muito bem acontecer, segundo o Klohn, de um porco branco, de 130 quilos, ser classificado como tipo carne por ter pelagem branca, mas após o abate a carcaça apresentar mais de quatro centímetros de gordura, e ser desclassificada, passando para o tipo co-



A pelagem e gordura do animal determinam sua classificação

mum. "Nestes casos, a classificação pode beneficiar alguns e prejudicar a outros".

### LIMITAÇÃO NA INDÚSTRIA

Todos estes problemas vêm ocorrendo, segundo Gilberto Nicolodi, que cuida do recebimento e comercialização de suínos na Região Pioneira, porque a Central de Carnes ainda não tem condições de industrializar a produção recebida. Se a Central já estivesse operando com a sua "salsicharia", mesmo as carcaças fora de classificação poderiam ser melhor aproveitadas. "Desta forma, complementa o Klohn "a Central fica limitada a pagar às cooperativas filiais um preço correspondente ao que recebe na comercialização das carcaças". Existe, entretanto, a perspectiva desta salsicharia entrar em operação no mês de fevereiro.

Somente recebendo animais com peso entre 80 a 130 quilos é que a Central tem condições de repassar as carcaças de acordo com a classificação dos frigoríficos, que fica na faixa de 63 a 95 quilos.

Por exemplo, comenta o Gilberto, se a Central classificar um porco de 76 quilos como "tipo carne", estará perdendo, porque jamais este suíno depois de abatido alcançará 63 quilos de carcaça, que é o peso mínimo exigido pelo frigorífico. A tabela adotada pelos frigoríficos classi-

fica como "carcaça extra", a carcaça de peso entre 63 a 95 quilos e com apenas três centímetros de toucinho; como "carcaça de primeira" aquela que pesar entre 63 a 95 quilos, mas que tiver quatro centímetros de toucinho; e como "carcaça de segunda", a carcaça que cair fora do peso oficial (63 a 95 quilos).

### OS PREÇOS DA SEMANA

Os preços pagos aos produtores são estabelecidos sempre levando em conta os valores fixados pelos frigoríficos, já que são eles que controlam a oferta de animais para o abate e também o consumo de carne. Até a primeira semana de dezembro, a Cotrijuí estava pagando pelo quilo do porco vivo, tipo carne, Cr\$ 175,00 à vista e Cr\$ 190,00 com 30 dias de prazo. O quilo do porco misto estava valendo Cr\$ 168,00, à vista e Cr\$ 182,00 com 30 dias de prazo. Para suíno com mais de 70 quilos e, portanto, classificado como "tipo comum", o preço do quilo estava em Cr\$ 150,00 à vista e Cr\$ 162,00 em 30 dias, conforme mostra a tabela 2.

Suínos quebrados, magros, porcas prenhas, são desclassificados, sendo que o produtor tem sobre esses animais descontos que variam de 20 a 80 por cento, como mostra a tabela 3. Porcas prenhas terão descontos de 50 por cento. "É bom lembrar", esclarece o Gilberto, "que estes descontos serão feitos sobre o preço do porco comum, mesmo que o animal quebrado ou entregue morto seja de pelagem branca".

TABELA 1 - CLASSIFICAÇÃO

TIPOS	CARACTERÍSTICAS
Carne	Pelagem branca e seus cruzamentos
Misto	Pelagem vermelha, pintados de branco e suas cruzas
Comum	Pelagem preta e não enquadrados nos tipos carne/misto

TABELA 2 - PREÇOS POR CLASSIFICAÇÃO

TIPO/PESO	80/100 Kg		MAIS DE 70 Kg	
	à vista	30 dias	à vista	30 dias
Carne	Cr\$ 175,00	Cr\$ 190,00	-	-
Misto	Cr\$ 168,00	Cr\$ 182,00	-	-
Comum	-	-	Cr\$ 150,00	Cr\$ 162,00

TABELA 3 - DESCONTOS

Classificados	Descontos
Quebrados	20%
Magros	20%
Menos de 70 kg	10%
Porca Prenha	50%
Mortos	80%



**ACABOU A MARMELADA.\*  
CHEGOU DUAL!**

\*também chamada de papuá ou capim marmelada.

Chegou o herbicida para soja que não só com a marmelada, mas também com pé-de-galinha, colchão, capim arroz, carrapicho e outras ervas daninhas de folhas estreitas e mais algumas de folhas largas.

Dual o herbicida para soja tão moderno que dispensa incorporação.



# É época de renovar o plano da Unimed

Os beneficiários do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED deverão comparecer, no período de 13 a 31 de dezembro de 1982, nas Unidades em que entregam sua produção, para renovação ou cancelamento do referido plano. É necessária a presença do titular para assinar o contrato, trazendo consigo todas as carteiras de Usuários para recarimbar ou devolver.

O beneficiário que deixar de comparecer até 31 de dezembro de 1982 terá CANCELADA sua inscrição e será encaminhada LISTA DE CANCELADOS para todos os médicos hospitais e laboratórios conveniados.

Igualmente, os associados ainda não beneficiários e que desejam participar do Plano Cooperativo de Saúde COTRIJUI-UNIMED deverão comparecer no período de três a 25

de janeiro de 1983 nos locais acima mencionados.

O Plano de Grande Risco oferece ampla assistência médica e hospitalar com direito do usuário escolher hospitais, médicos, laboratórios e clínicas de sua confiança nos 19 municípios da área de ação da UNIMED, que conta com 170 médicos, 25 hospitais e 24 laboratórios.

O Plano Grande Risco oferece aos seus usuários os seguintes atendimentos:

1 - Consultas com todos os médicos da área pioneira da COTRIJUI, num total de 146 médicos, abrangendo todas as especialidades médicas existentes na área;

2 - Exames de laboratório: atendimento por 21 laboratórios;

3 - Exames especializados: eletrocardiogramas, eletroencefalogramas, colposcopias, endoscopias, exames anatomo-

patológicos, etc.;

4 - Fisioterapia;  
5 - Exames de Raios X;  
6 - Atendimentos de urgência diretamente nos pronto-socorros;

7 - Pequenas intervenções cirúrgicas realizadas nos consultórios médicos ou ambulatórios hospitalares;

8 - Hospitalizações em quarto semi-privativo ou privativo, englobando todas as áreas médicas: clínica médica, cirurgia e obstetrícia (partos e cesarianas);

9 - Medicamentos hospitalares.

Os beneficiários do INAMPS, poderão pleitear acomodação hospitalar em 1ª classe, quando autorizada a baixa pela previdência, em qualquer hospital da área de ação da UNIMED, cabendo a cobertura das diferenças à UNIMED.

Assistência fora da área de ação: o usuário, a pedido do médico assistente e com autorização expressa da COTRIJUI, poderá utilizar assistência médica e hospitalar em centros maiores (Santa Maria, Porto Alegre, etc) sob a modalidade

de Serviços Prestados. A modalidade de Serviços Prestados consiste em que o usuário paga os serviços utilizados nas outras UNIMEDs apenas pelo custo de sua tabela, que é em média apenas 40 por cento dos custos das tabelas particulares.

## CUSTO DO PLANO

- 1 - Até 3 pessoas . . . . . Cr\$ 2.050,00 por pessoa
- 2 - De 4 a 6 pessoas . . . . . Cr\$ 1.850,00 por pessoa
- 3 - A partir de 7 pessoas . . . . . Cr\$ 1.700,00 por pessoa
- 4 - A taxa de inscrição para novos beneficiários será de Cr\$ 300,00 per-cápita.

O fator moderador nas consultas e as participações segue este quadro:

Classe	Fator Moderador	Part. Exames
A (empregado rural)	350,00	10%
B (pequeno produtor)	900,00	30%
C (empregador rural)	2.000,00	50%

O convênio ainda oferece o Plano de Pequeno Risco (apenas consultas médicas e exames complementares - sem assistência hospitalar), cujos custos estão sendo fixados em Cr\$ . . . 1.100,00 per-cápita, e fatores moderadores e taxas de participações são as mesmas do Grande Risco.

## SEGURO DE VIDA E ACIDENTES PESSOAIS

Neste ano não mais haverá seguro compulsório para os beneficiários titulares, mas coloca-se à disposição várias opções de seguro, com prêmios e capitais diferentes, a serem cobrados em separado do custo da UNIMED.

## A prática do plantio direto



Demonstração num dia de campo com produtores

O plantio direto mereceu vários dias de campo, no final deste ano, na unidade de Ijuí. Um desses encontros aconteceu no dia 23 de novembro, na propriedade do seu Arlindo Treter, na Linha 8 Oeste, e atraiu uns 20 produtores da vizinhança. O dia de campo, coordenado pelo técnico agrícola Pedro Pitol, teve um debate sobre questões teóricas e uma demonstração prática.

A área escolhida foram seis hectares onde, durante o inverno, seu Arlindo plantou aveia, depois de corrigir a terra com calcário e incorporar ainda fósforo e potássio, além de realizar subsolagem. A aveia foi colhida, com a manutenção da resteva, pois a palha foi depois picada, dando cobertura ao solo e protegendo a terra, principalmente contra o impacto das chuvas.

A única operação, depois

disso, foi o plantio direto da soja. Pedro Pitol ressaltou, aliás que o plantio direto deve ser feito sem que se remova antes a terra. A única operação é o uso da semeadeira, ao contrário do que muita gente costuma fazer, gradeando antes a lavoura. O técnico também observou que a área deve ser bem escolhida, antes do plantio, que precisa igualmente ser bem planejado.

Não é, afinal, qualquer lavoura que se presta para que, de repente, alguém invente de realizar o plantio direto. É preciso corrigir o solo, realizar subsolagem e desenvolver, na mesma área, antes do plantio direto, uma cultura que deixe uma boa resteva, como é o caso da aveia. Só depois disso é que a terra está pronta para que aconteça o plantio direto, que é uma das mais importantes práticas de conservação do solo

# Peça na sua Cooperativa LORSBAN\*

Inseticida-acaricida para: soja, café, trigo, algodão, amendoim, citros, batata, cenoura, couve, repolho e tomate.

**LORSBAN é versátil**  
controlando várias pragas em diversas culturas

**LORSBAN é seguro**  
pois aplicado de acordo com as recomendações do rótulo não prejudica as pessoas e a natureza.

**LORSBAN é prático**  
fácil de aplicar e pode ser misturado com a maioria dos defensivos, micronutrientes e fertilizantes foliares.

**LORSBAN é econômico**  
por ser eficaz e fácil de usar.

**LORSBAN é ativo**  
mantendo a lavoura livre das pragas, por longo tempo.

**LORSBAN tem sua eficiência comprovada**  
tanto pelos órgãos de pesquisa e extensão, como pelos milhares de fazendeiros que já utilizam LORSBAN em suas lavouras.



**DOW** DOW QUÍMICA S.A.

\* Marcas de The Dow Chemical Co.

## Tecnólogos debatem situação da agricultura

Integrar as lutas de produtores e consumidores. Esta a principal proposta tirada das conclusões do 5º Encontro de Avaliação e Integração dos Cursos de Tecnólogos da Fidene, realizado no final de outubro em Ijuí. Profissionais e estudantes dos cursos de tecnologia agrônômica de Cooperativismo e Administração Rural debateram, durante dois dias, a situação da agricultura gaúcha, com dirigentes da Fecotrigo, Cocecrer (Federação das Cooperativas de Crédito), Centralsul, Fetag e regional da Fetag em Passo Fundo.

A proposta de integrar as reivindicações de produtores e consumidores é dirigida à Fecotrigo, e consta de um documento com uma série de sugestões dos tecnólogos destinadas também a outras entidades. Os profissionais e estudantes desta área enfatizam o fato de que mais de 80 por cento dos alunos e ex-alunos destes cursos são filhos de produtores rurais, que estão preocupados com a crise que atinge os agricultores

e as cooperativas e, em consequência, também os consumidores.

Além da integração das reivindicações de quem produz e de quem consome, eles sugerem à Fecotrigo que a Federação oportunize ao agricultor o entendimento da micro e da macro economia. Segundo os tecnólogos, só com a compreensão da realidade de sua propriedade e das cooperativas a que estão ligados é que os produtores poderão entender causas e consequências de medidas econômicas. O agricultor — diz o documento — deve também estar melhor capacitado para ter eficiência empresarial.

### PRESSÃO

À Cocecrer, eles sugerem uma maior discussão em torno do funcionamento e perspectivas das cooperativas de crédito. À Fetag, são sugeridas medidas que pressionem os sindicatos "que não estão assumindo de fato as lutas dos trabalhadores". E aos sindicatos, propõem que se amplie o debate em torno do "recurso mais ágil, mais

determinante e mais escasso na atividade agropecuária, que é o dinheiro".

Segundo o documento, os sindicatos devem fazer com que os produtores "discutam onde gastaram, onde estão gastando e onde gastarão o dinheiro que passa pelas suas mãos". É defendido ainda que "os produtores sejam categorizados em três níveis (pequeno, médio e grande), e que, através de suas representações, determinem as diretrizes da pesquisa agropecuária, controlem seu desenvolvimento e avaliem seu desempenho".

Para os tecnólogos, é importante que "os produtores desenvolvam ao máximo sua autosuficiência alimentar, de forma a sofrerem menos com a crise". Eles entendem que, mesmo que as despesas com a alimentação não sejam significativas, "a prática de se lutar para a sua autosuficiência será uma escola para a caminhada da propriedade, no sentido de produzir o máximo possível e racionalizar seu consumo".

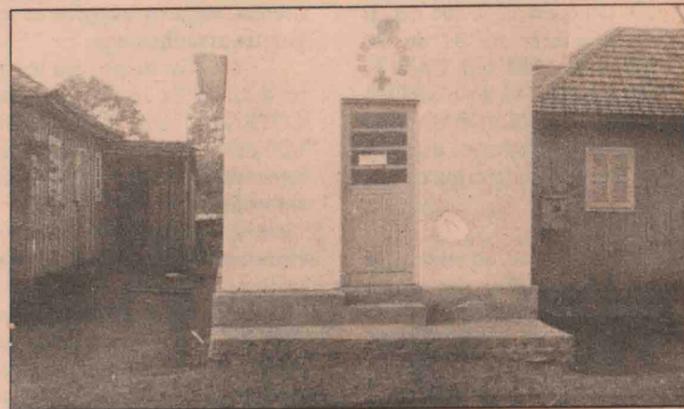
## Ijuí: parto não é mais problema no hospital

Mais um médico, desta vez uma obstetra, está integrando o corpo clínico do Hospital Bom Pastor da Cotrijuí, em Ijuí. A obstetra Maria Inês Vargas Ellwanger, vem juntar-se aos médicos Marco Túlio Duarte (clínico geral), Auro Heuser (cirurgião) e Jorge de Vargas Montardo (pediatra), para melhor prestar serviços à comunidade no campo da saúde. A contratação da obstetra vem preencher uma lacuna no hospital e, de agora em diante,

acompanhamentos de gestantes, atendimentos a partos e cesarianas, serão da responsabilidade de Maria Inês.

Atendendo consultas, pela manhã no consultório, (na Ernesto Alves, 315) e pela parte da tarde no hospital Bom Pastor, a doutora Maria Inês está em Ijuí desde o dia seis de novembro. Ela fez um ano de especialização em clínica geral e mais dois em obstetria, no Hospital Nossa Senhora da Conceição, em Porto Alegre.

## Ambulatório em Coroados



A criação de um ambulatório em Vila Coroados, no município de Santo Augusto, vem comprovar mais uma vez que o trabalho e a união conseguem, quando de comum acordo, produzir frutos e bem-estar para a comunidade. Todo o trabalho e discussão do assunto "Saúde Comunitária", considerado prioritário para a Vila, nasceu a partir da criação do núcleo cooperativo de senhoras e filhas de associados.

Passadas as discussões e reuniões, a população se pôs logo a trabalhar, na tentativa de levantar os recursos necessários para a construção do ambulatório. Da renda das festas, almoços ou listas de doações

que circularam pelo município, em pouco tempo a comunidade já estava construindo um pequeno prédio de alvenaria onde funciona, desde o dia 31 de outubro, quando foi inaugurado, o ambulatório de Vila Coroados.

Para manter o ambulatório funcionando, um elemento da própria comunidade recebeu treinamento nos dois hospitais de Santo Augusto. Paralelo ao trabalho de "saúde comunitária", essa atendente de enfermagem poderá fazer alguns curativos, medir a pressão, etc. Todo o trabalho praticamente está voltado para a "saúde comunitária" da Vila.

## Em São Valério um torneio de bocha para as mulheres



No início de novembro, a comunidade de Rincão de São Valério, no município de Santo Augusto viveu um dia de grande movimentação. É que no dia 7, aconteceu o "1º Campeonato de Bocha Feminino", organizado pelo núcleo cooperativo de senhoras e filhas de associados da Cotrijuí, daquela comunidade.

O campeonato se desen-

rolou durante todo o dia e com muito sucesso, contando com a participação de seis quartetos, todos da comunidade. O quarteto vencedor recebeu como prêmio uma panela de pressão.

Na hora do almoço, em meio a uma grande confraternização e muito espírito esportivo, foi servido um churrasco a todas as competidoras.

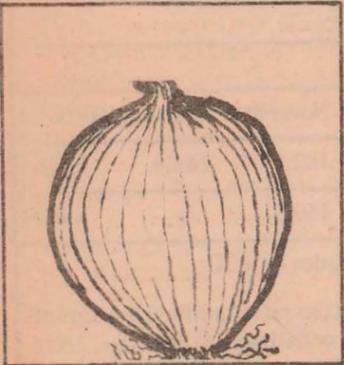
## DAL MONTE: O PEDESTAL DA ELEGÂNCIA MASCULINA.



DAL MONTE

A VENDA NAS LOJAS COTRIJUI

# A LAVOURA NO MÊS



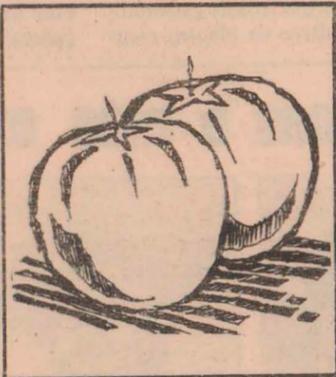
## CEBOLA

A maior parte das áreas cultivadas com a variedade Baía Periforme já está colhida, e têm apresentado uma produção bastante razoável. Esta variedade é a mais recomendada para a região e também é a que tem apresentado os melhores resultados.

A variedade Norte-14, também foi cultivada por alguns produtores. Como é bem do tarde, recém agora está em bulbificação. Não é recomendada para a região, porém eventualmente pode produzir de uma forma razoável. Apresenta bulbos relativamente pequenos, porém de boa conservação se colhida e armazenada adequadamente.

fizeram tratamento preventivo, estão obtendo bons resultados. A partir desta época, o produtor deve se prevenir contra uma doença conhecida como "peronospora". O tratamento mais adequado, com resultados mais eficientes, é à base de cobre.

**Citrus** — As laranjeiras, limoeiros e bergamoteiras, têm apresentado até o momento um bom desenvolvimento, isto por causa das chuvas contínuas que têm ocorrido na região. O mês de dezembro é propício a aplicação de cobertura com uréia, na proporção de 50 gramas por planta.



## TOMATE

Os tomateiros podem ser cultivados durante todo o verão, desde que a semeadura tenha sido feita mais ou menos por agosto e ainda nos meses de dezembro e janeiro. Depois de janeiro não se recomenda mais a semeadura de tomateiros, pois certamente serão atingidos pelas geadas de abril e maio.

As semeaduras tardias devem, preferencialmente, serem feitas em copinhos de papel ou saquinhos plásticos, para que as plantas não sofram muito na hora do transplante. As melhores variedades de cultivo do tarde, são as do tipo "paulista", e devem ser escolhidas de acordo com a orientação técnica.

As áreas de tomate, implantadas em fins de agosto e setembro, estão agora em produção. De um modo geral a sanidade está boa, principalmente naquelas lavouras onde têm sido feitas algumas aplicações de fungicidas.

## HORTA DOMÉSTICA PARA 5 PESSOAS

Repolho	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 3 épocas	- 36m <sup>2</sup>
Couve	12 m <sup>2</sup>	cultivada em 2 épocas	- 24m <sup>2</sup>
Rabanete	4 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 24m <sup>2</sup>
Tomate	10 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 20m <sup>2</sup>
Pepino	10 plantas		- 25m <sup>2</sup>
Alface	12 m <sup>2</sup>	cultivado em 6 épocas	- 72 m <sup>2</sup>
Rúcula	6 m <sup>2</sup>	cultivado em 4 épocas	- 24 m <sup>2</sup>
Cenoura	18 m <sup>2</sup>	cultivado em 2 épocas	- 36 m <sup>2</sup>
Cebola	40 m <sup>2</sup>	cultivada em 1 época	- 40 m <sup>2</sup>
Condimentos	2 m <sup>2</sup>	cultivados em 2 épocas	- 4 m <sup>2</sup>
<b>Total</b>	<b>119 m<sup>2</sup></b>		

## HORTA SUGERIDA

Espécie	Variedade
Repolho	Matzukaze
Couve	Manteiga Geórgia
Rabanete	Red. vermelho, Saxa
Rúcula	Cultivada
Cenoura	Kuroda Nacional
Alface	Marav. de verão, Kograner
Beterraba	Tall Top Early Wonder
Tomate	Koda, Yokota
Pepino	Wisconsin

### 12,5 m OUTUBRO/NOVEMBRO

Cenoura III	Tomate
Beterraba II	Tomate
Espinafre	Repolho II
Couve II	Pepino
Repolho II	Pepino
Repolho III	Condimentos
6 m	6 m
4 m Cebola — Prevenir moléstias. Espaçamento: 10 cm entre plantas 30 cm entre linhas	

### 12,5 m NOVEMBRO/DEZEMBRO

Cenoura III	Tomate
Beterraba II	Tomate
Espinafre	Pousio
Couve II	Pepino
Repolho II	Pepino
Repolho III	Condimentos
6 m	6 m
4 m Plantar: Pepino 2x1m — 10 plantas Abobrinha: 10 plantas	

# Jornal da soja

## Fase difícil para a agricultura

O setor agrícola brasileiro está atravessando uma fase difícil. O caminho para diminuir as adversidades atuais é aumentar a produtividade.

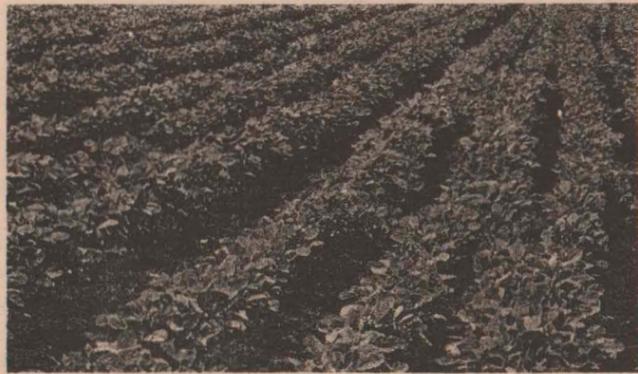
Um dos fatores que mais incidem na produtividade é o controle das ervas daninhas de folha larga.

Nesta época a soja já nasceu ou está a ponto de nascer - e com ela surgem as invasoras.

ras. É a hora de tomar uma decisão inteligente sobre a forma de eliminá-las.

Existem vários métodos que se distinguem entre si pela sua maior ou menor eficiência.

Porém, o controle correto e com maior economia são alcançados com a utilização de BASAGRAN em pós-emergência.



### AMPLO ESPECTRO DE AÇÃO

BASAGRAN controla com máxima eficiência as principais invasoras de folha larga na soja, como: pião preto, guanxuma, corda de viola, quinquilho, pião branco, joá de capote, chifre de veado, carrapicho, trapoeraba, e outras.

### Aplicação simples

Por hectare se aplica: Basagran 1,5 litros - Água 250 litros. Os bicos devem ser tipo leque de vazão 02 - 03 ou similar. A aplicação é feita em um período amplo: desde o nascimento da invasora até que ela tenha 6 folhas.

BASAGRAN é aplicado diretamente sobre a invasora. Não deixa resíduos no solo, não afetando, portanto, a germinação das culturas posteriores à soja.

### CONTROLE NAS ENTRELINHAS E NAS LINHAS

BASAGRAN é completamente eficaz porque não somente elimina as invasoras nas entrelinhas, mas também nas linhas de plantio, deixando a lavoura totalmente limpa de ervas de folhas largas e sem provocar qualquer dano na soja. Desta maneira se alcança um rendimento de colheita consideravelmente maior que o obtido com outras soluções.

BASAGRAN é mais econômico porque sua aplicação é localizada, só é aplicado nos lugares em que as invasoras aparecem.



**Basagran**



O herbicida da certeza

# A CHUVA MOSTROU QUE VALEU CUIDAR MAIS DOS SOLOS

Muita terra boa foi parar nos banhos, rios ou na beira da estrada. Não foram poucas as lavouras em que a germinação da soja ficou difícil, em função da crosta endurecida que se formou na superfície. A enxurrada provocou replantios e, é claro, muito prejuízo. Tudo isso aconteceu em função das chuvaradas, especialmente de outubro e novembro.

Mas poderia ter sido pior, se todo este monte d'água tivesse caído anos antes. A preocupação dos produtores, que cada vez mais aderem às práticas de conservação do solo, evitou que os danos fossem maiores. Esta nova realidade que começa a surgir é analisada abaixo, num artigo do agrônomo Rivaldo Dhein, coordenador da área de solos na Cotrijuí:

O ano de 1982 foi, de um modo geral, muito chuvoso. Com exceção dos meses de janeiro, março e abril, especialmente o primeiro e o último, em todos os demais os índices pluviométricos excederam em muito à média mensal dos últimos 19 anos (veja a tabela ao lado). Estas médias são baseadas em dados do CTC (Centro de Treinamento da Cotrijuí), localizado em Augusto Pestana, e representam mais ou menos o que ocorreu em toda a Região Pioneira.

Excluindo-se o mês de dezembro, até agora o total das precipitações de 1982 já atinge 1.835 milímetros, ou seja, 219 milímetros a mais que a média dos totais anuais entre 1963 e 1981. Além do volume total de precipitações, ocorreram ainda chuvas de grande intensidade ao longo do ano, e principalmente nos períodos mais críticos de preparo do solo e plantio do trigo (maio e junho) e de soja (outubro e novembro), quando o solo fica descoberto e exposto à chuva.

## DOBRO DA MÉDIA

Em junho, as chuvas atingiram 228,6 milímetros, praticamente o dobro da média dos últimos 19 anos para este mês, que é de 115 milímetros. Em novembro, tivemos o espantoso índice de 350,5 milímetros, enquanto que em outubro já havia 223,1 milímetros. As médias para novembro e outubro, nos últimos 19 anos, foram de 142,45 e 154,32 milímetros respectivamente.

Especialmente nestes dois últimos meses, o potencial de erosão foi enorme, e aí se considera o fato de que a lavoura de trigo já se encontrava praticamente colhida e a terra estava sendo preparada para o plantio da soja, com algumas áreas recém-plantadas. De fato, em algumas la-

AS MÉDIAS E A CHUVARADA DESTES ANOS

MESES	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maio	Junho	Julho	Agosto	Setembro	Outubro	Novembro	Dezembro	Total
MÉDIA*	130,6	139,2	115,4	106,1	100,9	115	113,4	167,2	161	154,9	142,5	169,8	1.616
1982	21	175,1	84,3	29,2	141,6	228,6	145,2	269,8	166,6	223,1	350,5	-	1.835

\* A média que aparece na tabela é a das precipitações mensais, nos últimos 19 anos, de acordo com dados do CTC

vouras foram constatadas perdas totais. Perderam-se sementes, adubo, herbicida, combustível e o suor do produtor, e foi necessário repetir o preparo do solo e o plantio, já em época menos favorável.

## MENOS DANOS

Apesar disso, encarando a Região Pioneira da Cotrijuí como um todo, pode-se afirmar com segurança que os danos por erosão foram muito aquém do que poderia ser esperado, em função da intensidade das chuvas. Há poucos anos atrás, com precipitações bem inferiores, os prejuízos eram muito maiores. Esta constatação não é somente nossa, mas também de pesquisadores de solos, de universidades, que nos visitaram exatamente com o objetivo de avaliar as perdas de solos decorrentes destas chuvas.

Estas observações nos tranquilizam. Confirmam que o trabalho que vem sendo desenvolvido pela equipe do Departamento Agrotécnico, buscando uma maior conscientização conservacionista dos associados, vem sendo plenamente recompensado. As práticas simples e baratas, recomendadas pelo Projeto Integrado de Uso e Conservação do Solo e difundidas pelo Departamento Agrotécnico, como a não-queima da palha, subsolagem, cultivo mínimo, plantio direto, rotação de culturas, igualmente tiveram sua eficiência comprovada.

As lavouras que mostraram maiores prejuízos foram exatamente aquelas que tiveram a resteva queimada e receberam preparo do solo mais intenso. As áreas submetidas à rotação de culturas, com incorporação da palha ou com plantio direto, em sua maioria não sofreram danos. Se ainda existia algum produtor que não acreditava nestas recomendações, se aproveitou para observar o que aconteceu no campo, sem dúvida deve ter-se convencido da sua eficiência e importância. Percebe-se que conservar o solo é relativamente simples e barato. A natureza nos ensina a fazê-lo, cobrindo o solo com vegetação e mantendo-o imobilizado. Basta que procuremos imitá-la.

## MENOR AGRESSÃO

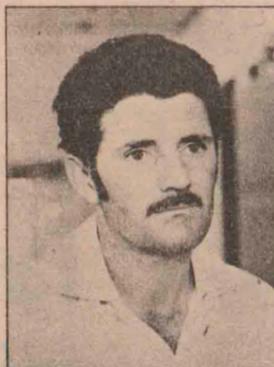
Se não podemos manter o solo plenamente coberto de vegetação verde, que pelo menos deixemos que as restevas façam isso entre a colheita de uma e o plantio de outra cultura. Se somos obrigados a trabalhar o solo, que pelo menos ele sofra a menor "agressão" possível. Que seja praticado o cultivo mínimo ou plantio direto, e que se transite menos sobre ele com máquinas pesadas.

Se somos os responsáveis pela sua compactação subsuperficial (que dificulta a infiltração da água e o enraizamento), procuremos descompactá-lo através da subsolagem a 30 centímetros de profundidade, seguida do cultivo de plantas recu-

peradoras, com raízes profundas e agressivas, como o tremoço, a ervilhaca, colza, aveia e milho.

Até aqui, muitos produtores e mesmo técnicos pensavam que o terraceamento fosse a principal prática conservacionista. De forma isolada, ela é pouco eficiente e não assegura uma boa conservação do solo. Deve ser encarado como prática complementar, embora sempre necessária. Nem poderia ser diferente, quando se sabe que 95 por cento da erosão é consequência do impacto da chuva na superfície do solo. O terraço não evita o impacto da chuva. A cobertura vegetal do solo, com plantas verdes ou resteva, amortece este impacto, diminuindo seu poder de erosão.

## As boas e más experiências



Valdíio de Bonna



Darci Wrasse



Geraldo Overgoor

**Valdíio Antônio de Bonna**, capataz da granja de Arnaldo Rower, em Vista Alegre (Redentora): "A chuva abatumou a terra e as sementes não tiveram condições de germinar. Plantamos 28 hectares de soja, e tivemos que replantar uns 20 hectares. Mas este não foi o primeiro ano que as chuvas deram problema.

Nos outros anos, quando a chuva não abatumava a terra, ela carregava toda a semente pra fora da lavoura. Mas de uns três anos pra cá estes problemas diminuíram bastante, porque construímos terraços mais fortes, de base mais larga.

Além disso, deixamos a palha na lavoura e realizamos plantio direto. Dá pra notar que a erosão diminuiu bastante. O estrago deste ano foi grande, mas seria bem maior se não fossem o plantio direto, a não-queima de resteva e os terraços mais fortes, com base larga".

**Darci Wrasse**, Ponte do Ijuzinho (Augusto Pestana), planta em 32 hectares: "Nossa lavoura é terra de ladeira, com muito pedregulho e arenosa, e nós enfrentávamos problemas de erosão, às vezes tendo que replantar a lavoura. Este é o primeiro ano que utilizamos o plantio direto, em três hectares de um total de 25 hectares de soja. Comprei a plantadeira em sociedade com meu pai.

Até uns três anos atrás, se queimava a palha do trigo, mas agora já se sabe que

isto é a maior bobagem, pois a palha controla a erosão e fortifica o solo. O plantio direto foi feito numa área onde havia aveia, e se deixou a resteva.

A germinação da soja é facilitada com o plantio direto, e quanto menos se mexe na terra, menos incho ela tem. É preciso cuidar da terra agora, porque, se não acontecer isso, a situação fica sempre pior".

**Geraldo Overgoor**, Linha 6 Norte (Ijuí), planta em 45 hectares: "Eu sempre saía pra lavoura com uma caixa de fósforos no bolso pra queimar a palha. Mas este é o quarto ano que planto soja com plantio direto, sempre conservando a resteva. No início, os vizinhos davam risada, achavam que não daria certo, porque não se preparava a terra.

Planto a soja sobre resteva de trigo e aveia, em 80 por cento da área. Este ano com as chuvas, teve vizinho que replantou umas três vezes, por causa da erosão. A minha terra também tinha muita erosão. Hoje, eu já sei que a soja com plantio direto ajuda na conservação do solo e rende até cinco sacos a mais por hectare que a plantada no convencional.

Com soja plantada em cima da resteva, eu durmo tranquilo. Antes, os terraços não resistiam. Hoje noto até que a água que corre sai mais limpa, não leva terra junto. Os vizinhos já estão seguindo meu exemplo".



Nestes dois últimos anos o potencial de erosão foi muito grande



SUPLEMENTO INFANTIL

ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU FRANCISCO DE ASSIS - FIDENE IJUI

# MEU IRMÃO É...

"Não brinco mais contigo!"  
"Não sou mais teu amigo!"

Isto a gente ouviu seguidamente do irmão da gente, que quando no melhor da brincadeira embirra, sei lá porque, deixando a gente louco de raiva. Mas é também aquele amigão que percebendo a tristeza da gente por causa da bronca do papai, da mamãe ou da professora na escola, vai se aproximando com um brinquedo (dele) que sabe que a gente gosta e diz:

- "Tá, fica prá ti. É teu.

Por isso é bom e é ruim a gente ter irmã ou irmão. Esta é a opinião dos alunos da 1a. série da professora Rosana Barros - Escola Francisco de Assis - Ijuí.

Christopher Schneider - Meu irmão é menor que eu. Às vezes ele briga comigo, quando eu não faço o que ele quer. Eu gosto de brincar com ele, porque às vezes ele não é chato, certo?

Letícia S. Christmann - Eu gosto mais de brincar com a minha irmã de 13 anos porque ela brinca de "muitas coisas". Ela esculhamba bastante, a gente atira almofadas e desarruma o quarto e depois ela arruma sozinha, porque ela é grande, e eu fico na moleza.

Daniela Frantz - Eu gosto muito da minha irmã. Ela é pequeninha, eu brinco com ela e ela ri... É a primeira irmã que eu tive. Ela é a "mais melhor amiga" que eu tenho. É um amor!

Luís Marcelo Yerk - Eu gosto mesmo é de brincar de esconde-esconde com minha irmã pequena. Ela é meio burrinha e eu me escondo e ela não me acha. Eu vou embaixo da cama e ela não me vê.

Daniela Klimiuk - Gosto da minha irmã de 11 anos porque quando a mãe sai, nós fazemos casinha e ela sabe brincar bem e nunca briga comigo.

Larissa Lutz - Eu tenho duas irmãs, a Letícia e a Vanessa. A "Nessa" não briga tanto. Ela é mais querida. Eu brinco de filhinha com ela, eu sou a mamãe. É bem bom, e ela é o meu nenê...

Liliane de A'vila - Eu tenho só uma irmã. É bom porque ela sempre anda de bicicleta comigo. Nós fazemos até corrida e ela sempre deixa eu "ganhar" dela.



Bárbara Costa Bardini - Não gosto do meu irmão Felipe porque nós "tava" brincando e ele disse que não queria mais brincar comigo porque eu dava risada. Que bobo, né?

Marina Cabeda Muellwald - Olha tia, eu não gosto de brincar com meu irmão, que chama Alexandre, porque ele me incomoda demais e não deixa eu brincar com minhas amigas. Eu gosto de brincar com o "Gabi" porque ele é mais querido, eu não sei dizer como.



# É NATAL

É um fim de mês. É também o fim de um ano. São as festas que se aproximam. É Natal.

Todos esperam ansiosamente pelas férias, os presentes, a família ou os amigos reunidos, enfim, uma série de acontecimentos que produzem nas pessoas uma sensação ao mesmo tempo de movimentação e de paz: é Natal. As crianças brincam, correm pela casa à espera dos presentes. É a festa mais esperada, mais íntima, mais querida por todos. Talvez pela tradição, talvez pela oportunidade de oferecer e ganhar presentes.

Ano após ano, o Natal, é comemorado por grandes e pequenos. Porém, diante da atual situação econômica do país, em que cada vez mais, menos pessoas podem comprar comida, remédios, roupas e ca-

sa para morar, não podemos nos esquecer que milhões de crianças brasileiras não terão festa e nem presentes neste Natal. Esta festa é a "festa" do comércio e das fábricas de brinquedos, que realizam nesta época do ano suas maiores vendas.

A mensagem de amor, paz e fraternidade, que o Natal deveria deixar em todos os corações, deixa justamente o contrário para a maioria das pessoas: o que existe é fome, tristeza, fadiga.

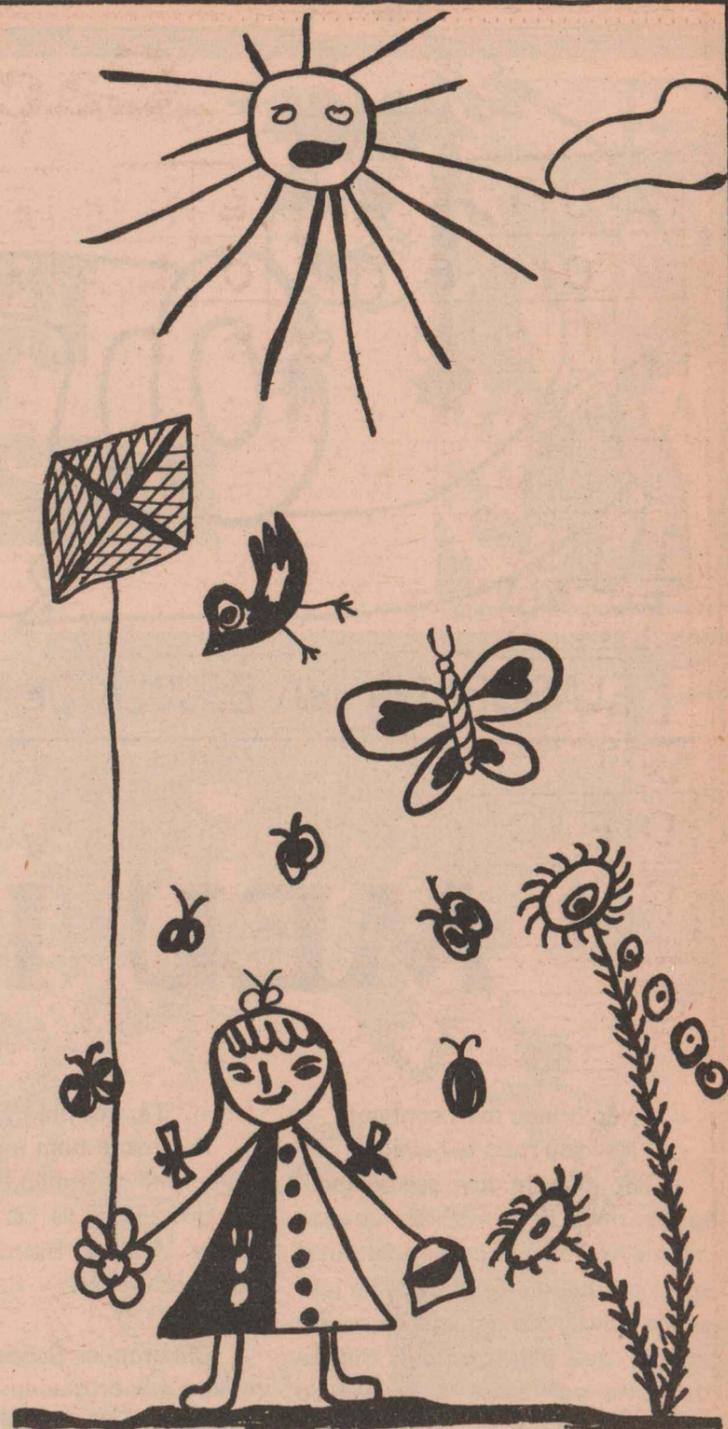
Crianças! Vamos desde já lutar por uma sociedade mais humana, mais justa, onde todos possam realizar sua tão querida festa natalina.

Com certeza esta será a melhor forma de comemorar o Natal.

## O que é, o que é?

- 1) Qual é a primeira coisa que um jardineiro põe no jardim?  
Resposta: .....
- 2) Que país é um prato popular servido no dia de Natal?  
Resposta: .....
- 3) Qual é a palavra de quatro sílabas que contém vinte e três letras?  
Resposta: .....
- 4) O que é que fica em cima de sua cabeça e embaixo de seu chapéu?  
Resposta: .....
- 5) O que é que um livro tem igual às árvores?  
Resposta: .....
- 6) Qual é o cúmulo dos exageros?  
Resposta: .....

Respostas:  
1) novo fôfo; 2) fôfo; 3) alfabeto;  
4) hair cobble; 5) as folhas;  
6) harsar manta no fio de Agucar.



## Você consegue?

5	5	
+	4	
7	9	4

Gugo está tendo dificuldade em trocar os objetos pelos números, de modo que a soma se apresente correta.

Você gostaria de ajudá-lo?



# Caça-palavras

C	O	M	P	R	E	E	N	S	Ã	O	P	A
P	O	F	E	S	C	O	L	A	M	N	P	P
S	T	U	A	V	X	S	Z	A	B	R	D	R
H	I	A	L	I	M	E	N	T	A	Ç	Ã	O
J	L	M	E	N	O	G	P	Q	F	C	S	T
T	U	V	G	X	Z	U	A	B	E	A	C	E
A	M	O	R	D	E	R	F	G	T	R	H	Ç
I	J	L	I	M	N	A	P	Q	O	I	R	Ã
S	T	U	A	V	X	N	Z	S	T	N	U	O
D	E	D	I	C	A	Ç	Ã	O	V	H	O	M
P	Q	A	B	E	F	A	G	H	L	O	N	I

Eu preciso de:

afeto  
compreensão  
escola  
alimentação  
alegria  
segurança  
dedicação  
carinho  
proteção  
amor



O homem  
que pensa  
por 5

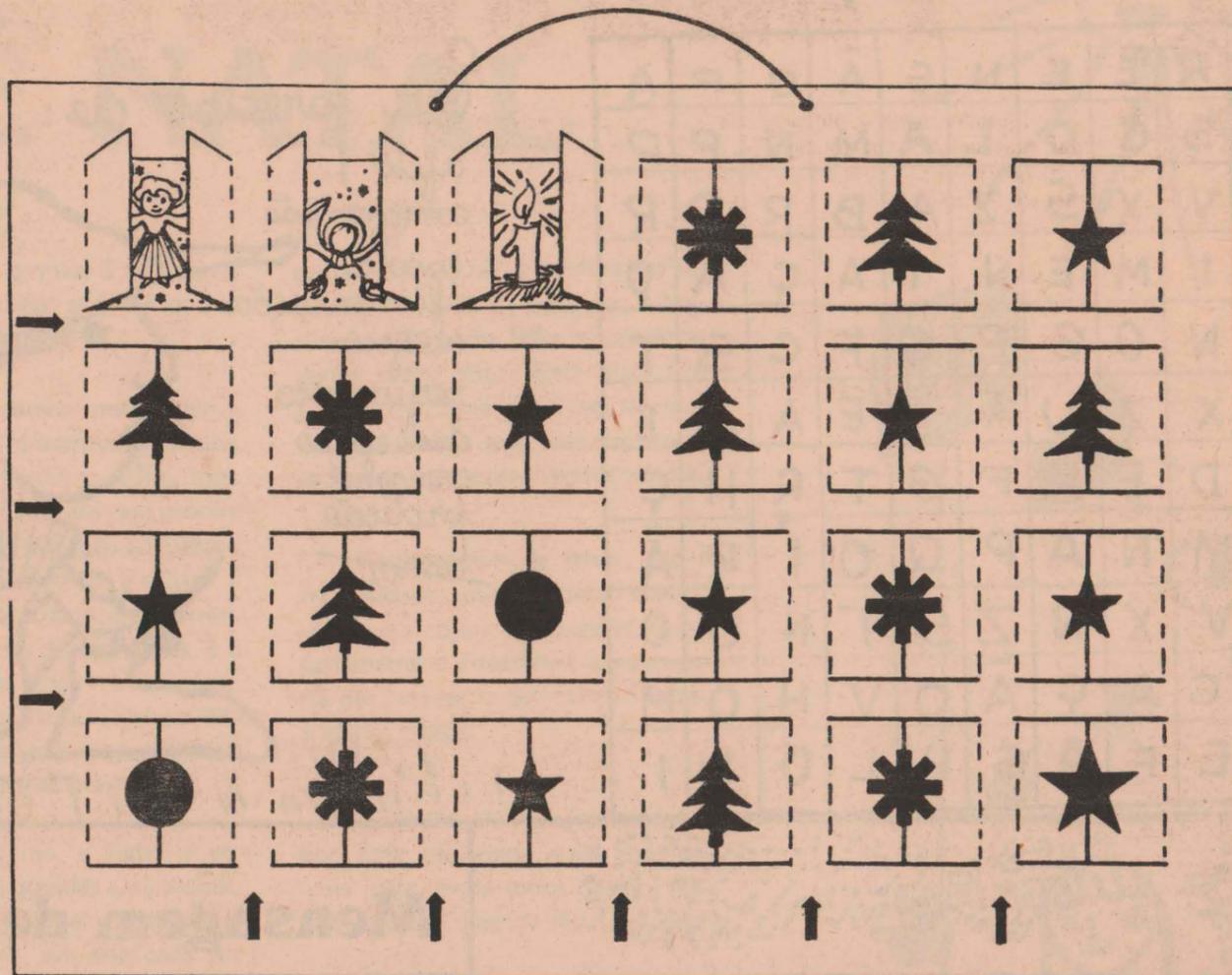
## Mensagem de Natal

Escureceu...  
As estrelas começaram a bordar o infinito.  
Os pássaros terminaram sua sinfonia e mudos re-  
tornaram para os ninhos.  
A quietude se faz presente... quebrada somente  
pelo cri... cri... dos grilos.  
É Natal.  
A noite desce como uma magia...  
Os passos, as vozes, os ruídos são abafados pelos  
corações que começam a pulsar descompassadamente.  
As mãos se buscam numa mensagem muda.  
Os lábios murmuram canções que não são ouvidas,  
os olhos refletem ternura sem fim.  
No ar há um quê de mistério... indefinível.  
É NATAL!  
É luz! é alegria! é paz!  
É felicidade! é amor!  
Que em seu lar, neste NATAL, TODA A FELICI-  
DADE se faça presente.  
Mesmo que as tristezas envolvam sua vida.  
Faça um duplo esforço: supere e sorria.  
Supere... porque a vida não é só feita de tristezas.  
Sorria... porque seu sorriso é muito importante  
para os outros e também para você.  
Abra o coração, deixe a música suave do Natal pe-  
netrar bem no fundo de sua alma.  
Não existem só tristezas... é preciso buscar  
mais... muito mais.  
Se você buscar a felicidade, a encontrará... Talvez  
no sorriso de uma criança pobre, Neste Natal  
Neste Natal  
... você consiga ser feliz.



Invenção de Marcelo Von Gröhl - 6ª série - EFA - IJUI.

# Enfeites de Natal



## Calendário de Advento

Advento é o período que antecede o Natal, de 1º de dezembro até o dia 24. Como o melhor da festa é esperar por ela, vamos preparar um calendário que nos diga, dia por dia, quantos faltam para a chegada do aniversário de Jesus.

**Material:** Pedaco de papelão de 33x24cm, papel decorado, papel colorido, 24 figurinhas diversas, régua, lápis, tesoura e cola.

**Execução:** 1 - Revestir o papelão com o papel decorado; esco-

lher um bem vistoso, com detalhes dourados ou prateados.

2 - Cortar o papel colorido no tamanho do papelão. Desenhar na parte de trás 24 janelinhas. Cada uma mede 4x4cm, com 1 cm entre a vizinha; as margens externas medem 2 cm de largura. É preciso medir cuidadosamente, para que o trabalho fique com bom acabamento. Cortar ao longo das linhas pretas; as linhas pontilhadas são as dobradi-

ças que permitem abrir as janelinhas.

3 - Colar o papel sobre o papelão. Passar cola apenas nas margens, e nas linhas indicadas pelas setas.

4 - Abrir as janelinhas, e colar uma figurinha dentro de cada uma. Escolham decalques, recortes de revistas, ou desenhos próprios. Os domingos de advento já têm ar festivo; portanto, marquem estes dias com

as figurinhas mais bonitas. Os motivos podem ser velas, anjos, brinquedos, imagens religiosas, etc.

**Remates:** Fazer dois furos na parte superior, e prender um cordão ou fitinha para pendurar o calendário na parede. Selar as janelinhas com minúsculas estrelas, pinheiros ou bolas de papel dourado. O presenteado abre uma em cada dia do Advento, revelando a surpresa que ela esconde.

## Estrelas de Natal

Usar canudos de palha ou de plástico, que podem ser achatados, recortados ou partidos ao meio. Para achatá-los, deixar de molho em água por algum tempo, e passar a ferro quente. Os de plástico são achatados com ferro morno, porém colocando papel ou pano por ci-

ma.

Escolham nas figuras abaixo o tipo de estrela desejado. Preparem os diversos pedacinhos, cole os dois primeiros em cruz, e prendam os demais com fio colorido ou dourado; rematar com um pingo de cola.

